

**GESTÃO DA EDUCAÇÃO DOS PRESBÍTEROS: A EXPERIÊNCIA DE
FORMAÇÃO NUM SEMINÁRIO DIOCESANO.**

DIRCEU MONTOVANI

**A GESTÃO DA EDUCAÇÃO DOS PRESBÍTEROS: A EXPERIÊNCIA
DE FORMAÇÃO NUM SEMINÁRIO DIOCESANO.**

DIRCEU MONTOVANI

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Práxis Pedagógicas e Gestão de Ambientes Educacionais.

Orientadora: Prof^ª Dra. Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri

372.01
M798g

Montovani, Dirceu

A gestão da educação dos presbíteros: a experiência de formação num Seminário Diocesano / Dirceu Montovani. – Presidente Prudente : [s. n.], 2007.
157 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE: Presidente Prudente – SP, 2007.

Bibliografia

1. Elders (Church officers). 2. Dioceses--Presidente Prudente. 2. Currículo - mudança. 4. Educação cristã. I. Título.

DIRCEU MONTOVANI

**A GESTÃO DA EDUCAÇÃO DOS PRESBÍTEROS: A EXPERIÊNCIA DE
FORMAÇÃO NUM SEMINÁRIO DIOCESANO.**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 25 de abril de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof. Dra. Helena Faria de Barros
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof. Dr. Cláudio Edward dos Reis
Universidade Estadual Paulista - Unesp –
Assis - SP

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares e amigos, onde experienciei que o amor faz ultrapassar os próprios limites.

A Prof^a Dr^a. Lucia pela amizade, pela paciência, pela orientação e incentivo para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu o dom da vida e do discernimento. Ao Mons. Jésus, sem cuja compreensão e encorajamento não teria tido condições de me dedicar aos estudos. Ao Mons. José Antonio pela valiosa colaboração. À Lucia Pessoa pela partilha. Aos seminaristas, professores e formadores do Seminário Diocesano que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

“Os meus pensamentos não são vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus caminhos. Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e os meus pensamentos estão acima dos vossos pensamentos.”

Isaías, 55, 8-9

RESUMO

A pesquisa teve a intenção de verificar as mudanças ocorridas na formação dos seminaristas, candidatos ao sacerdócio católico, num seminário diocesano, através da verificação das mudanças ocorridas após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que serviu de inspiração para uma renovada presença na sociedade. Para tanto foi analisada a proposta curricular e as mudanças sofridas nos decorrer do tempo para constatar sua adequação às exigências da formação presbiteral eficiente hoje. As instituições adequadas para este trabalho de formação são os seminários. A formação inicial do candidato ao sacerdócio passa pelo Seminário Menor, onde se realiza os estudos do Ensino Médio e Propedêutico. A metodologia utilizada foi qualitativa. Os resultados coletados através de: questionários e entrevistas favoreceram a análise teórico-reflexiva crítica sobre o tema. Os dados quantitativos foram transformados em tabelas para facilitar a leitura e interpretação dos dados. Os resultados obtidos indicaram, que as mudanças devem ocorrer sempre que se fizerem necessárias, para que o processo ensino-aprendizagem seja mais eficiente e a preparação do seminarista para o futuro exercício sacerdotal. Na realidade da evolução da formação sacerdotal emergiu a proposta de renovação do método formativo dado pelo Vaticano II. Este método formativo visa uma formação como forma de seminário inserido na realidade atual que responde à exigência de formar um sacerdote, homem de comunhão. Trata-se de formar sacerdotes que vivem e que formam o povo de Deus para a cultura da comunhão, da partilha, da justiça social. Trata-se de formar para a descoberta da alegria de viver a comunhão como modo de realização.

Palavras-chave: Gestão da Educação. Formação de Presbíteros. Seminário Diocesano. Currículo.

ABSTRACT

The research had the intention to verify the occurred changes in the formation of the seminaristas, candidates to the priesthood catholic, in a seminary diocesan, through the verification of the occurred changes after Vatican Concílio II (1962-1965), that served of inspiration for a renewed presence in the society. For the reason it analyzed the proposal curricular and the changes suffered during the time to evidence its adequacy to the requirements of efficient the presbiteral formation. The institutions adjusted for this work of formation are the seminaries. The initial formation of the candidate to the priesthood passes for the Lesser Seminary, where it develop the studies of Ensino Médio and Propedêutico. The used methodology was quali-quantitative. The results collected through: questionnaires and interviews had favored the critical analysis theoretician-reflexive on the subject. The quantitative data had been transformed into tables to facilitate to the reading and interpretation of the data. The gotten results had indicated, that the changes must occur whenever to become necessary, so that the process teach-learning is more efficient and the preparation of the seminarista for the future sacerdotal exercise. In the reality of the evolution of the sacerdotal formation was emerged the proposal of renewal of the formative method given by the Vatican II. This formative method aims at a formation as form of inserted seminary in the everyday reality that answers to the requirement to form a priest, communion man . The aim of this work is to form priests who live and that form the people of God for the culture of the communion, the allotment, social justice. The aim of this work is to form the discovery of the joy of living the communion as an accomplishment way.

Key-words: Management of the Education. Formation of Ministers. Seminary Diocesan and Resume.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Número de Alunos do Seminário – Ano 2006	21
QUADRO 2 - Número de Docentes – Ano 2006.....	22
QUADRO 3 – Grade Curricular – 1º grau – 1979.....	77
QUADRO 4 – Grade Curricular – 1º grau – 1982.....	80
QUADRO 5 – Grade Curricular – 2º grau – 1979.....	82
QUADRO 6 – Grade Curricular – 2º grau – 1982.....	83
QUADRO 7 – Grade Curricular – 2º grau – 1996.....	84

LISTA DAS TABELAS

TABELA 01 – Idade dos alunos	87
TABELA 02 – Série em que o aluno está cursando	87
TABELA 03 - Onde o aluno passou a maior parte da infância	88
TABELA 04 – Rendimento familiar	89
TABELA 05 – Atividade religiosa	89
TABELA 06 – Relacionamento	89
TABELA 07 – Atividade profissional	90
TABELA 08 – Onde o aluno cursou o ensino fundamental.....	91
TABELA 09 – Onde o aluno cursou o ensino médio.....	91
TABELA 10 – Residência	91
TABELA 11 – Idade vocacional	92
TABELA 12 – Idade ao ingressar no seminário.....	92
TABELA 13 – Influência familiar.....	93
TABELA 14 – Influência positiva na vocação	94
TABELA 15 – Descoberta da vocação	94
TABELA 16 – Veículo de informação.....	95
TABELA 17 – Tipo de leitura.....	95
TABELA 18 – Ensino de idiomas.....	96
TABELA 19 – Tipos de amizades.....	97
TABELA 20 – Avaliação do relacionamento interpessoal.....	98
TABELA 21 – Tipo de lazer.....	98
TABELA 22 – Relações interpessoais.....	99
TABELA 23 – Dificuldades na vida afetiva.....	99
TABELA 24 – Idade dos docentes.....	100
TABELA 25 – Formação acadêmica.....	101
TABELA 26 – Vida espiritual.....	102
TABELA 27 – Tipo de leitura.....	103
TABELA 28 – Qualidade de formação no seminário.....	103
TABELA 29 – Plano de ensino e metodologia.....	104
TABELA 30 – Avaliação do relacionamento interpessoal.....	105

TABELA 31 – Relações interpessoais.....	105
TABELA 32 – Dificuldades na vida afetiva.....	106

ABREVIATURAS

CEBs – Comunidade Eclesial de Base

CEE – Conselho Estadual de Educação

CFE – Conselho Federal de Educação

CEI – Coordenadoria de Ensino do Interior

CGC – Comunidade de garotos cristãos

CJC – Comunidade de jovens cristãos

CELAM – Conferência episcopal latino-americano

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNC – Comissão Nacional do clero

DGAE – Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil

DREPP – Delegacia regional de ensino de Presidente Prudente

GS – Gaudim et Spes

LG – Lumen Gentium

MEDELILN – 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano

OT – Optatam Totius

PDV – Pastores dabus vobis

PUEBLA - 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano

SE – Secretaria da Educação

SynEp – Synodus Episcoporum

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	20
2.1 Amostra da Pesquisa.....	21
2.2 Coleta de Dados.....	22
2.3 Análise dos Dados.....	23
3 TRAJETÓRIA HISTÓRICA – SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA.....	25
3.1 A Formação sacerdotal no Concílio de Trento.....	25
3.2 Os Seminários e a Formação do Clero no Brasil Colônia até O Concílio Vaticano II.....	29
4 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II – ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	37
4.1 Mudanças Sócio-Culturais.....	37
4.2 Os Principais Traços da Teologia do Vaticano II.....	40
4.3 O Reflexo da teologia Conciliar nas Conferências Latino-Americanas e no Episcopado Brasileiro.....	44
4.4 A Crise Pós – Conciliares.....	45
4.4.1 A Crise nos seminários.....	48
4.4.2 A Crise no presbitério.....	50
4.4.3 O Caminho para superar a Crise.....	54
5 DESAFIOS DA REALIDADE BRASILEIRA NESTES ÚLTIMOS 40 ANOS	58
5.1 O Concílio Vaticano II e o nosso Sistema de Referência.....	60
6 SEMINÁRIO DIOCESANO DE PRESIDENTE PRUDENTE.....	64
6.1 Apresentação e uma Retrospectiva Histórica	64
6.2 Bases Conceituais de Currículo para Análise da Organização do Processo Formativo de Presbíteros.....	70
6.3 Análise do Currículo dos Cursos Ensino Fundamental e Médio do Seminário Diocesano.....	75
6.3.1 Currículo do 1º grau (Ensino Fundamental).....	76
6.3.2 Currículo do 2º grau (Ensino Médio).....	81
7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	86
7.1 Dados Fornecidos pelo Questionário: Seminaristas.....	86
7.1.1 Aspectos Pessoais e Familiares.....	86
7.1.2 Atividades Anteriores ao Ingresso no Seminário Menor.....	90
7.1.3 Vida Acadêmica.....	95
7.1.4 Integração Psicoafetiva.....	97
7.2 Dados fornecidos pelo questionário: Docentes.....	100
7.2.1 Aspectos Pessoais e Familiares.....	100
7.2.2 Atividades Anteriores ao Ingresso no Seminário Menor.....	101
7.2.3 Vida Acadêmica.....	102
7.2.4 Integração Psicoafetiva.....	104

7.3 Análise das Entrevistas.....	107
8 CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....	122
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA.....	126
ANEXOS.....	128
APÊNDICE.....	154

1 INTRODUÇÃO

“Ensinar é tentar fazer com o aluno
uma jornada que lhe fique,
de uma forma positiva, inesquecível”.
Regis de Moraes

A Igreja no Brasil conheceu uma ampla renovação pastoral após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que serviu de inspiração para uma renovada presença na sociedade, confrontada também pelas Conferências Episcopais latino-americanas de Medellín, Puebla e Santo Domingo.

Pode-se enumerar rapidamente algumas das iniciativas mais significativas desse período: a reforma litúrgica; a valorização de formas de expressão da fé mais articuladas com a liturgia; a difusão da Bíblia e a multiplicação dos círculos bíblicos, sementes da multiplicação das comunidades eclesiais de base (CEBs); a criação de novos ministérios e a multiplicação dos agentes de pastoral, especialmente na área catequética e social; a dinamização da pastoral vocacional, com a superação da fase mais crítica dos seminários desde o final dos anos 70; a extensão da ação pastoral a categorias e ambientes até então pouco assistidos (índios, negros, posseiros, pescadores, menores abandonados, mulheres marginalizadas, famílias incompletas); a articulação da pastoral de conjunto e o planejamento pastoral; a defesa dos Direitos Humanos, mesmo a preço de grandes sacrifícios e do risco da vida; a promoção de muitos organismos de participação e corresponsabilidade; a solidariedade entre Igrejas-Irmãs; os novos empreendimentos missionários; o ensinamento episcopal, com pronunciamentos oportunos sobre os grandes temas nacionais.

Este quadro, do recente passado, no conjunto fortemente positivo, não deve esconder as fraquezas do presente e, principalmente os desafios do próximo futuro. As transformações recentes da sociedade não deixaram de repercutir no interior da Igreja e do povo cristão. A fragmentariedade, o pluralismo, o subjetivismo penetraram também na pastoral. Visões diferentes de eclesiologia, trazidas às vezes por algumas pastorais ou movimentos transnacionais, que não conheceram a experiência pastoral brasileira, trouxeram polarizações e conflitos, junto com

elementos que poderão ajudar a enfrentar as novas situações emergentes. Outras dificuldades surgiram no interior de experiências bem sucedidas num recente passado, mas que começam a se revelar menos preparadas às novas condições sociais e culturais. Estas, dificuldades, geram tendências divergentes na sociedade e no âmbito religioso: individualismo, de um lado; tradicionalismo, do outro. O empobrecimento contínuo e generalizado criou outras dificuldades, tornando mais árduo o trabalho dos presbíteros, cujo número não acompanhou proporcionalmente o aumento da população. Em alguns casos, houve comunidades descuidando da Pastoral Vocacional ou aceitando uma formação precária e uma seleção nada rigorosa dos candidatos.

O recente florescimento do número das vocações sacerdotais continua mantendo-se relativamente elevado, não somente em comparação com o início dos anos 70, mas mesmo com os períodos mais favoráveis do começo dos anos 60 ou dos anos 80. Mesmo assim, o aumento das ordenações não conseguiu repor as perdas num passado recente, e o número de padres não acompanhou o crescimento demográfico.

A procedência social das vocações é substancialmente a mesma da última década: jovens nascidos no meio rural ou em cidades pequenas e médias, geralmente de classe média-baixa ou pobre; aumentam, porém, as vocações da periferia das grandes cidades. Raras são as vocações procedentes dos dois extremos da escala social: ricos e miseráveis, sem acesso à escola.

A idade dos vocacionados tende a aumentar. Há menos crianças e adolescentes, mais jovens - adultos. De conseqüência, muitos seminaristas trazem consigo uma bagagem de experiências de trabalho e também de experiências afetivas e sexuais. Está em aumento o número dos vocacionados que procedem de famílias disfuncionais ou incompletas.

Jovens e adolescentes, que apresentam um desejo sincero de abraçar o sacerdócio como opção de vida, precisam de instituições adequadas para ajudá-los no reto discernimento da própria vocação e no desenvolvimento das qualidades e aptidões humanas e cristãs necessárias para a opção pelo ministério presbiteral.

As instituições adequadas a cada diocese são determinadas e organizadas pelo bispo. A formação inicial do candidato ao sacerdócio passa pelo Seminário Menor, em que se realizam os estudos do ensino médio e propedêutico.

Numa definição, Seminário Menor:

É uma comunidade voltada ao aprofundamento da vocação cristã e, especificamente, ao discernimento da vocação presbiteral, à formação inicial e aos estudos preparatórios ao Seminário Maior. No Seminário Menor, haja verdadeira condição para o discernimento pessoal da vocação; propiciem-se, igualmente, contatos regulares com a família e com a comunidade de origem. Tenha-se presente que enquanto alguns alunos aspirem claramente ao ministério, outros só o consideram possível ou até mesmo duvidam ou hesitam em sua escolha. Receba especialmente o jovem vocacionado do curso secundário, que não encontra condições adequadas, de estudo e formação, no seu ambiente. (CNBB, Formação... 1995, p. 34-5).

O período denominado Propedêutico é o tempo de preparação humana, cristã, intelectual e espiritual para os candidatos ao Seminário Maior (Filosofia e Teologia) em vista de um discernimento vocacional. Participam do propedêutico os candidatos ao sacerdócio que já concluíram o segundo grau (ensino médio), sem passar pelo Seminário Menor.

O problema que se coloca neste trabalho de pesquisa é:

- Como o Concílio Vaticano II influenciou a formação dos seminaristas, candidatos ao sacerdócio no primeiro período de formação (Seminário Menor)?
- Quais as mudanças curriculares que ocorreram neste período histórico e suas repercussões na educação eclesial dos jovens?

Enfim, a pesquisa pretendeu realizar-se no Seminário Diocesano Nossa Senhora Mãe da Igreja (Seminário Menor e Propedêutico) – Presidente Prudente-SP. O pesquisador procurou conhecer as reais motivações ao ingresso no seminário, pelo levantamento histórico pessoal, ou seja, o conhecimento da vida do jovem nos seguintes níveis: familiar, comunitário-eclesial, afetivo-sexual, sócio-econômico, intelecto-cultural.

O tema tem relevância sócio-econômica-educacional-cultural e histórica, porque o sacerdote tem participação ativa na sociedade numa íntima relação com a vida do povo. Trata-se do resgate de uma formação ao longo de anos na região do oeste do Estado de São Paulo. O sacerdote tendo como base a sua família, a cultura regional, importante para sua missão de transformação, atitudes e representações sociais.

Para facilitar a trajetória investigativa, foram propostos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Compreender quais são os elementos fundamentais que configuram a vocação sacerdotal no primeiro estágio de formação, seminário menor.

Objetivos Específicos:

- Resgatar pela análise reflexivo-crítico a influência da pedagogia jesuítica no seminário e do Concílio Vaticano II.
- Verificar as alterações curriculares e práticas pedagógicas ocorridas, após o Concílio Vaticano II e a legislação vigente do país;
- Compreer as causas do ingresso e desistências apontando possíveis soluções.

As fases da pesquisa de campo foram:

Após a definição do problema a ser pesquisado foi feito um levantamento bibliográfico que possibilitou a sua delimitação, levantamento dos objetivos, oferecendo, ainda, condições para selecionar os procedimentos. O desenvolvimento da pesquisa seguiu o seguinte roteiro:

- a) **Fase Inicial:** a preocupação foi estabelecer contato com a instituição onde foi realizada a pesquisa a fim de obter a autorização para realizar o trabalho; autorização para pesquisar os arquivos da secretaria; solicitação da grade curricular do curso do Ensino Médio; elaboração do roteiro do questionário e da entrevista.
- b) **Fase de Realização:** compreendeu a pesquisa de campo propriamente dita. O envio do questionário ao ex-alunos; aplicação do questionário aos professores e alunos; realização da entrevista com o grupo de alunos selecionados; análise do currículo do curso do Ensino Médio. O curso propedêutico não tem uma grade curricular, funciona, na maior parte como mini-cursos e varia a cada ano, de acordo com a possibilidade de tempo dos professores convidados.
- c) **Sistematização:** envolveu a organização e tabulação dos dados; elaboração das tabelas para facilitar a visualização do conjunto dos resultados obtidos.
- d) **Análise e Discussão dos dados levantados.**

Esta dissertação ficou assim estruturada, após o item I – Introdução:

- Segundo capítulo, foi apresentada a Metodologia da pesquisa.
- Terceiro capítulo, reflexão sobre a Trajetória Histórico-social da Igreja Católica, tendo como ponto de partida o Concílio de Trento até o advento do Concílio Vaticano II;
- Quarto capítulo, uma análise do conteúdo do Concílio Ecumênico Vaticano II – Abertura de Novos Caminhos para a Igreja e para a Sociedade Contemporânea.
- Quinto capítulo, desafios da realidade brasileira nos últimos quarenta anos;
- Sexto capítulo, foram apresentados de modo sucinto, os quarenta anos de História do Seminário Diocesano de Presidente Prudente.
- Sétimo capítulo, a apresentação e a discussão dos dados.
- Na conclusão o enfoque é dado às contribuições para um efetivo trabalho de formação sacerdotal, com base na proposta de renovação do método formativo dada pelo Vaticano II e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Considerando a realidade hoje, trata-se de formar pessoas que sejam capazes de viver como bons pastores. Pessoas disponíveis e capazes de dialogar com o mundo, com as exigências de transformação das estruturas sociais injustas.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Segundo Alves (1989, p.97-8), *“todo ato de pesquisa é um ato político”*, não havendo, portanto, condições de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o seu trabalho de pesquisa, nem tampouco quanto aos objetivos almejados.

Para Lüdke (1986, p.1) realizar uma pesquisa é, senão, promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre certo assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.

Nesta pesquisa, o autor, pretendeu seguir a abordagem quali-quantitativa, em que a problemática levantada referiu-se à formação oferecida aos seminaristas, candidatos ao sacerdócio no primeiro período de formação, ou seja, no seminário menor, em que se realizam o Ensino Médio e o Curso Propedêutico.

Bogdan e Bicklen (1994 p.47-51), apresentam cinco características básicas que servem de referencial para realizar a pesquisa qualitativa. São elas:

1. A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, conseqüentemente, o contato direto e prolongado do pesquisador com a justificativa de que os fenômenos são muito influenciados pelo seu contexto, sendo tratados em seu ambiente natural;
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. Encontram-se descrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de documentos. Sendo considerados importantes todos os dados da realidade, o pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada;
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O pesquisador deve verificar como um determinado problema se manifesta, nas atividades, nos procedimentos e nas situações cotidianas;
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Deve haver a tentativa de captar a “perspectiva dos participantes”, ou seja, a maneira como estes encaram as questões que estão sendo enfocadas;

5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Não é preocupação dos pesquisadores buscarem evidências que comprovem hipóteses definidas a priori. As abstrações se formam ou se consolidam a partir da inspeção de dados, num processo de baixo para cima. Essa não colocação de questões formuladas antecipadamente, não significa a inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta e a análise de dados. O processo é como um funil: no início, questões ou focos de interesses amplos, que no final se tornam diretos e específicos.

A escolha do método quali-quantitativo possibilitou contato direto e prolongado do pesquisador com a situação que estava sendo investigada e a possibilidade de fácil acesso aos dados necessários à realização da mesma.

2.1 Amostra da Pesquisa

Os dados foram coletados durante o segundo semestre do ano letivo de 2006, (agosto a dezembro) e analisados em seguida, sendo tabulados por agrupamento de respostas coincidentes e comparando-as entre si.

Inicialmente optou-se pela divisão do contingente em dois grupos distintos: alunos e professores. O número de alunos que respondeu ao questionário corresponde a vinte e três (23), ou seja, a totalidade e sete (07) ex-alunos.

Quadro 01 – Número de Alunos do Seminário – Ano 2006

Alunos: Ensino Médio	12
Alunos: Propedêutico	11
Ex-alunos	07
Número de sujeitos participantes da pesquisa	30

Fonte: Pesquisa realizada - Presidente Prudente, 2006.

Os professores que participaram da pesquisa foram no total dezessete (17) que estavam atuando no segundo semestre de 2006. Não foi possível a

participação de todos os professores, pois alguns são convidados que ministram mini-cursos no para os alunos do propedêutico, não havendo uma lista fixa dos mesmos.

Quadro 02 – Número de Docentes – Ano 2006

Docentes: Ensino Médio e Propedêutico	23
Número de sujeitos participantes da pesquisa	17

Fonte: Pesquisa realizada - Presidente Prudente, 2006.

2.2 Coleta de Dados

Foram utilizados, na pesquisa, os seguintes procedimentos:

1. Questionário: com questões abertas e fechadas para levantar dados referentes aos aspectos pessoais e familiares, atividades anteriores ao ingresso no seminário, vida acadêmica e integração psicoafetiva. Foram elaborados dois tipos de questionários seguindo basicamente a mesma organização, sendo um aplicado aos Alunos e outro aplicado aos Professores. (Anexo -1)

Em seu conjunto, as perguntas foram distribuídas da seguinte maneira:

a. Bloco I: Dados Pessoais e Familiares, contendo vinte questões para os alunos e dezesseis questões para os professores.

b. Bloco II: Atividades Anteriores ao Ingresso no Seminário, contendo vinte questões para os alunos. Atividades no Seminário Menor, para os professores, contendo duas questões.

c. Bloco III: Vida Acadêmica, contendo quarenta e quatro questões para os alunos e quarenta e duas questões para os professores.

d. Bloco IV: Integração Psicoafetiva, contendo nove questões para os alunos e professores.

O questionário feito aos alunos foi aplicado por uma profissional da área de Assistência Social, uma pessoa neutra, para que não houvesse interferência nas respostas dos entrevistados. Todos os alunos foram reunidos numa sala da instituição e, após a explicação do questionário, todos concordaram em participar respondendo o mesmo.

O questionário aplicado aos ex-alunos foi enviado através de correspondência postal e todos foram devolvidos devidamente respondidos.

2. Entrevistas: do total dos alunos participantes na pesquisa, foram escolhidos dez (entre as séries do ensino médio e propedêutico) para serem entrevistados, correspondendo a 43,5% do total dos alunos. As entrevistas permitiram o aprofundamento de pontos levantados pelo questionário. A importância da entrevista em comparação a outras técnicas é a possibilidade de obter informações imediatas.

Durante as entrevistas os alunos foram informados que as mesmas seriam gravadas e anotadas junto aos entrevistados. Foram também informados sobre os objetivos da pesquisa, que a identidade dos mesmos estaria protegida pelo sigilo da pesquisa científica e que os dados seriam utilizados, somente, na pesquisa. O roteiro foi muito simples e suficientemente abrangente, numa tentativa de preservar a espontaneidade do entrevistado e captar as informações desejadas. Basicamente foi pedido que cada entrevistado falasse, em linhas gerais, sobre a formação recebida no seminário, contendo as seguintes informações: metodologia das aulas, relação professor/aluno, conteúdo das disciplinas, avaliação e falha que percebe na formação.

3. Leitura dos Documentos: a pesquisa desenvolveu-se num longo tempo de leitura dos arquivos do seminário em busca de elementos que favorecesse a redação da história do mesmo e também a composição curricular. Também, buscou-se neste período as informações contidas nos processos e resoluções sobre o reconhecimento do curso junto aos órgãos competentes Conselho Estadual de Educação e Delegacia Regional de Ensino de Presidente Prudente (CEE, DREPP), com a finalidade de verificação da criação do curso e do currículo oferecido para a formação dos seminaristas.

2.3 Análise dos Dados

Bogdan e Bicklen (1994, p. 205) sugerem que o pesquisador se utilize de uma série de estratégias, a fim de que não termine a coleta de dados com uma série de informações difusas e irrelevantes. Afirma ainda que a apresentação dos dados deve ser colocada de forma clara e coerente, necessitando de uma revisão

das idéias iniciais, repensando-as, reavaliando-as, e novas idéias poderão então surgir.

A leitura dos dados foi feita cuidadosamente no sentido de compreender bem os desafios da instituição religiosa (seminário) de lidar com questões contemporâneas bem concretas, dentre elas: a formação dos jovens em suas várias instâncias (espiritual, intelectual, afetiva, comunitária, etc.).

Os dados obtidos através dos questionários foram contados, tabulados e organizados em tabelas separando-os em duas classes: Alunos e Professores.

3 TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA

A história contribui de modo excelente a entender a necessidade e o limite da formação eclesial. Refletir a luz da história humana, a trajetória da Igreja Católica, no que tange à formação clerical, é sem dúvida um desafio.

O percurso histórico propicia um esclarecimento recíproco do passado pelo presente e do presente pelo passado: se o presente nos auxilia a discernir o que esteve em jogo no passado, o passado nos permite também uma verificação sobre o presente e perceber aquilo que, nos seus desenvolvimentos, pertence à homogeneidade estrutural de uma função e que obedece a certas variações históricas.

A reconstrução do passado no presente constitui uma forma de alicerçar o futuro. A Trajetória Histórica da Igreja Católica iniciará com uma breve reflexão sobre as conclusões do Concílio de Trento na tentativa de discernir com maior profundidade certas evoluções atuais.

3.1 A Formação Sacerdotal no Concílio de Trento

O grande Cisma do Ocidente deixou profundas marcas no clero e foi, provavelmente, a semente provocadora da Reforma de Lutero. Também o estudo apaixonado de autores gregos e latinos, ou seja, autores pagãos, marcaram a época do Renascimento e preparou o afastamento da verdadeira piedade, isto é, ensejou o ambiente propício à Reforma de Lutero. Muitos padres “*progressistas*” da época, com libertinagem que caracterizava sua vida, podem ser considerados os precursores da Reforma. A verdade é que na primeira metade do século XVI foi a Igreja abalada seriamente pela revolução conhecida na História com o nome de Reforma. Um conjunto de circunstâncias conhecidas fez o protestantismo espalhar-se pela Alemanha, Inglaterra, etc.

O Concílio de Trento, convocado pela primeira vez pelo Papa Paulo II em 1536, que só se iniciou em 1545, tendo sido interrompido várias vezes, teve seus trabalhos concluídos sob o pontificado de Pio IV em 1563,¹ com a aprovação do

¹ Cinco Papas se sucederam, na Cátedra de São Pedro, durante o tempo que durou o Concílio, que foi de 1545 a 1563: Paulo III (1534 – 1549); Julio III (1550-1555); Marcelo II (1555, cujo pontificado durou apenas 21 dias), Paulo IV (1555-1559), Pio IV (1559-1565).

esquema geral “*De Reformatione*”, com 42 artigos, que pode ser considerado como a essência da reforma tridentina.

Segundo Dué (1999, p. 214-215), o Concílio de Trento consolidou a doutrina, o culto, o direito canônico, sobre as bases inabaláveis da Sagrada Escritura e Tradição. A verdade surgiu em todo o seu esplendor e consolidou a posição da Igreja. O problema central da reforma foi o clero diocesano e regular, isto é, a formação, purificação e ação pastoral de um clero reformado, baseado no princípio: o bispo e o pároco são os responsáveis pelo cuidado pastoral das almas e para este objetivo devem dedicar sua formação e sua ação. Exigiu a coerência entre o que era e como se vivia. Isto implicava numa boa formação, numa vida moral digna e numa dedicação total à função sacerdotal.

O seminário do Concílio de Trento nasceu a partir de circunstâncias históricas, estruturais e conjunturais daquele tempo. E foi criado porque já havia todo um clima, e uma série de experimentos já estava em curso. Quando foi decretada a criação dos seminários, já havia um referencial no qual basear-se.

Mesmo assim, a palavra seminário não foi muito usada no início. Usava-se mais a palavra “collegium” ao lado da palavra seminário que, pouco a pouco, foi fazendo estrada, mesmo porque a instituição a que se queria dar vida era algo de novo. (JEDIN, 1975, p. 77-5).

Depois que Trento chegou à criação dos seminários, ficou famosa a frase – se Trento não tivesse outro proveito que aquele de criação dos seminários, este teria bastado para compensar todas as fadigas que enfrentou. O seminário fundado pelo Concílio de Trento era, em geral,

Construído ao lado da catedral e do bispado, e o bispo participava ativamente da vida dos seus seminaristas. Era, além disso, aberto à cidade que o considerava um centro de cultura e de religiosidade. Os alunos podiam ser internos (especialmente aqueles que provinham de paróquias distantes), ou externos (aqueles que habitavam na cidade). Esses participavam da vida religiosa e social da cidade e os cidadãos, às atividades recreativas e culturais do seminário. Tudo isso era facilitado pelo fato que a cidade era ainda uma cidade-Igreja e a sua cultura não era hostil à religião (PEPE, 1989, p. 95-96).

Este seminário inserido no meio da comunidade citadina, com o passar do tempo, lentamente sofreu profundas transformações influenciadas pelas mudanças históricas, tais como, a revolução francesa, a queda do Estado Pontifício e o diálogo sempre mais difícil entre os homens de Igreja e a nova cultura.

Estes desafios e acontecimentos históricos fizeram com que, segundo Gaudrini, (1974, p. 231), o seminário, de aberto que era na sua constituição originária, se fechasse, apartando-se da vida da sociedade, tornando-se o lugar que preserva os candidatos ao sacerdócio dos influxos negativos do mundo. O seminário separou-se da vida da cidade, muitas vezes também geograficamente. Nestes ambientes retirados, os alunos eram formados numa sólida disciplina que nem sempre conseguia valorizar a iniciativa pessoal, numa teologia neo-escolástica que achava difícil o diálogo com a cultura corrente e em uma religiosidade sincera, mas frequentemente individualista. Os seminários assim entraram em certa estaticidade defronte à história que evoluía sempre com maior rapidez.

Uma reflexão mais detalhada que o Concílio de Trento determinou para a vida nos seminários encontra-se registrado no Código de Direito Canônico. O Código de Direito Canônico promulgado em 1917, pelo Papa Bento XV, nos cânones 1352–1371, reproduz com fidelidade as conclusões reformistas do clero no Concílio de Trento.

Quanto à organização dos seminários compete à Igreja acolher aqueles que se mostrarem intencionados à vida sacerdotal. O Cânone 1352 diz que compete à Igreja esse direito próprio e exclusivo de formar a quem deseja consagrar-se aos ministérios eclesiásticos.

As instituições (seminários) sejam organizadas pelo bispo, segundo as condições de cada lugar, bem como o grau de formação: seminário menor e seminário maior. “Todas as dioceses devem ter um lugar conveniente, escolhido pelo bispo, seu seminário ou colégio, no qual, conforme as possibilidades e tamanho da diocese se formem certo número de jovens para o estado clerical.” (CÓDIGO, 1978, p. 527). Conforme citado acima, nas dioceses maiores é necessário se estabelecer dois seminários: o menor, para instruir os meninos na “ciência das letras”, ou seja, as primeiras séries escolares (primeiro e segundo graus); e maior para os cursos de filosofia e teologia. Caso a diocese não dispõe de recursos necessários para fornecer tal formação deverá enviar os alunos (maiores) para um seminário interdiocesano ou regional.

Quanto à manutenção dos seminários, o Código de Direito Canônico, determina a autoridade de o bispo providenciar o necessário propondo: primeiro que os padres façam campanhas ou coletas em dinheiro ou espécie (alimentos) em tempos determinados para o sustento do seminário; segundo, prescrever uma taxa

nas paróquias de sua diocese; terceiro, se isto não basta aplicar ao seminário alguns benefícios simples.

Quanto às qualidades de admissão do candidato o Código prescreve:

O ordinário (bispo) não admitirá no seminário senão os filhos legítimos cuja índole e vontade em fundadas esperanças de que sempre exercerão com fruto os ministérios eclesiásticos. Antes de ser admitidos devem apresentar atestado de seu legítimo nascimento, de ter recebido o batismo e a confirmação (crisma) e de sua vida e suas condutas. Não se admitirá os que forem expulsos de outros seminários ou de alguma religião sem que antes o bispo tenha pedido informações, ainda secretas, aos superiores ou a outros acerca do motivo porque foram expulsos, e acerca dos costumes, índole e talento, e tenham averiguado com certeza não encontrar-se nada neles que os desabone do estado sacerdotal; os superiores têm obrigação de facilitar estas informações, que devem ajustar-se à verdade, sem prejudicar gravemente sua consciência. (CÓDIGO, 1978, p. 530).

Quanto à prática religiosa aplicada nos seminários é função do bispo proporcionar aos alunos que participem todos os dias das orações da manhã, da tarde e dediquem algum tempo à meditação e principalmente, “*assistam ao sacrifício da missa*”. Além dessas práticas diárias, é necessário que se confessem pelo menos uma vez por semana. Aos domingos e dias festivos assistam à missa e a oração da véspera solene, de preferência na Catedral. Tenham todos os anos, exercícios espirituais (retiros), de alguns dias seguidos. É necessário ainda, assistir, semanalmente instruções sobre temas espirituais com finalidade piedosa. (CÓDIGO, 1978, p. 533).

Determina o Código que os alunos que estiverem fora do seminário sejam cuidadosamente acompanhados por um sacerdote piedoso e idôneo, que vigie e os guie pelos caminhos da piedade. Mas é preferível que os aspirantes às sagradas ordens sejam recebidos no seminário desde seus primeiros anos. (CÓDIGO, 1978, p. 369. 534).

Ainda dentro do esquema disciplinar, o reitor do seminário e outros diretores devem cuidar que os alunos observem as normas aprovadas pelo bispo. Devem cuidar dos preceitos de higiene, limpeza da roupa e do corpo e portar-se com suavidade, serenidade e modéstia. (CODIGO, 1978, p. 534).

Finalmente o Código se refere à expulsão daqueles que por motivo ou outros não forem idôneos ao ministério sacerdotal. Devem ser expulsos os agressores, os dissidentes, incorrigíveis, sediciosos, os que por seus costumes e por sua índole não sejam considerados idôneos para o estado eclesiástico. Também aqueles que são fracos nos estudos, que não dão esperança de chegar a adquirir

suficiente conhecimento. Sejam expulsos os que caírem em faltas graves contra a fé e aos bons costumes. (CODIGO, 1978, p. 534).

Resumidamente foi apresentado acima o modelo de seminário concebido pelo Concílio de Trento, que vigorou na Igreja por mais de quatrocentos anos e chegou até quase os dias atuais, quando passou por uma nova reformulação com o Concílio Vaticano II. Porém, antes de analisar pormenorizadamente a formação sacerdotal a partir do Concílio Vaticano II, convém um olhar sobre a história da Igreja no Brasil e ressaltar, sobretudo, a influência Jesuítica na formação do clero diocesano.

3.2 Os Seminários e a Formação do Clero no Brasil Colônia até o Concílio Vaticano II

Para uma melhor compreensão da formação do clero no Brasil Colônia convém buscar uma reflexão mais profunda da organização eclesiástica neste tempo.

Com a Reforma Tridentina no século XVI, se oficializa a mentalidade de considerar a Igreja como *“a sociedade dos fiéis cristãos, que vivem sob a autoridade do papa”*, espalhados pelas diversas nações. Com certa analogia pode se falar de sociedade religiosa dentro da sociedade civil.

A Igreja tridentina deu uma grande importância aos aspectos visíveis da fé. Por essa razão, a implantação e a organização da Igreja colonial terá como característica uma Igreja marcada pelo culto exterior, pelas festas, procissões e romarias.

Dominam no Brasil Colônia as manifestações públicas da fé. Os nascimentos, os casamentos, os enterros, as recepções e os festejos estão sempre marcados pelas cerimônias cristãs. Qualquer outra manifestação religiosa será reprimida energicamente. A inquisição, que surge neste período se converterá no instrumento de defesa do catolicismo contra qualquer possível contaminação da fé, cuja ortodoxia é regida pela sede romana.

Um dos aspectos mais evidentes do espírito tridentino é o clericalismo. O clericalismo é entendido como uma concepção da Igreja fundamentada principalmente na instituição clerical, ou seja, na pessoa do padre onde se concentra

todo o poder religioso em detrimento ao povo, em oposição à reforma protestante que defende uma visão eclesial mais ampla, envolvendo a participação do povo fiel, e colocando em xeque a própria constituição do sacerdócio hierárquico.

Quando se analisa a formação sacerdotal neste período, é dentro desta mentalidade que se preocupam em formar os candidatos ao sacerdócio. Ou seja, uma formação teológica bastante limitada, visando o exercício do poder clerical, sem considerar a realidade histórica e crítica da sociedade. Mesmo os que tinham oportunidade de receber formação mais cuidada nos colégios dos jesuítas não tinham posteriormente oportunidade de se atualizar, dadas às distâncias e dificuldades de se ter em mãos qualquer tipo de literatura durante o período colonial. No sertão, por exemplo, numerosos clérigos apenas sabiam o essencial para a administração dos ritos litúrgicos da fé católica. Muitos viviam completamente alheios a qualquer atualização eclesiástica, conservando apenas o pouco que havia aprendido na recepção das ordens sagradas.

Escreve Prado Junior,

O que ocorreu na Europa medieval se repetiria na colonização do Brasil: a batina se tornaria o refúgio da inteligência e da cultura; e isto porque é, sobretudo em tal base que se faria a seleção para o clero. Ele foi assim, durante a nossa fase colonial, a carreira intelectual por excelência, e a única de perspectivas amplas e gerais; e quando, realizada a Independência, se teve de recorrer aos nacionais para preencher os cargos políticos do país, é, sobretudo nele que se recrutaram os candidatos. (PRADO JUNIOR, 1961, p. 356):

A formação dos candidatos ao sacerdócio durante o período colonial coube aos jesuítas. Do final do século XVI até meados do século XVIII os colégios dos Jesuítas tornaram-se os centros de formação da maior parte do clero brasileiro. O quadro geral dos estudos consistia em três níveis: curso elementar, curso de letras humanas, correspondendo ao curso médio, curso de artes, equivalente a um curso de nível superior. Os candidatos ao sacerdócio recebiam um curso de teologia, abrangendo a teologia moral e a teologia especulativa. Importância teve para o Brasil os colégios fundados em Belém (1653), Recife (1677), Maranhão (1688). Em 1722 os jesuítas fundaram, em Paranaguá, outro colégio. O ouvidor Rafael Pardinho dá a El-Rei a seguinte informação:

Não pode deixar de representar a Vossa Majestade quão útil a fundação do colégio dos ditos religiosos nesta vila, tanto para o aumento espiritual dela e das mais circunvizinhas, como para o acrescentamento das suas povoações... nas de Iguape e Cananéia, que ficam para o norte desta, e nas do rio de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, que ficam para o sul, e na de Curitiba... com muita comodidade os mandarão estudar para

poderem ordenar e que deste colégio sairão com freqüência em missão os ditos padres para estas últimas vilas, e com elas se morigerarão melhor os homens e deixarão a ferocidade com que vivem, o que evidentemente se vê nesta, onde depois da assistência dos padres têm estudo, ordenando-se alguns moços [...]. (LEITE, 1942, p. 448).

Os jesuítas significaram um primeiro ensaio para a solução do problema das vocações sacerdotais no Brasil. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, os dezessete colégios e seminários dirigidos por essa ordem religiosa foram fechados, criando-se um vazio em toda a estrutura educacional na colônia durante cinquenta anos, atingindo também diretamente a formação sacerdotal. A maioria desses seminários só foi reaberta no século XIX, enquanto que as iniciativas diocesanas de criação de novos seminários durante este período, não foram bem sucedidas em sua maioria.

A fundação dos seminários, no século XIX, tem como principal objetivo a reforma do clero, que vivia de maneira muito distante do modelo tridentino, especialmente no que concerne a questão do celibato. Muitos a exemplo do Padre Feijó e outros sacerdotes paulistas desejavam um clero não-celibatário e pouco distinto dos leigos, enquanto que outros, liderados pelo arcebispo da Bahia, Dom Romualdo de Seixas, desejavam uma reforma do clero brasileiro nos padrões tridentinos.

Somente após 1853, quando a direção do seminário de Mariana-MG é confiada à ordem dos lazaristas, é que será realmente alcançado o propósito da reforma do clero dentro dos padrões propostos por Roma. Os lazaristas impõem à formação do clero inicialmente em Minas Gerais e mais tarde em outros estados do sul do país, um padrão de austeridade e decoro. Até este momento, a instrução dada aos futuros sacerdotes era baseada em textos do jansenismo, movimento condenado pela cúpula da Igreja na Europa. No ano de 1959, foi fundado o Colégio Pio Latino Americano em Roma, para onde se encaminhavam muitos dos jovens que mais tarde influenciaram na reforma da Igreja. (HAUCK, 1980, p. 90).

Por causa do descrédito dos sacerdotes e da cônica, considerada “*mesquinha*”, que muitas vezes relegava o padre à miséria, o número de sacerdotes no Brasil, no século XIX, se reduz paulatinamente a ponto de serem constantes as lamentações da falta de padres. Na época, a maioria dos sacerdotes ainda era estrangeira.

No final do século XIX, já funcionavam seminários em todas as dioceses existentes dentro dos padrões tridentinos, porém, como o número de dioceses brasileiras se limitava a nove, o número de seminários continuava muito restrito. Os candidatos ingressavam geralmente entre as idades de 10 e 15 anos e freqüentavam o Seminário Menor durante cinco anos. Neste curso constavam, em geral, as seguintes disciplinas: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, História Sagrada, Retórica, Geografia, História do Brasil, História Universal, Geometria, Instrução Religiosa e Filosofia. Em seguida, cursavam a teologia no seminário maior, por quatro anos, com as disciplinas: História Eclesiástica e Sagrada, Teologia Exegética, Direito Eclesiástico, Eloqüência Sagrada, Liturgia, Canto Gregoriano. Além das disciplinas regulares, muita importância era dada à formação espiritual dos seminaristas. (HAUCK, 1980, p. 95-8).

Estes seminários se encontravam sob o controle das dioceses, mesmo que muitas vezes sob a direção de ordens religiosas e de professores estrangeiros, vindos para esta finalidade. As ordens religiosas mais antigas do Brasil estavam em decadência, uma vez que, em 1855, o governo brasileiro decretou que nenhuma ordem monástica poderia receber noviços brasileiros. Esta lei perdurou até a proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, causando a quase destruição destas ordens no Brasil.

Com a proclamação da República e a conseqüente separação entre Igreja e Estado, a Igreja Católica enfrentou muitas dificuldades, mas ao mesmo tempo, se viu finalmente livre da intervenção do Estado que sofrera durante quatrocentos anos de colonização e Império. Esta liberdade permitiu uma reforma interna de suas estruturas, o que significou, de forma concreta, o que é chamado de “*romanização*” da Igreja brasileira. E somente neste momento da história da Igreja no Brasil que os preceitos traçados no Concílio de Trento, em 1565, foram implantados a sua totalidade no Brasil.

Esta reforma seguiu basicamente três linhas que foram: uma centralização do poder religioso na Santa Sé (Roma), a substituição de um clero primordialmente ibérico por um clero de formação mais condizente com os preceitos romanos e, finalmente, a implantação de seminários mais restritivos. (OLIVEIRA, 1980, p. 168).

Neste momento, foi fortalecido o modelo de estudo seminarístico existente hoje, em que o jovem seminarista freqüenta, em fase inicial, o seminário

menor, em nível de ensino fundamental e médio, e posteriormente um curso em nível superior, denominado Filosofia, para então fazer o curso de Teologia. Já era comum o pensamento de que nem todas as dioceses podiam sustentar um seminário maior, os seminaristas das dioceses eram enviados a outras cidades para cursarem a Filosofia e a Teologia. Os alunos mais promissores eram enviados à Roma para completarem seus estudos no Colégio Pio-Brasileiro, fundada em 1929.

A Igreja se “europiza” cada vez mais a partir do início do século XX com a vinda de aproximadamente cento e cinquenta novas ordens e congregações num período de trinta anos. Ocorre uma “desnacionalização” do clero, ou seja, um distanciamento do clero dos problemas nacionais, e é pequeno o número de vocações. (AZEVEDO, 1963, p. 86).

Após a Primeira Guerra Mundial, com a falência do mito do progresso e do capitalismo liberal, a Igreja reconquista alguns de seus espaços aliando-se às elites, principalmente no combate ao comunismo. Este processo se acirra após a Segunda Guerra e, neste momento, há um crescimento no número de vocações.

O maior número de vocações advém dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, entre os filhos de imigrantes italianos, alemães e poloneses. Uma das explicações para esta situação é que nestas regiões a Igreja se aliou aos pequenos proprietários e não às elites.

Na década de 1950 e início de 1960, a euforia pelo crescimento das vocações levou a Igreja a construir, em todo o território nacional, grandes seminários (chamados de centrais). Muitas destas construções foram imediatamente abandonadas durante a crise que acompanhou e seguiu o Concílio Vaticano II. Alguns não chegaram a ser terminados, e outros foram aproveitados de forma parcial.

Até a década de 60, a maioria dos seminários poderia ser enquadrada no conceito, criado por Erving Goffmann, (1996, p. 17) de “*instituição total*”. Os seminaristas viviam em grandes prédios, em grande número (às vezes, centenas), isolados do restante da sociedade. Todas as atividades eram realizadas nos limites do seminário: estudos, alimentação, rezas, diversões, descanso, e outras.

Porém, é importante frisar que apesar das semelhanças com o conceito de “*instituição total*”, o seminário possui, mesmo neste período, uma natureza especial, porque se trata de uma instituição de inclusão voluntária, diferente dos

quartéis, das prisões e dos hospitais psiquiátricos que servem de modelos para Goffmann.

Com as mudanças generalizadas que ocorreram dentro da Igreja Católica, a partir do final dos anos 50 e que culminaram com o Concílio Vaticano II, foram afetadas também as estruturas dos seminários.

A primeira mudança foi quanto ao estudo secular, que se desvinculou do seminário propriamente dito. Os seminaristas menores passaram a cursar o primeiro e segundo graus junto às escolas públicas ou, às vezes, em escolas particulares confessionais. Os cursos de Filosofia e Teologia transformaram-se em “*institutos*”, onde estudavam seminaristas de diversas dioceses, congregações e até leigos. Serbin, 1989 (apud REILY ROCHA, 1991, p. 34-5). Foram introduzidas disciplinas ligadas às Ciências Sociais e à Psicologia, ampliando mais o escopo dos estudos.

Num segundo momento, foram feitas experiências de moradias em pequenas comunidades, muitas vezes nos bairros mais pobres das cidades, abandonando os grandes prédios construídos em quase todos os pontos do país. Os seminaristas passaram a fazer trabalho pastoral, deixando assim o seu caráter de isolamento e adquirindo uma convivência mais direta com a população. Ocorreu assim uma diferenciação na utilização do termo seminário, ora empregado para significar a moradia ou a casa de formação ora para significar o local de ensino, principalmente os cursos de Filosofia e Teologia.

A respeito dessas Casas de Formação, Celito Moro escreve afirmando que este tipo de moradia

aparece como o tipo de seminário que melhor responde à problemática humana que vive o homem da modernidade. A formação em comunhão para a comunhão foi a proposta pedagógica que apresentamos como caminho formativo no seminário inserido que forma um presbítero-pastor. (MORO, 1997, p. 431-32).

Concluído o Concílio Vaticano II, vê-se proliferar em muitas dioceses a formação a partir do modelo proposto pelo Decreto Optatum Totius (OT), que prevê o funcionamento das Casas de Formação. O Decreto procurou dar à formação presbiteral um novo impulso, abrindo a possibilidade de uma formação que levasse em conta a realidade de cada região. O decreto

se inscreve numa perspectiva renovada da Igreja e numa linha generosa de abertura, seja quanto aos dispositivos jurídicos que devem de agora em diante reger os seminários, seja quanto às possibilidades de experiências

novas e multiformes a se efetuarem nos seminários de hoje. (CAVALHEIRA, 1966, p. 802-3).

O Concílio tem em vista uma formação que responda mais às exigências de cada realidade. Trata-se de uma formação mais inculturada, o que nos dias atuais tem grande ressonância e urgência.

A partir das sugestões do Concílio, a história dos seminários registrou muitas mudanças. Por isso, “em nível de conteúdos de formação do futuro presbítero se conjugou a unidade com o pluralismo. Em nível de método, no desenvolvimento do magistério pós-conciliar, realizou-se um fecundo movimento de comunhão e participação”. (MASSERONI, 1987, p. 75). Falando em método, o que está em jogo é o como formar e onde formar, e isto terá incidência no tipo de presbítero que se quer formar. Esta realidade tem a ver com o tipo de pedagogia a ser usada, e em que tipo de seminário se usará tal pedagogia.

Após o Vaticano II, muitos se perguntavam: se seria possível um novo método de formação com uma nova pedagogia e se esse método não pediria uma estruturação diferente do seminário. Quando o Concílio afirmou: “Nos seminários onde é elevado o número de alunos, para melhor atender à formação individual, sejam eles convenientemente divididos em grupos menores, sem quebra de unidade de direção e de formação científica”. (CONCÍLIO, 1969, p. 513). O Decreto *Optatum Totius* respondeu a um problema imediato, isto é, procurou resolver o problema da personalização da formação no grande seminário, deixando aberta a possibilidade a outras experiências que buscassem uma formação mais personalizada e mais próxima do povo.

Este modelo de formação, é claro que não agradou a todos. A partir da década de 80, com a “*restauração conservadora*”, houve certa retomada do antigo modelo relativo às “instituições totais”, com a volta aos grandes prédios de seminários que haviam sido abandonados em décadas passadas, tanto como local de moradia quanto de estudos, principalmente para os seminários diocesanos.

Não obstante todo o questionamento que as casas de formação receberam no decorrer destes anos, elas são uma realidade que vai se consolidando sempre mais como forma de seminário inserido como modo de formação da Igreja no Brasil.

Desde o início dos anos 80, entre muitos formadores do Brasil, há a convicção de que [...] o meio mais eficaz para a formação presbiteral hoje é a metodologia das pequenas comunidades, pois possibilita um contato mais

humano, mais familiar, tanto para os formandos entre si, como entre estes e os formadores. (SCHMID, 1990, p. 166).

Enfim, o que caracterizou o Concílio Vaticano II foi a proposta de atualização e de renovação do método formativo dos futuros presbíteros. Tal formação inserida na vida do povo atendendo aos apelos da realidade social, econômica, política e cultural em que a Igreja está inserida no mundo.

4 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II – ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

4.1 Mudanças Sócio-Culturais

Um dos temas na pauta das grandes e inadiáveis discussões da modernidade é, sem dúvida, o da educação. Certamente por ser essa uma função essencial e ínsita à sobrevivência das sociedades humanas, desde as mais primitivas até as mais tecnológicas.

Ocorre que as sociedades contemporâneas, diversamente das de séculos anteriores, são marcadas por um processo de mudanças célebres, que, por este fato, ocorrem em espaços de tempo cada vez menores e em quantidade cada vez maior.

Por conseguinte, a realidade que se vive hoje exige sempre maior qualificação para o exercício de qualquer serviço em qualquer setor. Tal exigência se verifica no campo dos sistemas educacionais que se revelam quase sempre incapazes de estabelecerem uma sincronia entre problemas e soluções. Isso se verifica também no campo eclesial, em que os desafios pastorais se fazem sempre maior, justamente pelo surgimento de sempre novos problemas. Tudo isso requer do presbítero uma adequada atualização teológico-pastoral, em que o próprio conhecimento das ciências sociais e humanas é condição imprescindível.

As mudanças aceleradas provocaram descompassos, vacilações e dúvidas quanto à vida cristã e sacerdotal. (CNBB, Vida... 1981, p. 9). Muitos padres hoje podem experimentar a desagradável sensação de terem sido educados para um mundo que já desapareceu e de não terem condições de se adaptarem ativamente às novas formas de exercício do ministério, de prática de relacionamento humano, de comportamento ético, de vivência religiosa, de exercício de cidadania e de educação política (CNP, 2001, p. 50).

Esta necessidade de atualização, de renovação, de estar aberto aos sinais dos tempos, foi o que caracterizou o Concílio Ecumênico Vaticano II. O Concílio foi um evento histórico datado. Teve início a 11 de outubro de 1962 e concluiu a oito de dezembro de 1965.

Surpreendentemente, o Concílio realizou-se no final de uma época histórica. Dois anos depois da conclusão do Concílio, explodiram as revoltas dos estudantes nos principais centros do mundo, e essas revoltas eram os primeiros sinais de uma imensa revolução cultural que ia começar nos anos 70 do século XX. Tratava-se de uma nova economia, inspirada numa globalização imperial nas quais as multinacionais se tornariam, em menos de quarenta anos, as donas do mundo; um movimento de mudança cultural cujo sinal mais evidente era a emancipação das mulheres. Realizou-se a desconstrução de todas as culturas tradicionais, e a TV construiu uma nova cultura de massas que conquistou grande parte do mundo. Tudo isso não foi, nem podia ser, imaginado pelos Padres do Concílio.

Como já foi mencionado acima, a sociedade atual se caracteriza por mudanças rápidas e profundas. E não é fácil descrever de modo conciso e objetivo o conjunto dessas mudanças sociais e culturais que levaram à alteração profunda as sociedades ocidentais e os países católicos. Portanto, agora serão descritas as mudanças e tendências da sociedade que, aquilo que mais concerne, ao papel do presbítero, sobretudo na realidade brasileira.

Sabe-se que a análise desses fenômenos não está isenta de condicionamentos ligados ao ponto de vista dos observadores e às ideologias que predominam hoje. Esta análise histórica não significa um juízo de valor, baseado em critérios filosóficos ou teológicos, que avalia positivamente todo o passado e negativamente todo o presente e vice-versa. A análise procura, constatar, compreender, estabelecer relações; não aprovar ou desaprovar.

Para compreender as atuais mudanças do mundo, e, sobretudo do Brasil, e suas perspectivas para o futuro próximo, é preciso relacioná-las com um longo e amplo processo de transformação das sociedades ocidentais modernas que coincide com o desenvolvimento do capitalismo.

O capitalismo subtrai a economia ao domínio de outras esferas da sociedade e a torna um fim em si mesma. Contribui, com isso, para acabar com a sociedade tradicional, que tinha como eixo a religião. A sociedade moderna pode ser vista como sujeita a um processo progressivo de “*secularização*”, isto é, de autonomização de esferas da sociedade anteriormente subordinadas à religião.

Após a economia, é o pensamento filosófico que se torna autônomo (com o Iluminismo ou Racionalismo do século XVIII). No século XIX, é a estrutura política, o Estado, que se seculariza e se separa da Igreja. Finalmente, no século XX,

mais acentuadamente nas últimas décadas, é o próprio costume, o comportamento do povo, que se seculariza e se torna independente das normas religiosas.

No contexto de mudanças sociais e culturais tem-se acentuado e difundido uma mentalidade individualista que parece ser, de um lado, o prolongamento ou o resultado de uma ideologia liberal que acompanha a formação do mundo moderno desde a sua origem e que, de outro lado, está estritamente ligada ao dinamismo característico do estágio atual da economia capitalista.

O predomínio do consumo certamente, apresenta aspectos fortemente negativos, do ponto de vista ético, psicológico e social, não deixa, contudo, de reforçar uma exigência positiva em si mesma: a valorização da pessoa, a busca de “realização pessoal”. Esta exigência também questionou agudamente, talvez mais clamorosamente nos anos imediatamente posteriores ao Concílio (1966-1969), e questiona hoje, talvez mais sutil e difusamente, o presbítero, por muito tempo determinado pelo seu papel social e pelas exigências da instituição eclesiástica, que descobre a dimensão da sua liberdade e da sua realização pessoal.

Pode-se dizer que a sociedade brasileira atual continua sendo bombardeada pela gritante desigualdade, pelos contrastes e conflitos. De um lado, vemos uma economia capitalista bastante desenvolvida; de outro, há um fraquíssimo desenvolvimento social. Isto sugeriu a imagem de dois países, um de capitalismo avançado e outro de miséria e subdesenvolvimento.

Do ponto de vista do regime político, a recente mudança política deixa dramaticamente aberta a questão de conquistar realmente um novo espaço democrático e encaminhar reformas sociais profundas ou continuar, sob nova roupagem, velhas práticas.

Em conexão com todas estas mudanças, mencionadas acima, intensificou-se nos últimos anos não apenas o processo de urbanização, mas a difusão da cultura urbana em toda a sociedade brasileira. O processo de urbanização facilita a difusão da “secularização” e do individualismo, solapando as estruturas sociais e comunitárias da sociedade tradicional.

As recentes mudanças sociais e culturais contribuíram também para revelar em sua complexidade e pluralismo o campo religioso brasileiro, já marcado pela presença de tradições diferentes (catolicismo, protestantismo, espiritismo, cultos afro-brasileiros, religiões orientais...) e mudanças profundas da própria Igreja católica. (CNP, 2001, p. 57).

No contexto dessas mudanças, convém ressaltar o lugar do presbítero na sociedade e na Igreja. Segundo esquema tradicional, de fato prevalece na época tridentina e até o início dos anos 60 do século XX, o presbítero era, antes de tudo, o sacerdote, o liturgo que celebrava os ritos sagrados, que a instituição eclesiástica procurava distinguir e até separar visivelmente da comunidade dos fiéis. Agora, sempre mais, a exigência da evangelização, numa sociedade em mudança, onde fica a fé deve ser novamente inculturada, pede ao presbítero que se insira profundamente nas condições de vida dos homens do seu tempo e desempenhe o papel de anunciar o Evangelho e edificar uma comunidade cristã em formas inéditas, em continuidade com as raízes do passado, mas sem modelos preestabelecidos.

4.2 Os Principais Traços da Teologia do Vaticano II

O Concílio de Trento e a teologia que se inspirou em sua doutrina desenvolveram de forma coerente uma concepção do ministério presbiteral que se revelou firme e eficaz durante quatro séculos. O que não se pode ignorar é o contexto histórico que tornou possível a realização do ideal tridentino do sacerdócio católico.

A marca inovadora do Concílio convocado pelo Papa João XXIII era a visão de colegialidade das responsabilidades pastorais do bispo e do Papa. Todo o corpo cristão, leigos e leigas, sacerdotes, religiosos e religiosas, de diferentes maneiras, era chamado a participar e colaborar ativamente na vida da Igreja e na busca de soluções para os problemas existentes na época.

Outra marca inovadora do Concílio era o seu caráter “pastoral”. No discurso de abertura, João XXIII (1960) colocou logo em evidência seu objetivo e orientação: *“Será um Concílio pastoral; não temos em mira condenar ninguém, queremos ajudar a construir um mundo melhor”*. Com isso o que pretendia o Papa era buscar, pelo diálogo, remédios pastorais para as aflições e indagações dos fiéis e da humanidade. Dizia o Papa João XXIII:

Os Concílios Ecumênicos do passado responderam, sobretudo a preocupações de ordem doutrinária [...] à medida que heresias e erros tentavam penetrar a Igreja antiga, no Oriente e no Ocidente [...] Na época moderna, num mundo de fisionomia profundamente mudada [...], mais do que de tal ou qual ponto de doutrina ou de disciplina que será preciso

reconduzir às fontes puras da Revelação e da Tradição, trata-se de repor em valor e em toda a sua luz a substância do pensamento e da vida humana e cristã, de que a Igreja é depositária e mestra pelos séculos. (JOÃO XXIII, 1960, apud BEOZZO, 2005, p. 3).

O Concílio significou um momento de fundamental importância para refletir e aperfeiçoar melhor toda uma caminhada da Igreja que já estava em andamento nos anos que antecederam. Refletir para chegar à consciência de si, refletir para que os outros a descubram em toda sua autenticidade, eis uma das grandes metas conciliares, inculcada por Paulo VI na abertura da segunda sessão:

[...] as finalidades principais deste Concílio são: o conhecimento, ou se se preferir, a consciência da Igreja, sua renovação [...]. A ninguém escapará a importância dessa missão doutrinal, que é confiada ao Concílio, e da qual pode a Igreja auferir uma consciência de si luminosa, exaltadora, santificadora. (Paulo VI, 1969, p. 173)

O Vaticano II introduziu um novo modo de fazer e pensar teologia. Na teologia anterior, que era a Escolástica e a neo-Escolástica, o modo de fazer e pensar teologia era mais o raciocínio, figurando a revelação sempre como premissa maior da qual, por meio de silogismos, iam se deduzindo novos aspectos da revelação. Era assim que se via a evolução homogênea dos dogmas. Com o Vaticano II, a revelação passou a ser a fonte dinamizadora e esclarecedora dos acontecimentos mundiais.

O termo “*situação*” ou “*realidade*”, ligado à revelação, dá outra perspectiva. Faz com que a Igreja seja vista na história como presença sempre viva e atuante de Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Era já antes do Vaticano II a idéia da *Theologie Nouvelle* de Daniélou, De Lubac, Yves Congar, Chenu, Bruno de Solages – uma teologia mais em contato com as fontes; uma teologia mais aberta ao pensamento contemporâneo, em que pontificam três grandes categorias: a comunidade, a historicidade e a subjetividade; uma teologia com respostas às situações humanas concretas do aqui e do agora (teologia engajada), teologia luz das ações do ser humano. (LORSCHIEDER, 2005, p. 14).

Para que se possa compreender bem a pastoral e a eclesiologia do Vaticano II, é necessário buscar o sentido de duas palavras: *aggiornamento* e *diálogo*. *Aggiornamento*, é escutar, ir ao encontro, abrir-se às justas (legítimas) exigências do mundo de hoje, em suas profundas mudanças de estruturas, de modos de ser (culturas), inserindo-se nelas para ajudá-los, sempre no respeito à sua autonomia relativa (secularização), num espírito de doação, de caridade total, de

diaconia, a serviço dos pobres. Considerar a maneira de pensar do ser humano de hoje, a sua linguagem, o seu modo de ser, para apresentar o Evangelho como única mensagem capaz de salvar o homem. Em síntese, aggiornamento, significa uma abertura crítica ao mundo de hoje (o critério é o Evangelho). (LORSCHIEDER, 2005, p. 13).

Diálogo é, concretamente, sentarem-se juntos e dizer como se entende o Evangelho para os dias de hoje. Trata-se no diálogo de descobrir o que Deus realmente disse por seu Filho no Espírito Santo. Diálogo com o mundo e a recuperação das origens; ou melhor, o diálogo com o mundo moderno a partir do resgate daqueles elementos dados no nascer e no primeiro constituir-se histórico da Igreja, como se manifestam no Novo Testamento e na Patrística. Em linhas gerais pode-se dizer que diálogo é o diálogo da Igreja consigo mesma, com as outras Igrejas e mesmo com as outras religiões e o mundo dos não-crentes. Sinônimo do diálogo: comunhão, participação, co-responsabilidade.

Numa visão rápida da eclesiologia conciliar, podem-se destacar alguns aspectos básicos:

1 Igreja Povo de Deus: - com esta expressão os padres conciliares, na Constituição Dogmática “Lumen Gentium” (LG), queriam destacar o lugar da Igreja no nosso tempo. A eclesiologia tradicional definia a Igreja pela sua estrutura hierárquica. A Igreja definia-se pelos seus poderes. Os leigos eram simplesmente receptivos, passivos. O seu papel consistia em receber o que a hierarquia lhe dava – os chamados meios da salvação – e em obedecer. A hierarquia era a forma e os leigos eram a matéria.

O Concílio quis explicitamente corrigir essa eclesiologia. Pela expressão “Povo de Deus”, os Padres conciliares queriam afirmar o papel ativo de todos os leigos. Os leigos têm participação ativa em todas as obras de evangelização da Igreja e têm formas de participação nos ministérios da hierarquia.

2 A Igreja em Relação com o Mundo: - A Constituição Dogmática “Gaudium et Spes” (GS) exprime esta dimensão do vínculo que liga a Igreja ao mundo. Trata da condição do ser humano no mundo de hoje. As situações estão profundamente mudadas, tanto nas pessoas quanto na sociedade: são mudanças psicológicas, morais e religiosas; desequilíbrios do mundo moderno; aspirações mais universais por parte de todos; interrogações mais profundas do coração humano.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias do homem hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhe ressoe no coração. (COMPÊNDIO, 1969, p. 143).

Enfim, o mundo são os seres humanos. No Vaticano II ainda não apareceram os problemas ecológicos e o mundo significa a humanidade com toda sua complexidade, com todos os aspectos da vida humana.

3 Igreja e sua relação com a Missão: - Não se trata apenas do desenvolvimento de atividades missionárias. Isto a Igreja sempre realizou. Antes do Concílio a obra missionária da Igreja consistia em reproduzir em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu. A idéia era salvar as almas. Ao lado dessa finalidade principal havia também a finalidade de civilizar. Nisso as missões se integravam na empresa colonial, que se justificava pela tarefa de “civilizar” os povos não europeus.

A Constituição “Ad Gentes” destaca a necessidade de desenvolver uma evangelização inculturada. Ou seja, respeitando cada povo, cada cultura, convocando todos os católicos para que se tornem missionários. Assim, os documentos conciliares aludem à necessidade de adaptação da Igreja à diversidade dos povos, às diferenças de culturas.

A eclesiologia do Vaticano II foi assumida e contextualizada na América Latina pela assembléia de Medellín (1968) na Igreja dos pobres. A Igreja dos pobres não designa uma parte da Igreja em relação à totalidade. Não significa simplesmente uma Igreja voltada eticamente para os pobres, no sentido de assisti-los e promovê-los. Isso a Igreja sempre realizou. Igreja dos pobres significa que, a partir dos pobres, da totalidade de sua vida, a Igreja pode ter uma visão profunda da sua origem e natureza, do seu lugar no mundo e de sua missão.

Neste contexto, as comunidades eclesiais de base são a expressão mais significativa deste modo de ser Igreja. Os presbíteros têm a missão de continuar assumindo e estimulando este processo e este projeto de Igreja postos oficialmente em movimento pelo Vaticano II e por Medellín-Puebla.

4.3 O Reflexo da Teologia Conciliar nas Conferências Latino-americanas e no Episcopado Brasileiro

A Conferência Latino-americana de Medellín (1968) assumiu como concretização do modelo de Igreja comunhão a partir dos pobres, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Em Medellín emerge a imagem de uma Igreja militante profética.

O modelo de Igreja, proposto pela Assembléia de Medellín foi em seguida desenvolvido pela Conferência Latino-americana de Puebla (1978), que teve a intenção clara de continuar a tradição de Medellín. Aí ficou consagrado o binômio *comunhão e participação* e reforçada a opção preferencial pelos jovens e pelos pobres. (CONFERÊNCIA, Puebla, 1980, p. 181-196).

Mais de uma década depois, a Conferência Latino-americana de Santo Domingo (1990), não conseguiu reeditar o mesmo espírito e dinamismo das Conferências anteriores, mas deu duas contribuições significativas que permanecem como desafios para todos: a questão da inculturação e do protagonismo laical. Quanto à formação sacerdotal a Conferência ressalta que o “sinal de alegria e de esperança é o nascimento de seminários maiores em todo continente e o aumento do número de alunos neles”. (CONFERÊNCIA, Santo Domingo, 1993, p. 65).

O episcopado brasileiro, por meio das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), apontou princípios básicos para a articulação pastoral, visando programar metodologicamente a eclesiologia conciliar nas Dioceses:

- a) O da variedade-complementariedade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades, como num corpo vivo, onde se realiza a comunhão orgânica entre seus membros;
- b) o da autonomia, que garante a cada um dos membros do corpo eclesial o direito a cultivar a própria identidade e o próprio carisma, evitando o nivelamento;
- c) o da subsidiariedade, que atribui às pessoas e às comunidades intermédias a maior autonomia possível, em tudo o que elas podem fazer sem recurso a níveis superiores a não ser quando necessário;

d) o da participação responsável, que pretende envolver o maior número possível de interessados na reflexão, decisão, execução e avaliação. (CNBB, Diretrizes, 2002, p. 99-102).

A rica eclesiologia conciliar supõe uma Igreja descentralizada, com uma ampla redistribuição de tarefas e responsabilidades. Em uma expressão, costuma-se evocar a Igreja toda ministerial capaz de programar o modelo de comunhão presente no Concílio Vaticano II, onde o sujeito da ação eclesial é verdadeiramente o conjunto do Povo de Deus.

A realidade acima acenada de modo rápido coloca a questão de perceber que, nos dias atuais, muitos se perguntam qual é a verdadeira fisionomia da Igreja. A sugestão dos bispos é a de cada comunidade aprofunde a realidade da Igreja enquanto mistério, comunhão e missão. Daqui nasce a urgência e a necessidade de aprofundar esta realidade no seminário, enquanto lugar de formação daqueles que animarão as comunidade do povo de Deus. Por isso, a seguir, será aprofundado um estudo sobre a crise que se efetivou nos seminários e no clero, bem como a necessidade de uma boa formação teológico-pastoral para enfrentar os desafios da Igreja e do mundo como sugere o Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais Latino-americanas, bem como os bispos do Brasil.

4.4 As Crises pós-conciliares

Vive-se hoje tempos de mudanças, tempos de crise, tempos de desafios. Com a crise da modernidade, ou período pós-moderno, marcado por processos que se interpenetram – globalização, neo-liberalismo, crise do sujeito, pluralismo em todos os campos (religioso, cultural, étnico) – a ousadia de abraçar as novas perguntas e o desafio de respondê-las não com os velhos paradigmas, mas a partir da construção de novas perspectivas e possibilidades de ação, está colocada para as instituições.

A crise, como afirma Gilddens (2002, p. 162) é constitutiva da própria modernidade, entendida não como uma mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente. Esta crise afeta as instituições sociais e, numa

relação direta, os indivíduos, já que as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual.

O Concílio Vaticano II foi o marco da ampla entrada dos princípios modernos no interior da Igreja católica, um processo que alguns autores preferem chamar de *“aggiornamento”* e/ou de *“abertura das janelas da Igreja à modernidade”*. Desde aí vêm ocorrendo mudanças na compreensão e vivência da missão. Atualmente, com as transformações ocorridas no cenário sociorreligioso, a consciência da necessidade de responder às interpelações postas por essa realidade torna-se mais intensa.

A crise denuncia de imediato, a existência na Igreja, de três correntes praticamente irreconciliáveis entre os padres conciliares:

1ª A dos **conservadores**, preocupados em salvaguardar a perenidade da instituição vista como rocha imutável de verdade, e em assegurar a intangibilidade dos ritos, das fórmulas dogmáticas e das normas disciplinares;

2ª. A dos **reformadores**, empenhados na transformação das estruturas eclesiais de maneira evolutiva, sem radicalismos e rupturas;

3ª. A dos **contestadores**, que exigem a efetivação de reformas radicais e imediatas, no intuito de um retorno as origens. Será sobretudo esta terceira corrente, com sua extensão e virulência, a que irá evidenciar a amplitude da crise existente na Igreja. Devido às múltiplas tendências que a compõem – às vezes ambíguas e contraditórias, mas todas convergentes na crítica à hierarquia – torna-se difícil determinar com fidelidade as fases do seu desenvolvimento, bem como colher e analisar as nuances com que se nos apresenta diferentes países.

A hierarquia pareceu compreender todo o alcance da crise que se abatera sobre a Igreja. A Igreja – dirá Paulo VI:

[...] encontra-se numa hora de inquietude, de autocrítica, dir-se-ia mesmo de auto-demolição. É uma reviravolta interior aguda e complexa que ninguém teria podido esperar após o Concílio. [...] a Igreja como que chega a ferir-se a si mesma. (PAULO VI: 1969, p. 175),

Para o Papa, a crise pode ser sintetizada numa única palavra: desconfiança. Desconfiança por parte da ala dos contestadores, que se destemperam em atitudes corrosivas; mas também por parte dos conservadores, cujo posicionamento frente às mudanças promovidas pelo Concílio é de indiferença. Uma tentação de desconfiança – afirma ele – percorre a alma de não poucos ambientes eclesiais. Desconfiança na doutrina e na tradição e se torna crise de fé.

Desconfiança nas estruturas e nos métodos e se torna crítica corrosiva e desobediência. Desconfiança nos próprios atos de renovação da Igreja e se torna resistência em alguns, indiferença em outros.

Embora as atitudes tomadas pelos contestadores produzam maior impacto, devido ao inusitado dos seus gestos, Paulo VI sabe que, ao arrumar a casa, não pode esquecer os que pretendem condenar a Igreja ao imobilismo. E se pronuncia resolutamente contra os dois. A uns censura-os porque

[...] não vêem senão culpas e defeitos, incapacidade e ineficiência nas expressões da vida católica do passado; a outros porque, achando que o Concílio deve ser considerado como acontecimento do passado, se recusam a admitir qualquer mudança na tradição e polemizam com os amigos de casa, como se estes fossem ainda mais infiéis e perigosos aos de fora. (PAULO IV, 1970, p. 158).

A fim de neutralizar as duas correntes, e, assim, preservar a coesão do bloco católico, o Papa coloca em ato mecanismos paralelos destinados, de um lado a promover algumas aberturas e mudanças estruturais, de outro, a reafirmar a doutrina e a disciplina eclesiásticas.

Fiel a esta estratégia, de um lado dá andamento a mudanças na liturgia, continua a reforma do Código de Direito Canônico iniciada por João XXIII, internacionaliza a Cúria Romana, oficializa o diálogo com outras religiões, toma posição em favor dos povos do terceiro mundo, incentiva o pluralismo teológico, promete outras reformas “*graduais, mas audaciosas*” e uma era de maior liberdade.

Será reduzida a disciplina formal, abolida toda intolerância arbitrária, todo absolutismo; será simplificada a lei positiva, suavizado o exercício da autoridade. De outro lado, exige retificações no Catecismo Holandês, reafirma a obrigatoriedade do celibato eclesiástico, confirma a doutrina tradicional católica sobre o uso dos meios contraceptivos, interfere nas Conferências Episcopais, condena toda e qualquer forma de violência, reafirma o valor da tradição, das estruturas e da disciplina eclesiásticas, admoesta canonistas, teólogos e pastoralistas, e, para reagrupar e fortalecer os quadros hierárquicos reúne em Roma dois Sínodos Mundiais, um para estudar o relacionamento Papa-Bispos, e o outro para solucionar a crise do clero.

Nesse processo, encontram-se a identidade, a vivência e a missão dos presbíteros sendo checadas, revisadas e em processo de transformação. Para Cozzens, (2001, p. 21-7), a grande transformação no presbiterato ocorreu sobremaneira com o Vaticano II, através da passagem do modelo cultural ao modelo

de servo-líder (possibilitado pela compreensão da pessoa do presbítero como membro do Povo de Deus). Para ele, ocorreram, pelo menos, quatro mudanças de paradigma na vivência presbiteral:

1. do púlpito à participação;
2. de pregador clássico a portador do mistério;
3. do estilo solitário ao ministério colaborativo;
4. de uma espiritualidade monástica a uma espiritualidade secular.

Frente a este panorama, cabe uma breve exposição da crise do presbítero pós conciliar, partindo da crise formativa no seminário e a crise do presbítero.

4.4.1 A crise nos seminários

Já bem antes da realização do Concílio Vaticano II, o Papa Pio XII, com a exortação ao clero *Menti Nostrae*, chamava a atenção para a necessidade de uma virada nos seminários, procurando abri-los aos sinais dos tempos. O documento de Pio XII provavelmente não foi entendido e acolhido em todo o seu alcance e aspecto de atualização dos seminários, e por, isso, quando chegamos ao Concílio Vaticano II, a crise dos seminários já estava em andamento, não sendo um fato ocasional, ou local, mas sim estrutural, difundindo-se em todo o mundo.

A crise dos seminários é velha. Já em 1910 o Papa Pio X viu-se constrangido a fazer limpeza em seminários da Itália onde seu número era enorme, mas a disciplina e o espírito deixavam a desejar. Na realidade o que estava ocorrendo era à abertura que se fazia nos seminários, cujos frutos, o Papa Pio X não se mostrava satisfeito.

Quanto ao Brasil, a crise dos seminários,

é como um fio vermelho a perpassar-lhe toda história da religião, sendo sua fase mais periclitante não de hoje, mas a que se verificou por ocasião da passagem do Império para a República. Naquele tempo os seminários eram poucos e diversos deles contaminados de josefinos, com acentuada nota de hostilidade contra o Santo Padre. Fora alguns oásis, era geral e crassa a ignorância religiosa. O catolicismo estava superficializado, dirigido por um clero em boa parte filiado à maçonaria. O padre perdera o conceito, de sorte que as famílias já não se honravam com terem um filho sacerdote. (LOOCKS, 1972, p. 937).

Com a queda do Império, e a Proclamação da República, ocorre a separação entre Igreja e Estado, o qual ficava proibido de prestar colaboração ou apoio a qualquer credo religioso. A igreja, ante o Estado, achava-se degradada ao nível de qualquer sociedade particular. Fato que causou muita dor de cabeça aos bispos. Mas por outro lado, os novos bispos não seriam mais indicados pelo governo. Eles teriam também mais liberdade para transferir os vigários e outras formas de atuação que lhe proporcionaram novas iniciativas. E, vendo-se assim livres, os bispos fixaram como uma das metas prioritárias a reforma dos seminários, e a criação de novas casas e com outro espírito.

Foi um esforço que logo se percebeu através dos números. Em 1910 existiam nos três Estados do sul (RS, SC, PR) somente três seminários e nos, cinquenta anos seguintes, esse número subiu para aproximadamente quarenta. “Foram se construindo seminários por todo o Brasil, em tal proporção que, ao irromper a presente crise, os bispos puderam dar-se ao melancólico luxo de fechar mais de cem seminários ainda com sobra de outros que continuaram funcionando.” (LOCKS, 1972, p. 937).

Após o Vaticano II, com a necessidade de renovação a crise acentuou-se ainda mais nos seminários. A crise levou os seminaristas maiores (filosofia e teologia), na sua maioria, a desistirem “antes de chegarem à ordenação e os seminários maiores ficaram quase vazios: muitos fecharam as portas na América Latina.” (COMBLIN, 1971, p. 320). O mesmo ocorre no Brasil, “pois os seminários, construídos com tanta esperança e sacrifícios ao longo das décadas anteriores, se esvaziavam, restando imensas construções sem destinação imediata”. (CNBB, Vida...1981, p. 7).

O documento N. 20 da CNBB - que trata da Vida e Ministério do Presbítero, Pastoral Vocacional, (1981), fala da dificuldade de cultivo de novas vocações, devido ao descrédito e falta de motivação, em muitos lugares do Brasil. O que condicionou negativamente a evolução do clero, abrindo flancos, até hoje irreparados, em suas já reduzidas fileiras, causando sofrimento moral a inúmeros seminaristas e sacerdotes, e privando o Povo de Deus dos Pastores a que tem direito. São questões ainda vivas que se põem à consciência da Igreja do Brasil.

4.4.2 A crise no presbitério

Dentro da nova realidade trazida pelo Concílio Vaticano II, ou seja, a abertura ao pluralismo que existe na sociedade, um pluralismo ecumênico, pluralismo eclesiológico, teológico e pastoral, desencadeou um processo de renovação do ministério presbiteral. Esta renovação provocou uma profunda crise que já estava em andamento antes mesmo da realização do próprio Concílio. Trata-se de uma crise da própria sociedade.

O Concílio Vaticano II, sem dúvida alguma, despontou como evento mais importante relacionado às transformações porque passou a cultura contemporânea na segunda metade do século XX. O Concílio trouxe consigo uma nova concepção eclesiológica e um novo modo de se relacionar com o mundo.

As mudanças muito rápidas provocaram descompassos, vacilações e dúvidas quanto à vida cristã e sacerdotal. De seu lado, as novas correntes teológicas traziam consigo um certo relativismo, facilitando a crítica às instituições, à pastoral, à vida interna e à função da Igreja na sociedade. O protesto contra o autoritarismo, a rigidez, lentidão e inadequação das estruturas, pessoas e organismos eclesiais passou a ser lugar comum, originando crises de autoridade, geradoras de tensões e atritos entre Bispos e Presbíteros. (CNBB, Vida... 1981, p. 9).

A referência à maneira como deve ser o padre se justifica porque influencia, significativamente, a forma como a formação sacerdotal será concebida e realizada. Esta preocupação se evidencia pelo decreto conciliar *Opitatum Totius*. Este decreto trata da organização dos seminários e de quais preceitos devem seguir para o adequado cumprimento de suas funções. Um de seus propósitos diz respeito à adequada preocupação dos futuros presbíteros para com a realidade de seu tempo:

A desejada renovação de toda a Igreja depende em grande parte do ministério dos sacerdotes, vivificado pelo Espírito de Cristo. Por isso o sagrado Sínodo proclama a suma importância da formação sacerdotal e declara alguns de seus princípios básicos. Por meio deles confirmem-se as leis que a experiência dos séculos aprovou e ao mesmo tempo nelas se introduzam os novos elementos que correspondem às Constituições e Decretos deste Santo Concílio e às novas condições dos tempos. (COMPÊNDIO, 1969, p. 507).

Essa crise que marcou profundamente a Igreja atingiu também os presbíteros, levando um grande número a laicizar-se. Já no Sínodo de 1971, que trata do sacerdócio ministerial, o Cardeal Avelar Brandão Vilela, primaz do Brasil, refere-se à evidência de uma crise do ministério presbiteral, a qual estava ligada a problemas tanto da Igreja quanto do mundo. Acena ao fato de que, na atividade

pastoral, existem os que prescindem do Concílio, outros não sabem como aplicá-lo e, enfim, outros o tomam como ponto de partida e vão muito mais além, especialmente em matéria social e política.

Existe o problema do relacionamento da Igreja com o mundo. E, finalmente, o problema da identidade presbiteral que coloca problemas espirituais, psicológicos e sociais ao presbítero na América Latina.

Os problemas do sacerdócio ministerial são mais de natureza pastoral e missionária do que dogmática, concernentes sobretudo ao modo concreto de adaptar o ministério dos presbíteros ao mundo moderno, superando uma figura de presbítero muito rígida. A nova realidade latino-americana coloca ao presbítero novos e gravíssimos problemas, especialmente sobre a justiça social e o bem comum: solicita da Igreja a imagem diaconal e profética do serviço, especialmente aos pobres. (CAPRILE, 1972, p. 219).

A Conferência de Medellín, realizada em 1968, apenas três anos depois da conclusão do Vaticano II, faz referências às grandes mudanças por que passa este continente, afirmando que tais mudanças afetam os presbíteros em sua vida e em seu ministério. Os bispos apontam para a existência de um perigo para a fé do presbítero de hoje. Falam de certa superficialidade na formação mental e insegurança doutrinária causada por um relativismo ideológico e por certa desorientação teológica. Afirmam que tal insegurança é causada também pelo progresso das ciências antropológicas e da revelação e que, de tais ciências, os presbíteros não possuem o necessário esclarecimento, ou não as assimilaram suficientemente.

Além do mais, a exigência de uma nova espiritualidade, mais vivencial e encarnada, leva muitos presbíteros a abandonarem a espiritualidade tradicional, sem terem adquirido, de forma consistente, o novo modo de viver a espiritualidade, trazendo, em decorrência disto, um enfraquecimento da espiritualidade, em que o presbítero transfere facilmente à comunidade a crise que está vivendo.

Medellín acena também para as dificuldades em relação ao celibato. Fala de uma crise de obediência. Refere uma crise relacionada à própria vocação sacerdotal, motivada pela valorização crescente do papel do leigo, pela discussão sobre a figura e o papel do presbítero na sociedade. Há uma crise que atinge certos sacerdotes que, por sua idade e formação, se sentem incapazes de assumir a renovação proposta pelo Concílio. O Sínodo de 1971 afirma que muitas vezes “Os problemas e as perturbações dos presbíteros provêm do fato que, na sua solicitude

pastoral e missionária, devem ir ao encontro da mentalidade hodierna com métodos talvez já obsoletos” (SYNEP, De Sacerdotio, n. 1141, apud MORO, 1997, p. 36).

Porém, a grande crise que o clero enfrentou no pós-concílio foi uma “Crise de Identidade.” (SMHMIDT, 1986, p. 33). O Documento da Conferência Latino-americana: Puebla, falando da situação dos presbíteros da América Latina, acena à sua falta de suficiente atualização pastoral, espiritual e doutrinal, a qual causa insegurança diante dos progressos teológicos e das doutrinas errôneas, provocando “sentimento de frustração pastoral e até certas crises de identidade.” (CONFERÊNCIA, Puebla, 1980, p. 201).

O episcopado brasileiro é quem melhor faz referência a esta crise afirmando que depois do Concílio, entre os sacerdotes diocesanos e religiosos, cresceu uma onda generalizada de mal-estar e questionamentos, com sérias repercussões, que se sentem ainda hoje na Igreja do Brasil. Falava-se de uma *crise de identidade*. Foi uma crise muito séria, quantitativa e qualitativamente, levando à desistência um grande número de presbíteros, dos quais a maioria eram os que tinham a melhor preparação. (CNBB, Vida...1981, p. 7).

José Comblin (1981, p. 337-341) apresenta como causa da crise e desistência de grande número de presbíteros e da grande maioria dos seminaristas a cultura moderna de classe média, da qual os presbíteros e seminaristas faziam parte. Segundo este autor, a cultura da classe média é uma cultura do espectador e não de alguém que se compromete, cultura de informação e não de formação para a vida e a ação. E, diante da evolução histórica e renovadora do Vaticano II, alguns destes presbíteros e seminaristas não tiveram nem a preparação e nem a coragem de assumir o novo e desistiram, assumindo uma posição muito cômoda dentro da sociedade.

Tal crise apresentava aspectos e buscas, tais como: a procura de profissionalização que garantisse ao presbítero a subsistência e o status social que a condição de clérigo não lhe dava; questionamento da função específica do presbítero numa igreja missionária e ministerial; o papel concreto que cabe ao presbítero numa sociedade de injustiça e desigualdade; a desestruturação de estilos e formas de vida tradicionais de organização eclesial; questionamento do celibato, juntamente com o problema da realização humana e afetiva do sacerdote. Houve e ainda há certa confusão no que concerne às atividades específicas dos presbíteros e dos leigos.

Os bispos do Brasil fazem referência à crise acenando a um horizonte mais amplo, afirmando que à:

Crise de identidade somavam-se duas outras, uma relacionada com a postura e a vivência da fé e outra nascida da crítica às estruturas e às práticas da autoridade na Igreja. Muitos começaram a sentir-se abalados não só quanto às suas opções pessoais ou às maneiras de encarar e viver o sacerdócio, mas também em relação à espiritualidade e à fé. (CNNB, Vida...1981, p. 9).

Eles acenam também ao fato de que a crise dos sacerdotes e o esvaziamento dos seminários, mais do que uma identificação de indivíduos, era a expressão de toda a complexa problemática da Igreja em transição.

Um outro fator de suma importância que acentuou consideravelmente a crise dos presbíteros está relacionado à realidade de injustiça e opressão que a Igreja quer enfrentar com a opção pelos pobres. Isso irá abrir uma série de questionamentos. Todas as novas opções pastorais da Igreja colocam o presbítero diante de um confronto para o qual muitas vezes não se sente preparado. Falta a ele uma visão teológica e pastoral que lhe permita anunciar o evangelho de modo fundamentado, em que a dimensão social e política são elementos integrantes. Daí decorre também a necessidade de trabalhar melhor a relação pastoral e política, permitindo ao presbítero manter-se no seu específico, como evangelizador. (CNBB, Vida... 1981, p.19. 24).

Um outro problema da realidade presbiteral, sobretudo, da América Latina, é a “falta de unidade nos critérios básicos de pastoral, com as conseqüentes ‘tensões’ na obediência e sérias repercussões na ‘pastoral de conjunto.’” (CONFERÊNCIA, Puebla, 1980, p. 200).

Isto também acontece porque o mundo moderno tende a setorizar tudo, ao ponto de que a Igreja também se ressentida desta realidade. Este fato repercute também no presbitério, porque

[...] as relações entre os bispos e os presbíteros e dos mesmos presbíteros uns com os outros vão se tornando sempre mais difíceis, à medida que o exercício do ministério se diversifica. [...] exigem-se competências várias e formas apostólicas diferentes. Daqui se originam os problemas relativos à fraternidade, à unidade e à coerência no ministério sacerdotal.” (CNBB, Vida...1981, p. 8).

No Brasil, a emergência das CEBs e outras realidade eclesiais exigem do presbítero novo tipo de presença e de serviço, e a vitalidade de tais comunidades revela certa insuficiência “[...] da única modalidade de formação e atuação da atual

figura do presbítero, como resposta pastoral à sede de Deus presente no povo. (CNBB, Vida...1981, p. 71)

Nesta visão o presbítero será o líder da comunidade e o evangelizador, seu ministério é o transbordar de suas atitudes pessoais e de suas opções profundas de uma fé viva encarnada. O Papa João Paulo II afirma “[...] que o acento deslocou-se do problema da identidade do presbítero para os problemas relacionados com o itinerário formativo ao presbiterato e com a qualidade de vida dos sacerdotes.” (JOÃO PAULO II, 1992, p. 10).

Uma constatação que atualmente chama muito a atenção é o fato de a maioria dos jovens recém-ordenados que deixaram o ministério, nos últimos tempos, apresentam como causa não o celibato, e sim o impacto com a realidade e a incapacidade de trabalhar em equipe. Constata-se que as jovens gerações de presbíteros não estão muito preparadas para enfrentar e viver positivamente as tensões e os conflitos que fazem parte da vida pessoal, pastoral, eclesial e de inserção no mundo.

4.4.3 O caminho para superar a crise

Frente aos desafios levantados pela crise emergente na Igreja, sobretudo, na vida e ministério dos presbíteros, várias atitudes foram tomadas. São inúmeros os documentos existentes a respeito desse tema. Para efeito deste trabalho de pesquisa, citam-se aqueles que parecem emblemáticos de como a Igreja encarou, nestas últimas décadas, a crise do clero.

Na realidade brasileira o esforço de acompanhamento na área dos presbíteros era então coordenado pelo Secretariado Nacional do Ministério Hierárquico, que publicou em julho de 1969, uma coletânea de documentos, elaborados pelos presbíteros dos diversos regionais da CNBB, não na forma de estudo científico, mas de reflexão comunitária, motivada por um documento aos presbíteros, elaborado e enviado pelo Secretariado Nacional. Este documento sugeria um roteiro, cujos temas eram basicamente os seguintes: inserção dos presbíteros na realidade; relacionamento inter-eclesial; crises e tensões existentes no clero; propostas. É notável o esforço de recepção da teologia conciliar que aparece

em vários passos do documento em relação à teologia da Igreja e do sacerdócio, bem como a precisão e liberdade com que são indicados traços comuns da crise dos presbíteros apontados naquele momento.

Outro documento é elaborado no Sínodo Mundial dos Bispos, realizado em Roma no ano de 1971. Convocado por Paulo VI no ano de 1970 para tratar o tema: O Sacerdócio Ministerial, o Sínodo abriu seus trabalhos no dia 30 de setembro do ano seguinte. Os objetivos do referido Sínodo foram apresentados pelo Cardeal Teracón: - promover formas novas de vida e existência sacerdotal que responda às exigências do mundo de hoje, às inquietações das comunidades em relação aos seus pastores, aos problemas vividos pelos padres em quase todas as partes do mundo, às exigências de uma Igreja em renovação.

As pesquisas feitas junto aos padres a nível diocesano, nacional e internacional, forneceram aos membros do Sínodo uma documentação impressionante sobre a situação do clero no mundo. Algumas dessas pesquisas haviam sido conduzidas com rigor científico, como a da Espanha (com 4,5 milhões de dados), dos EUA, e da Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM) sobre o clero da América Latina. Baseado em tais dados, o documento de trabalho entregue aos Padres Sinodais revelava a existência, entre o clero, de uma verdadeira crise, evidenciada: a) pelo abandono do ministério por parte de um número expressivo de sacerdotes; b) pela diminuição das vocações; c) pelo conflito entre bispos e padres; d) pelo fenômeno da marginalização (aparecimento de numerosos grupos contestatórios, com tendência à formação de “igrejas paralelas”). Caberia, agora, aos Padres Sinodais descobrir as causas do problema para, em seguida, apontar soluções. O documento final – votado ao cabo de mais de um mês de reuniões, discussões e debates – revela que esse objetivo não foi plenamente alcançado.

O Sínodo de 1971 afirma que os presbíteros

Encontram a sua identidade, na medida em que vivem plenamente a missão da Igreja e a exercem, de diversas maneiras, em comunhão com todo o povo de Deus, como pastores e ministros do Senhor, no Espírito, para atuarem com a sua obra no plano da salvação na história (SYNEP, *De Sacerdotio*, n. 1178; J. B. SCHIMIDT – O. J. COLLINGO.C. Apud MORO, 1997, p. 44).

O fato da clareza da identidade sacerdotal resultou em renovada afirmação da vida espiritual do ministério hierárquico e num serviço preferencial aos pobres (CONFERÊNCIA, Puebla, 1980, p. 67).

Para os bispos do Brasil, o caminho para superar a crise, sobretudo, da sobrecarga de trabalho pastoral é a “diversificação no exercício do ministério e a maior atenção à pessoa do presbítero.” (CNBB, Vida... 1981, p. 15-6). A proposta da CNBB acena à necessidade de repartir as tarefas entre presbíteros, agentes de pastoral e comunidade. Para sugerir isto, usa como fundamento a vocação apostólica de todo o povo cristão e a realidade atual da complexidade do ministério pastoral. Sugere que os presbíteros atuem em áreas específicas, e para tal atuação, após a formação básica, busquem uma formação adequada a estes campos específicos de ação. As áreas rural, suburbana e os centros urbanos são as que exigem a atenção do ministério presbiteral.

A maioria dos presbíteros leva uma vida evangelicamente pobre e em muitos lugares os presbíteros buscam novas maneiras de partilhar os bens materiais como modo de viver a pobreza. O presbítero sente a necessidade de cultivar de modo mais específico sua espiritualidade pessoal e eclesial.

O Documento **Pastores Dabus Vobis** – Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, de 25 de março de 1992, faz uma imagem do padre, baseada nas duas polarizações que acompanham o debate teológico, nas últimas décadas: os padres *Alter Christus* e o padre vinculado à vivência eclesial. Na realidade, os dois pólos estão presentes sem muita articulação, mas justapostos. Porém, o que mais se destaca na (Pastores Dabus Vobis – PDV) é todo o processo formativo, com suas dimensões, que começa no despertar da vocação e vai até o processo de formação permanente.

O documento parte de uma constatação de que já não é mais a questão da identidade do padre a que mais ocupa a atenção de todos na Igreja, mas as circunstâncias em que o padre vive, com as mais variadas influências do meio social, cultural e político.

Por isso, o itinerário formativo presente na Pastores Dabus Vobis parte da pessoa do padre, de sua natureza humana, como alicerce sobre o qual se erguerá todo o edifício de sua formação e realização como presbítero. “Sem uma oportuna formação humana, toda a formação sacerdotal fica privada de seu necessário fundamento.” (JOÃO PAULO II, 1992, p. 116).

João Paulo II indica que o processo de formação permanente deverá abranger todas as dimensões da vida presbiteral, desde a área humano-afetiva até

aquela que nos prepara para o encontro definitivo com o Pai. Lembra, ainda, o Papa, que a formação permanente deverá ser pensada sistematicamente e não se reduzir a momentos episódicos, tais como um prêmio para aquele que perseverou na vida presbiteral.

João Paulo II destaca brilhantemente que o exercício do ministério presbiteral, tendo em Cristo a sua referência absoluta, tem na Igreja e na forma comunitária de vivê-lo a sua exata concepção, pois “não se deve, pensar no sacerdócio ordenado como se fosse anterior à própria Igreja, porque ele existe totalmente em função do serviço da mesma Igreja.” (JOÃO PAULO II, 1992, p. 43).

João Paulo II também alerta que não é possível conceber a Igreja independentemente do sacerdócio. Há entre eles uma relação profunda, que faz do presbítero “[...] um ministro-servo de Cristo presente na Igreja mistério, comunhão e missão”. (JOÃO PAULO II, 1992, p. 44)

5 DESAFIOS DA REALIDADE BRASILEIRA NESTES ÚLTIMOS 40 ANOS

Segundo Uchôa, (2006), a tarefa de tentar avaliar a identidade da Igreja Católica em relação à sua presença na sociedade brasileira é bastante complexa. As grandes mudanças ocorridas em plano mundial e no país criaram muitos conflitos dentro da Igreja, com repercussão na sua maneira de agir diante da sociedade.

Há mudanças culturais significativas em curso. Algumas afetam o relacionamento homem e mulher, outras atingem a estrutura familiar tradicional e ganham espaços as ideologias liberais.

Do ponto de vista do regime político, a recente mudança da mentalidade social, deixa dramaticamente aberta a questão de conquistar realmente um novo espaço democrático e encaminhar reformas sociais profundas ou continuar, sob nova roupagem, velhas práticas. O que muda é o esquema de sustentação das minorias poderosas: antes, através de um aparato militar e do autoritarismo político. Hoje, muito mais pela forte influência dos meios de comunicação, continua pesando sobre a vida pública a intervenção de grupos economicamente fortes, com interesses corporativos e restritos, que usam intensamente esses meios para influenciar a opinião pública, aproveitando-se da crise de credibilidade do sistema político tradicional. O cidadão, nestas circunstâncias, tende a virar mero espectador, enquanto os meios de comunicação apresentam sempre mais a vida pública de forma sensacionalista e espetacular, esvaziando ou escondendo as questões de real interesse.

A cultura do consumismo abarca quase tudo, favorece a busca do prazer sem limites e responsabilidade, potencializa o consumo das drogas *“alimentado por um comércio criminoso”*, favorece uma nova forma de alienação. Além disso, gera uma grave questão ecológica, pois as reservas naturais, especialmente as não renováveis, podem se esgotar e comprometer o meio ambiente e a sobrevivência das gerações futuras. (CNBB, Diretrizes... 1999, p. 90-1).

Olhando a história nestes últimos 40 anos percebe-se que o Concílio Vaticano II trouxe à prática pastoral da Igreja no Brasil importante referência, marcada por uma forte presença de compromisso com a vida do povo, compromisso que se traduzia pelo exercício da participação mais ativa na vida e nos rumos da sociedade brasileira.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) tiveram e têm papel fundamental neste processo. Elas caracterizam-se por serem o espaço de formação da consciência crítica e política das novas lideranças populares. A prática da pastoral libertadora antecipa a reflexão teológica sobre a libertação.

Surgem posteriormente movimentos novos para diferentes situações pastorais, especialmente de leigos e leigas empenhados em desenvolver carismas pessoais, com relativa autonomia e sem muita motivação pelo social. Trazem para dentro da Igreja, principalmente para as ações litúrgicas, apelos de renovação espiritual e novas formas de expressão mais emocionais e menos intelectualizadas.

Surge um novo tipo de padre no cenário da Igreja denominado por Clodovis Boff de padre “*midiativo-carismático*”, ou “*pop star*”. Trata-se do tipo de padre que adota novas formas – dir-se-ia carismáticas – de anunciar Cristo e que, para isso, ocupa os areópagos modernos da mídia. (CNP, 2001, p. 440-2)

A imagem pública desses presbíteros “*pop star*” vem influenciando fortemente a formação de muitos seminaristas e os induz à imitação. A própria comunidade cristã, fascinada por esse tipo de culto e de linguagem, vividos com alta intensidade emocional, passam a cobrar dos outros presbíteros mudanças na maneira de celebrar e de se comunicar. E assim, novo processo parece penetrar pelo corpo inteiro da igreja, causando naturalmente perplexidades.

O modelo político e social também é questionado quando surgem os serviços pastorais que dão especial atenção aos excluídos neste país. Esses serviços contrapõem-se à opressão imposta aos sem-terra, aos desempregados, aos índios e suas nações, às crianças, mulheres, negros, jovens, homossexuais, aos migrantes, entre outros. Cresce assim a possibilidade de a Igreja ampliar sua presença como serviço, apta para ajudar a construir um projeto de nação mais justa e fraterna. “Participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.” (CNBB, Diretrizes, 2003, p. 95).

Estes e muitos aspectos desafiantes são hoje marcas profundas de uma Igreja comprometida com a vida e a história de seu povo. É evidente que o balanço da caminhada coloca a Igreja diante de muitos dilemas e questionamentos. Estes requerem uma análise mais profunda na sua estrutura e na sua identidade.

5.1 O Concílio Vaticano II e o nosso Sistema de Referência

Segundo Cipriani, (2006), nada existe de mais resistente às mudanças do que a mentalidade. A mentalidade é um sistema complexo de pensamento, de atitudes, de comportamento. As experiências, a assimilação das formas culturais sociais e religiosas e as instituições contribuem para construir sistemas de referência que facilitam a nossa compreensão e a relação do homem com o mundo e com Deus. As instituições monopolizam esses sistemas e os tornam garantia de valores, crenças, convicções e regras de conduta aceita consensualmente por uma sociedade. Mexer com o sistema institucional é difícil e, às vezes, perigoso, porque exige o confronto com o poder formal de códigos e leis ou com a força moral da autoridade que usa a censura ou mesmo incita o repúdio da própria comunidade. O Concílio Vaticano II e suas reformas tornaram-se difíceis justamente por atingirem um velho sistema cultural e institucional de referência e por exigirem mudança de mentalidade.

A realização do Vaticano II não foi, nem poderia ter sido, um Concílio tranqüilo. Ele provocou posicionamentos diferentes, reformas, mudanças de comportamento, renovação espiritual, censuras e até heresias e excomunhões.

A história eclesial dos quarenta anos após o Vaticano II registra a força crítica e dinâmica da proposta conciliar e sua tendência a modificar o sistema eclesial anterior. Pode-se recordar aqui as transformações ocorridas na Igreja Católica no Brasil a partir de Medellín (1968). Transformações que mudaram as feições desta Igreja e não se compara a nenhum outro período histórico. A CNBB, exortada pelos papas João XXIII e Paulo VI, aprovou o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). Na apresentação, afirmou contundente: “Este Plano visa criar meios e condições para que a Igreja se ajuste o mais rápida e plenamente possível, à imagem da Igreja do Vaticano II” (CNBB, Plano..., 1966, p. 13).

A reflexão teológica e a prática pastoral da Igreja Católica no Brasil se tornaram referência de renovação, reforma e profetismo para toda a Igreja no período que se prolongou até o fim dos anos 1980. As Comunidades Eclesiais de base chamaram a atenção de estudiosos de eclesiologia e inspiraram a pastoral e a missão em muitos países. Foram anos de muito entusiasmo, muito vigor, muita doação, que marcaram definitivamente a vida daqueles e daquelas que o viveram

intensamente e que hoje, embora não mais se reconhecendo na Igreja que vêm, não mais se identificando com ela, buscam, nas experiências vividas naquele período, forças para alimentar a própria fé e continuar a caminhada.

O Vaticano II se achou diante da concepção tridentina do sacerdócio e procurou assumi-la e transformá-la, numa perspectiva inovadora. Mas o sistema eclesial que vigorara até os anos 1960, ainda que em grande parte enfraquecido, não podia ser apagado por declarações ou documentos, nem pelo trabalho pastoral de alguns anos. Ele continuava sendo o referencial de muitos católicos, pastores e fiéis. A capacidade de resistência e a solidez daquele sistema oficialmente estabelecido, estruturalmente solidificado e encarnado há séculos na mentalidade do povo católico, tornam ainda hoje difícil, complexa e conflitiva toda reforma.

Os anos de 1984-86 marcam o início de uma ação do Vaticano direcionada a reverter o curso das mudanças iniciadas pelo Plano de Pastoral de Conjunto. A suspeita lançada sobre a Teologia da Libertação e as censuras aos teólogos, os discursos de João Paulo II aos bispos na visita *ad Limina* de 1985 e o perfil das novas nomeações episcopais, começaram a surtir efeito no início dos anos noventa.

Hoje, testemunha-se a nova visibilidade da onda pastoral de volta aos anos 1950 e ao século XIX. Os chamados novos movimentos e novas comunidades, nos quais muitos parecem apostar, na maioria dos casos são pré-conciliares por data de nascimento e, mais ainda, pelo perfil espiritual e eclesial. Os textos conciliares favoreceram o crescimento dessas experiências e abriram portas para novas. Isso está explícito na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, na *Gaudium et Spes*, na *Presbyterorum Ordinis* e, sobretudo, no decreto sobre o apostolado dos leigos, *Apostolicam Actuositatem*. (CNBB, Igreja..., 2005, p. 5).

Essa ruptura de um processo de renovação, que teve, sem dúvida, seus limites e é desafiado a enfrentar novos fenômenos e novas situações sociais e políticas, criaram as condições propícias para que se instalasse uma crise de visão e de rumos na ação pastoral e evangelizadora.

Há, porém, quem continue comprometido com uma recepção fiel, paciente e criativa das indicações do Vaticano II. A vitalidade das Comunidades Eclesiais de Base, às quais se deve o mérito principal da renovação da Igreja no Brasil, os Planos da CNBB, até o Plano *“Rumo ao novo Milênio”* e *“Ser Igreja no novo Milênio”*, têm conseguido prolongar nos anos a força renovadora do Concílio.

Mas são numerosos também os que optam por esquecer o Concílio, tentando deslocar a Igreja Católica para uma época superada que nunca mais vai voltar. A estes últimos basta lembrar que o Vaticano II aconteceu, como a Revolução Francesa aconteceu como a II Guerra Mundial aconteceu e tais fatos, que marcaram definitivamente a história da humanidade, ainda que se queira, não podem ser ignorados, esquecidos, minimizados. Não se deveria pensar e agir como se o Concílio não tivesse acontecido e não é legítimo fazer dele o que não foi: um Concílio que não quis mudar nada, que confirmou tudo o que tinha sido estabelecido antes e, pior ainda, um Concílio inferior aos concílios teológicos e dogmáticos porque de cunho pastoral.

A reação católica à Teologia da Libertação de um lado e ao crescimento pentecostal do outro, esquecendo o Concílio e preocupada com abandono massivo de fiéis, aposta no reavivamento de um antigo sistema pastoral: as devoções (terço em família, novenas, romarias e bênçãos), contam-se com os movimentos familiares, o crescimento da Renovação Carismática e o incentivo de setores do episcopado brasileiro às missões populares para reconquista dos católicos afastados.

Mas os ouvintes mudaram, eles não são mais os ouvintes do passado: atraídos que são pela idolatria do dinheiro entram na cultura do consumismo; vazios pela perda de interioridade, impotentes e angustiados diante dos acontecimentos, buscam refúgio no subjetivismo e na indiferença e o número dos que se declaram sem religião cresce no mesmo ritmo da adesão aos movimentos pentecostais.

Porém, o perigo de confundir os sintomas com a doença, dá-se como explicação justamente o que deve ser explicado, condenando a missão à permanente ineficácia. Em um mundo pluricultural, continua-se querendo atingir as massas, enquanto a tradição mais recente das CEBs havia aberto um caminho novo para a missão: a fundação de comunidades de base. A Europa é prova do êxito desastroso de uma pastoral que pouco ou nada mudou depois do Concílio.

Talvez o caminho seria recuperar e retomar o exemplo dos apóstolos e sair da administração rotineira da paróquia para fundar novas comunidades ao redor da Palavra, dialogando com mais firmeza sobre a eucaristia que é um dom de Cristo à sua Igreja e não é propriedade dos ministros.

Há, enfim, quem considere o Concílio Vaticano II já superado pelos novos e grandes desafios que a cultura moderna e pós-moderna apresenta à Igreja. Muitos problemas vieram à tona depois do Concílio. O Sínodo dos Bispos da Holanda

apontou as temáticas emergentes que teriam interessado a toda a Igreja Católica até hoje: a autoridade na Igreja, a liturgia, o sacerdócio ministerial em relação ao sacerdócio comum, o celibato, a posição da mulher na Igreja, o ecumenismo, a moral sexual.

A palavra e a realidade da Igreja caíram em descrédito. A saída de fiéis da Igreja Católica, que assumiu as características de um verdadeiro êxodo, não tem precedentes no Brasil. Tudo indica que esse clima desfavorável não será superado em breve espaço de tempo. Na incerteza dos caminhos a percorrer, a Igreja Católica parece estacionar, como que paralisada pelas rápidas mudanças que vão redefinindo o perfil das culturas nas sociedades contemporâneas.

A recepção conflitiva do Concílio trouxe como consequência, variadas formas de impostações pastorais sem a possibilidade de uma verdadeira coordenação. É esta a situação atual. Para correr aos reparos, volta-se a um gerenciamento autoritário que, além de reduzir o crédito da autoridade, cria uma nova competição que substitui a riqueza da complementariedade e marginaliza forças importantes para a vida eclesial e a missão.

Tendo como base a eclesiologia do Vaticano II e aplicando-a mais sistematicamente à compreensão do sacerdócio é um imperativo da consciência cristã e da missão de presbíteros desafiados a dar respostas proféticas às demandas da humanidade. Tem-se a obrigação de dar conta do empreendimento histórico e da gravidade da tarefa a que são chamados. Sem uma recepção significativa do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica corre o risco de perder o maior referencial para a sua missão no mundo de hoje.

O que deve ser valorizado são os elementos teológicos que sustentam o contínuo processo de conversão dos que crêem e renovam também as estruturas de um sistema há tempos envelhecido e incapaz de retomar o diálogo de salvação da Igreja com o mundo contemporâneo. A arte pastoral e evangelizadora é profética na medida em que bispos e presbíteros vão testemunhando e construindo criativamente no tempo presente, a situação futura da comunidade eclesial inserida na história da sociedade contemporânea.

6 SEMINÁRIO DIOCESANO DE PRESIDENTE PRUDENTE

6.1 Apresentação e uma Retrospectiva Histórica

Tendo já discorrido sobre a história da formação sacerdotal no Brasil, convém agora, de forma sucinta uma definição do espaço formativo que convencionalmente chama-se: SEMINÁRIO. Seminário, hoje, é entendido como uma casa de formação que recebem adolescentes e jovens que querem ser padres, em regime de internato.

A organização e manutenção dos seminários são de responsabilidade do Superior da Congregação Religiosa (para formar padres religiosos) ou do Bispo Diocesano (para formar padres diocesanos).

Para ser admitido no seminário, o candidato deverá preencher uma série de exigências, a primeira dentre as quais é ter vocação. Segundo as Diretrizes Básicas da Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil, ter vocação

é condição para assumir o ministério presbiteral. Isto significa que ninguém pode arrogar-se o direito de escolher o ministério de presbítero, com base unicamente em suas aspirações. Mas é dever da comunidade cristã discernir o chamado de Deus nas pessoas que Deus convoca e dota dos dons ou auxílios sobrenaturais necessários ao desempenho do ministério. (CNBB, Formação... 1984, p. 18)

Uma outra condição indispensável é levar em conta o desenvolvimento da personalidade e o amadurecimento da opção pessoal do vocacionado. A adolescência é de modo especial, o momento de elaboração do projeto de opção de vida. Essa elaboração ou opção pode ser sentida também na juventude. Porém, é sempre importante que se dedique um cuidado pedagógico em qualquer fase em que a vocação é sentida.

Dentre muitas exigências, antes da admissão de um candidato ao seminário, a equipe de formação deverá estar atenta se o candidato encontra-se num processo de amadurecimento humano; se está vivendo uma profunda experiência de fé, no seguimento de Jesus Cristo; se está inserido e comprometido com uma comunidade cristã; se tem espírito apostólico e se tem consciência de ter sido escolhido por Deus para um ministério especial.

O seminário é a instituição que sustenta e orienta o processo pedagógico de discernimento e formação. Desse modo, a partir do momento em que a vocação ao ministério sacerdotal se manifesta de modo claro e suficientemente amadurecido, é necessário não apenas conservá-la passivamente, mas oferecer-lhe ambiente e meio para se desenvolver adequadamente. Esse ambiente próprio para o cultivo da vocação e o desenvolvimento sistemático das capacidades do formando é o seminário.

Como espaço prioritário de uma diocese para a formação sacerdotal, o seminário deve oferecer ao candidato ao sacerdócio as bases estruturais de uma formação humana, espiritual, pastoral, intelectual. Não podendo perder de vista o que concerne o equilíbrio e a integração entre os diversos aspectos da formação.

O tipo de padre que a Igreja do Brasil precisa está definido em diversos documentos, começando pelo Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências Episcopais Latino Americanas e das Diretrizes da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Estes documentos acentuam o papel específico do padre, no contexto de uma Igreja *“toda ministerial”*, que se constrói pela participação ativa de toda comunidade, animada, coordenada e presidida, em nome de Cristo, pelos ministros ordenados.

Esta figura de padre, já acenada pelo Concílio Vaticano II, difere da perspectiva tridentina, e exige uma nova formação. O padre, no Brasil hoje, é chamado, antes de tudo, a um trabalho de evangelização.

Benedetti (1999, p. 116), ao falar do perfil do “novo clero” afirma que ele se forja no seminário como instituição social total – lugar do controle e tempo da prova. “O primeiro passo do seminário é afastar do mundo do trabalho, um aspecto definidor do homem moderno e, mais especificamente ainda, do homem urbano. A primeira condição para ser padre é ‘largar tudo’...”. De acordo com o autor, tudo muito distante do mundo urbano. Mais, tudo isso é visto como renúncia, sacrifício, desapego, dom de si.

Reily Rocha (1991, p. 91), afirma que a Igreja como instituição, reconhece que nem todos os jovens que expressam o desejo de se tornarem padres realmente são vocacionados. No passado o ingresso no seminário e a respectiva eliminação dos indesejáveis ocorriam principalmente no período do seminário menor.

Hoje a visão da Igreja mudou muito neste sentido. Assim, “[...] a presença de elementos não-vocacionados dentro do seminário passou a ser vista

como influência negativa [...]. A eliminação dos candidatos que dificilmente teriam condições de acompanhar o processo de formação se dá antes mesmo do ingresso desses candidatos ao seminário.” (BENEDETTI, 1999, p.116).

O seminário é o tempo de preparação, o tempo da passagem, tempo também marcado por fases ou ritos. Assim, podem-se distinguir duas etapas da formação bem distintas: a primeira é a fase do Seminário Menor, que compreende basicamente o Ensino Médio, Fundamental e Propedêutico. A segunda fase é do Seminário Maior, compreendendo os cursos de Filosofia e Teologia. Tendo concluído estas fases, o candidato ao sacerdócio começa os ritos de ordenação: Diaconato e Presbiterato.

A Diocese de Presidente Prudente foi criada no ano de 1960, com a Bula “Cum Venerabilis”, do Papa João XXIII, que trazia como recomendação a “criação de um Seminário para a formação dos candidatos ao sacerdócio”.

O primeiro Bispo Dom José de Aquino Pereira, ao tomar posse da nova Diocese, teve como prioridade, a construção do Seminário, comprar um terreno que se adequasse a construção e, a imediata execução da mesma. Que foi inaugurado aos 19 de março de 1966, e recebeu o nome de: Seminário Diocesano Nossa Senhora Mãe da Igreja.

O Seminário teve como primeiro reitor, o recém ordenado, Pe. João Raphael M. Goetz, que exerceu o cargo durante vinte e um anos (de 19/03/1966 ao início do ano de 1988). Depois do Pe. João Goetz assume a reitoria o Pe. Expedito Pereira Cavalcante, que antes era Diretor Espiritual e fica à frente do Seminário até julho de 2002. Desta data até hoje o reitor é o Mons. Miguel Valdrighi.

Quando inaugurado em 1966, o Seminário Diocesano de Presidente Prudente iniciou suas atividades com cinqüenta e dois seminaristas sendo que, uma grande parte deles, procedia do Seminário São José da Diocese de Assis, da qual foi desmembrada totalmente a Diocese de presidente Prudente em 1960.

Até a inauguração do Seminário, os seminaristas de Presidente Prudente, estudavam em Assis. Na época, o Seminário contava com alunos do 1º e 2º graus, a partir da 5ª série do 1º grau. Isto é, recebiam meninos com a idade de dez e onze anos em diante.

Os respectivos pavilhões que hoje formam o corpo do Seminário ainda não estavam prontos. Havia apenas o primeiro deles e a área que hoje é o refeitório e cozinha; e, esta última parte, não estava concluída.

Não havia ainda energia elétrica e nem água do poço semi-artesiano. A parte onde agora funciona a Casa de Retiro estava em projeto a começar brevemente. No entanto, a construção desses locais foi se realizando até com certa rapidez, de modo que, quando em setembro de 1967 uma tempestade de vento destelhou todo o primeiro pavilhão, não demorou muito para os seminaristas pudessem ocupar (1968 – 1969), o pavilhão, hoje reservado aos encontros e retiros. Enquanto se fazia a total reforma do pavilhão mais antigo, principalmente uma nova cobertura e não mais com beirais expostos ao vento.

Em 1968, com a transferência de Dom José de Aquino Pereira para São José do Rio Preto, as obras de acabamento do Seminário, inclusive a capela que hoje é a Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe da Igreja, sofreram certa estagnação, embora não paralisando totalmente.

Nos inícios de 1970, tomou posse o segundo Bispo Diocesano, Dom José Gonçalves da Costa. Durante o exercício de Dom José Gonçalves, o seminário sofreu poucas modificações. O referido bispo deu impulso ao término da Igreja; pretendia desvinculá-la do Seminário com o nome de “*Igreja das Almas*”, por estar, segundo ele, nas proximidades do Cemitério. Porém, tal nome não se impôs.

A transferência de Dom José Gonçalves como arcebispo de Niterói-RJ, após cinco anos, não permitiu que as obras de acabamento da capela fossem terminadas em todo.

Da posse do terceiro Bispo Diocesano, Dom Antonio Agostinho Marochi, dia 02 de abril de 1976, o Seminário (prédio), passou por várias e significativas reformas, tais como: substituição das paredes de “elemento vazado” por paredes fechadas dos corredores térreos para melhor conservação, segurança e aproveitamento dos espaços e isso tanto na ala em que funciona o Seminário e que funciona a Casa de Encontros, salvo pequena parte do Seminário onde este trabalho já tinha sido feito em gestão anterior. Além disso, foi realizado o asfaltamento das vias de acesso ao Seminário, e à Casa de Encontros, arborização dos pátios, construção de quadras de desportos e campo de futebol, muros em torno do Seminário em face do loteamento e urbanização do terreno que antes era parte das dependências do Seminário, que era completamente aberto.

Terminada a construção vieram mais duas preocupações: Adequar o espaço físico para que pudesse vir funcionar, oferecendo qualidade de acolhida e moradia aos futuros seminaristas. Sem medir esforços diante de todas as

dificuldades no início de um trabalho tão importante, procurou-se mobilhar o prédio com o mínimo necessário para que fosse possível receber os primeiros candidatos ao Seminário.

Outra grande preocupação foi formar o corpo docente, com alguns padres para a formação e orientação espiritual e religiosa dos alunos. E leigos que se destacassem por uma formação acadêmica, e religiosa e de bons costumes. Foi o que nunca faltou ao Seminário, estes abnegados mestres que até os dias de hoje, voluntariamente ministram aulas no Seminário. Entre eles, estão os pioneiros: Pe. João Goetz, Dona Maria Aparecida Sillos; Irmã Elfrida Decker; Mme. Thérèse Richard de Góis; Pe. Carmelo Mercieca, Pe. Expedito e outros.

Com o correr do tempo veio a preocupação em adequar a escola nos moldes do ensino fundamental, porque até então a sua grade curricular era própria, e o seminarista que deixava o Seminário, embora saísse com uma boa bagagem de conhecimento encontrava dificuldade em continuar seus estudos numa Escola Oficial.

O Seminário passa então por uma reforma da Grade Curricular adaptando e adequando o Curso conforme as exigências da Secretaria de Educação e as Leis de Diretrizes de Bases.

A partir do fim da década de 70, foi feito o reconhecimento oficial do Currículo Escolar do Seminário.

Tornando-se hoje uma Escola Oficial embora sem perder o seu caráter confessional e doutrinário, que é a formação para a vida Sacerdotal.

A Direção do Seminário, sempre primou pela disciplina séria na formação intelectual e espiritual dos seminaristas, além das matérias da Grade Curricular, foram incrementadas outras disciplinas exigindo dos seminaristas um passo além. Isto foi muito bom, pois, os seminaristas ao saírem do Seminário são recebidos em outras escolas quando transferidos e apresentam um melhor plantel nos vestibulares sobressaindo a muitos outros.

A vida no seminário está assentada no Tripé: Formação Religiosa, Formação Acadêmica e Trabalho, não faltando o lazer com outras atividades formativas e esportivas.

No início do Seminário foi cultivado o Escudismo, uma forma diferenciada do Escotismo despertando o espírito de Cidadania e uma Educação Ambiental Ecológica, a convivência em grupos e trabalho em equipes e outros dois movimentos juvenis chamados: CGC (Comunidade de Garotos Cristão) e CJC

(Comunidades de Jovens Cristãos) com as suas respectivas etapas; para aqueles que não adaptasse ao escudismo. As datas celebrativas, religiosas e cívicas eram comemoradas com encenações teatrais, esquetes e outras apresentações culturais.

O local onde o Seminário está localizado foi se transformando. Aquele local calmo bucólico se transformou numa cidade, e o agito do tempo presente inevitavelmente foi chegando, naquele local de formação específica. Acelerando o perfil e o lastro cultural daquele logradouro, tomando rumos diferentes, atendendo as características próprias da modernidade.

A partir de 1982, os seminaristas do ensino médio e propedêutico passaram a fazer uma experiência pastoral nos bairros, acompanhados e orientados pelos padres formadores, inspirados nos documentos da Santa Sé, e da Igreja da América Latina que falam da formação do padre especialmente a pastoral.

O Seminário Diocesano Nossa Senhoras Mãe da Igreja, embora se tratando de um Seminário Menor com curso Médio e Propedêutico sempre entendeu a necessidade de uma formação pastoral, e nada melhor que sendo bem acompanhados, os seminaristas sejam exercitados para este fim, uma vez que, padre não se improvisa e, quando isso acontece, presenciam-se os conseqüentes desastres.

Vive-se um tempo de grandes mudanças, onde se requer do padre, entre outras, uma grande capacidade de amar a Deus e ao Povo e por conta disso ter uma grande capacidade de fervor e eficiência, superar problemas novos diante da mobilidade de nosso tempo e ser formado para enfrentar, eficientemente também as sutilezas de tais mudanças.

No início da década de 70, com o 2º Bispo Diocesano, Dom José Gonçalves da Costa houve uma tentativa, que não teve sucesso, de se criar o Curso de Filosofia e Teologia nas mesmas dependências do Seminário, o referido curso não teve a duração de um semestre, pois faltavam professores.

A manutenção do Seminário, além dos cuidados direto do bispo diocesano, tornou-se tradição as paróquias ajudarem com campanhas beneficentes. Também é de se ressaltar o valioso trabalho das Obras das Vocações. Além desse trabalho feito junto às comunidades paroquiais, é importante também citar certos benfeitores especiais como médicos, farmacêuticos, pessoas anônimas, entre outros.

Nestes quarenta anos de funcionamento do Seminário na Diocese de Presidente Prudente já passaram mais de novecentos e trinta alunos. Dos quais contam hoje com quarenta e três padres ordenados para o serviço da Igreja de Presidente Prudente e alguns das outras dioceses que para cá enviaram seus seminaristas.

O seminário serviu também para formar seminaristas vindos de outras dioceses, como por exemplo: Arquidiocese de Campo Grande - MS, Diocese de Coxim – MS, Diocese de Barra do Graças – MT.

Atualmente o Seminário conta com vinte e três seminaristas menores, no Ensino Médio e Propedêutico. No início recebia-se alunos a partir de dez e onze anos de idade para cursar o Ensino Fundamental (a partir da 5ª série). Hoje somente no 1º ano do Ensino Médio, com aproximadamente quatorze e quinze anos de idade, por acreditar que já estão mais maduros para assumir sua vocação.

6.2 Bases Conceituais de Currículo para Análise da Organização do Processo Formativo de Presbíteros

O universo desta pesquisa refere-se à formação sacerdotal em vistas das profundas mudanças ocorridas na sociedade e na Igreja, com a realização do Concílio Vaticano II. O ambiente educacional é o seminário, concebido como uma instituição que sustenta e orienta o processo pedagógico de discernimento vocacional e formação, enraizado na comunidade eclesial.

A finalidade dos estudos no seminário é formar padres católicos. Portanto, o caminho percorrido neste processo formativo proporcionará ao futuro sacerdote os meios para compreender a sociedade contemporânea e as diversas condições sociais e culturais do homem de hoje, ao qual deve anunciar o Evangelho e indicar ao povo cristão os caminhos de uma vida de fé.

Assim, o presente capítulo procurou refletir sobre algumas noções de currículo, para melhor proceder a análise da organização do curso do Ensino Médio oferecido pelo seminário em questão nesta pesquisa.

Ao procurar as bases conceituais de currículo, percorrendo a visão de vários autores pode-se perceber, num primeiro momento, que a noção de currículo

transcende a idéia de um mero elenco de disciplinas ou grade curricular. É preciso ter bem claro a noção de educação inserida na sociedade e seu fim no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Sacristán (1998, p. 17) os currículos são a expressões do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num determinado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado.

O currículo visto a partir de seu conteúdo precisa estar intensamente voltado à concepção histórica que se configura dentro de uma determinada trama cultural política, social e escolar. Nesse sentido a organização curricular compreende a definição de espaços, tempos de ações educativas para que a escola cumpra seus propósitos e finalidades. Na organização curricular deve ficar claro o compromisso com a formação do cidadão inserido na sociedade e vivendo num tempo específico.

Nessa perspectiva, é importante compreender a realidade social em que se vive, porém, na elaboração curricular devem-se propiciar as condições que lhes forneçam conhecimentos e habilidades para exercer esse papel, neste sentido, afirma Ribeiro:

O currículo é entendido como um instrumento orientador da ação educativa em sua totalidade. A sua elaboração, por ser um trabalho partilhado, envolve crenças, princípios, valores, convicções, conhecimentos sobre a comunidade acadêmica, sobre o contexto científico e social e constitui um compromisso político e pedagógico coletivo (RIBEIRO, 2000, p. 9).

Assim, dentre as várias possibilidades de organização curricular a autora acima citada enfatiza que é fundamental compreender a diferença entre grade curricular e currículo. O currículo extrapola a definição burocrática do conteúdo do curso e envolve o esforço permanente e complexo do grupo na elaboração de significados sociais, culturais e políticos sobre o fenômeno educativo e a sujeitos sociais.

Desse modo, a organização de um currículo demanda constituição de visões de mundo e de conhecimentos, de identidades, de subjetividades que envolvem relações de poder, respeito às diferenças sociais, de gênero, de credo e de posturas políticas. Envolve de certa maneira a pessoa humana em sua totalidade e das relações que esta estabelece com a realidade, com a natureza e seus semelhantes.

Conteúdos curriculares não são fins, são apenas instrumentos para educação de qualidade por melhores que sejam. A escola hoje precisa organizar-se em torno de poucos, mas significativos “eixos temáticos” em torno dos quais giram as atenções na busca de conteúdos necessários. Eixos que não podem estar alheios num projeto político-pedagógico da escola hoje: o cotidiano da educação para uma cidadania efetiva, a construção de uma prática dialógica e a afirmação incondicional da dignidade humana.

Doll (1997) para enfatizar a natureza construtiva e não linear de um currículo pós-moderno fala da construção de uma matriz curricular. Para este autor, “um currículo construtivo é aquele que emerge através da ação e interação dos participantes, ele não é estabelecido antecipadamente”. O currículo pós-moderno é entendido como um sistema aberto que não se encerra em si mesmo. Por isso Doll fala em matriz que “*não tem nem início nem fim; ela tem fronteiras e pontos de interseção ou focos*”. Assim um currículo modelado em uma matriz também é não linear e não seqüencial, mas limitado e cheio de focos que se interseccionam, e uma rede relacionada de significados. (DOLL, 1997, p. 178).

Esta visão pós-modernista do currículo apresentada por Doll tem sua marca característica na teoria dos “quatro Rs”. O currículo será “Rico, Recursivo, Relacional e Rigoroso”. Sua *riqueza* procede do seu caráter aberto e experimental. O que favorecerá inúmeras áreas disponíveis para a exploração dialógica e cooperativa. Sua *recursividade* tem sua importância porque, um currículo rico aumenta em riqueza e sofisticação ao refletir-se em si mesmo e ao oferecer oportunidades, para a reorganização, reconstrução e transformação reflexivas da experiência. Será *relacional* porque busca relações entre idéias e significados é a consideração da relação entre os conteúdos históricos e cultural, bem como das maneiras pelas quais as relações são percebidas. E finalmente, o *rigor* torna-se a busca intencional de relações e conexões alternativas. (DOLL, 1997, p. 190-99).

Desta perspectiva, Doll imagina um currículo pós-moderno que permite um processo educativo aberto, flexível e focado no desenrolar do processo, ou seja, no planejamento e avaliação, não simplesmente no produto.

Atualmente a educação vem deparando-se com um fenômeno explosivo nas escolas, a alienação do aluno. Muitos elementos em um ambiente social contribuem para esse sentimento de alienação que deixa o aluno em seu papel passivo.

Para Neil Postman (2002, p. 63) o sistema educacional nos Estados Unidos serve a três deuses: a tecnocracia, o utilitarismo e o consumismo. Afirma que por temor ou incapacidade a escola renunciou a buscar respostas para todas as perguntas que se seguem a uma primeira e fundamental questão: o que torna as pessoas seres humanos.

Afirma Postman (2002) que só o enfrentamento radical da realidade através de uma revisão filosófica e curricular, que subverta prioridades e sepolte velhos dogmas, devolverá à escola a vitalidade necessária para sobreviver aos novos tempos.

Cumpre-me acrescentar que entre as 'novas' idéias hoje correntes em diversos lugares está a organização da escolaridade em torno de temas. Esta é uma idéia progressista, que aponta para a necessidade de assegurar sentido à educação (POSTMAN, 2002, p. 100).

Também rejeita explicitamente o postulado comum de que as matérias de um currículo não têm nada a ver umas com as outras. Mas há temas triviais, temas que estão na moda, mas que, no fim, nada explicam e não levam a lugar algum.

A educação, na visão de Postman é entendida como algo bem superior. Ela deve propiciar à juventude o conhecimento e a vontade de participar do grande experimento; ensinar-lhe a arte de argumentar e ajudá-la a descobrir que questões são dignas de debate; e, naturalmente, assegurar-se de que ela sabe o que ocorre quando cessam as argumentações.

A partir dessas breves considerações sobre a educação integrada à realidade que dê respostas aos anseios de uma aprendizagem voltada para vida da pessoa em seu contexto vital, é que se faz necessário a organização do currículo.

Segundo Sergiovanni e Starratt,

currículo humano é aquele que tenta corresponder aos padrões de desenvolvimento do crescimento pessoal, ao mesmo tempo que introduz os alunos no universo humano, um universo que eles não podem manipular à vontade, mas que os desafia a humanizá-los mais. (SERGIOVANNI E STARRATT, 1978, p. 250).

Muitos escritores que falam sobre educação nos dias atuais destacam a explosão do conhecimento, ou seja, de informações. Existem informações demais veiculando nos meios de comunicação que torna difícil saber qual é o de maior valor em escala de importância.

Partindo de uma perspectiva para um plano de currículo humanístico o que precisa ser focalizado são as condições que estimulem o desenvolvimento de

seres humanos. Sergiovanni e Starratt (1978) enumeram alguns princípios para desenvolver este tipo de plano:

1. Dedicar certo tempo para atividades em ambientes completamente livres de avaliação onde se possa verificar como o conhecimento está integrado na vida real da comunidade;
2. O tema central deve ser o estudo do homem como cientista, como organismo, como pessoa, como desempenhador de papéis, como sonhador. O tema central não deve ser o produto da ciência, as relações sociais e coisas semelhantes, mas o processo humano;
3. Os programas devem ser estruturados de modo que as qualidades do homem sejam continuamente enfatizadas na ação;
4. As experiências curriculares e de ensino devem levar o aluno a uma conscientização de seu potencial para transcender à situação pessoal e social imediata;
5. Todas as disciplinas devem ser ensinadas à luz de sua perspectiva histórica e cultural a fim de dar aos alunos oportunidades de visualizar uma variedade de padrões culturais e históricos;
6. O currículo deve oferecer todas as oportunidades possíveis de educação e expressão não-verbal;
7. Todo ensino deve fazer provisões para reconhecer o processo simbólico como técnica ou meio de concretização, e ao como fim em si mesmo (SERGIOVANNI E STARRATT, 1978, p. 337-8).

O enfoque principal é o crescimento da pessoa. Essa posição coloca todos os outros objetivos da escolaridade, tais como servir às necessidades da sociedade ou promover a competência nas disciplinas acadêmicas, em uma posição subsidiária, embora complementar.

A organização curricular, não é uma tarefa fácil. Ela precisa estar configurada ao conjunto de atividades desenvolvidas pela escola, na organização do trabalho pedagógico e, principalmente, centrado no saber escolar, organizado e disposto para atender os fins de ensino-aprendizagem, ligados aos procedimentos metodológicos.

De acordo com Sacristán (1998), o currículo deve ser visto em seu conteúdo e nas formas através das quais se apresenta aos professores e aos alunos,

que se sedimenta dentro de uma trama cultural, política social e escolar. Portanto, carregado de valores e pressupostos que é preciso decifrar.

6.3 Análise do Currículo dos Cursos Ensino Fundamental e Médio do Seminário

Seminário Diocesano Nossa Senhora Mãe da Igreja iniciou suas atividades no ano de 1966, oferecendo o curso ginásial de 1ª a 4ª séries e o curso colegial de 1ª a 3ª séries. Neste período os alunos entravam para o seminário com a idade de dez e onze anos, visto que o sistema de ensino era independente (primário, ginásial e colegial).

Os Seminários com a finalidade de formar padres não foram contemplados, ou melhor, ficaram desconhecidos das Leis 4024/61 e 5692/71.

Até a implantação da Lei 5692/71, o seminário diocesano gozou dos benefícios da Lei Federal 1821 de 12 de março de 1953, lei esta regulamentada pelo Decreto-lei 34-330 de 21 de outubro de 1953 que estabelece a equivalência com os cursos dos sistemas estaduais.

Com isso, o egresso do seminário não encontrava dificuldades de transferência para escolas estaduais, municipais e particulares, uma vez que o currículo era uniforme.

Essa realidade permaneceu até 1978 quando, para que pudessem continuar usufruindo dos benefícios de transferência e prosseguimento de estudos, o seminário precisou adequar-se a Lei maior 5692/71 e implantar o ensino de 1º e 2º graus.

O seminário diocesano vincula-se ao sistema de Ensino do Estado de São Paulo obedecendo às resoluções, pareceres, deliberações e indicações normativas do CEE e CFE e segue os princípios estabelecidos pela mantenedora Mitra Diocesana Presidente Prudente, como instituição voltada para a formação do futuro sacerdote.

O Seminário não é instituição que visa fins lucrativos, não recebendo qualquer mensalidade, e oferece ensino fundamental e médio gratuito aos jovens que o freqüentam.

Os alunos residem nas dependências do próprio seminário e recebem material escolar, livros, assistência alimentar, médico-hospitalar e odontológico totalmente inserido dentro de um nível econômico-financeiro-satisfatório.

O Seminário é uma escola que se firmou positivamente no conceito da comunidade educacional, fato este, amplamente demonstrado não somente pelos sacerdotes que nele estudaram e perseveraram na vocação, bem como pelos ex-alunos que, em virtude de decisão pessoal, transferiram-se para outras escolas, sendo muito bem sucedidos. Mercê não só do alto nível de instrução sistemática recebida, mas também pelo caráter formativo-moral e espiritual de que se revestem as orientações dadas, visando à formação integral da personalidade.

Tal nível de eficiência se faz possível em decorrência da carga horária de estudos, pois além do nível do cumprimento fiel do disposto na grade curricular homologada, destinam-se em períodos diversos do horário das aulas regulares, tempo para desenvolvimento de atividades extracurriculares, sessões de estudos dirigidos, orientação de pesquisa, aulas de reforço, monitoria e outras atividades.

Segundo Sacristán (1998, p.16), analisar currículos concretos significa estudá-los no contexto em que se configuram e através do qual se expressam em práticas educativas e em resultados.

Para a análise do currículo do Ensino Fundamental e Médio do Seminário Diocesano Nossa Senhora Mãe da Igreja torna-se necessário, como ponto de partida, um ofício datado de outubro de 1978 requerendo à luz do parecer CEE 915/15 autorização para instalação e funcionamento a título precário², vinculado ao Sistema Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, o ensino de primeiro e segundo graus com habilitação plena de técnico tradutor e intérprete.

6.3.1 Currículo do primeiro grau (Ensino Fundamental)

Não foi possível encontrar nos arquivos do seminário a grade curricular organizada e homologada do 1º grau de 1966 até 1978. As disciplinas que constam nos livros de resultado final são:

² Título Precário: o funcionamento escolar a título precário era porque o seminário não atendia as exigências do Parecer 915/75 quanto aos recursos físicos, humanos, materiais e financeiros para a implantação dos referidos cursos.

- De 1966–1971: Português, Matemática, História, Geografia, Francês, Ciências;

- De 1972-1978: já aparecem nos documentários, ainda que informal. A nomenclatura de 1º grau com as seguintes disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Latim, Francês e OSPB.

A partir de 1979 pode-se observar uma grade elaborada a partir da legislação vigente no qual consta 1º grau completo, mas analisando os documentos pode-se observar que o seminário só atendeu alunos a partir da 5ª série do 1º grau.

Quadro 03: Grade Curricular do 1º Grau – 1979

	MATÉRIAS Conteúdo Específico	Tratamento	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
Núcleo comum – Art. 7 da Lei 5692/71, Parecer CFE 853/71 e Resolução CFE 8/71	Comunicação e Expressão									
	Língua Portuguesa	Atividade	11	11	-	-	-	-	-	-
	Educação Artística	Área Est.	-	-	10	10	-	-	-	-
	Educação Física									
	Língua Portuguesa	Disciplina	-	-	-	-	6	5	5	2
	Língua Estrangeira Moderna (Francês)	Disciplina	-	-	-	-	2	2	2	2
	Educação Artística	Atividade	-	-	-	-	2	2	2	2
Estudos sociais	Interação Social									
	História e Geografia	Atividade	4	4	-	-	-	-	-	-
	História e Geografia	Disciplina	-	-	-	-	-	-	2	2
	História e Geografia	Área Est.	-	-	4	4	4	4	-	-
	Educação Moral e Cívica	Disciplina	-	-	-	-	-	2	2	-
	OSPB	Disciplina	-	-	-	-	-	-	-	2
Ciências	Iniciação às Ciências									
	Ciências Físicas e Biol.	Atividade	6	6	-	-	-	-	-	-
	Matemática	Área Est	-	-	3	3	4	4	2	2
		Disciplina	-	-	4	4	5	4	4	3
Forma Curricular Especial	Latim	Disciplina	-	-	-	-	-	-	3	3
	Ensino Religioso (Apologética)	Disciplina	1	1	1	1	2	2	2	2
Total			22	22	22	22	27	27	26	26

Fonte: Instalação e Funcionamento de 1º e 2º - Habilitação Plena de Técnico, Tradutor e Intérprete (Seminário – Presidente Prudente)

Para o primeiro grau, o seminário adotou o regime de entrosagem³, com convênio de vigência de cinco anos a partir de 01 de janeiro de 1986, para cumprimento dos preceitos de integração vertical, convênio esse firmado de comum acordo com a mantenedora Colégio Joaquim Murtinho – Sociedade Civil – CGC 55350/630.0001-86, que mantinha a escola de primeiro e segundo graus “Joaquim Murtinho”, localizada à Rua XV de Novembro, 1146, em Presidente Prudente, autorizada a funcionar pela portaria ministerial 413, de 12/08/1948 e reconhecida conforme Portaria CEI de 09/05/1979 (Anexo - 2).

A forma de convênio proposta atenda às condições de especificidade de que se reveste o seminário, não ferindo em momento algum os princípios filosófico-administrativo-legais e o espírito que emanam da Lei Federal 5.692/71.

O seminário poderia até cogitar em implantar gradativamente as séries faltantes de 1ª e 4ª séries, para completar o ensino de primeiro grau, contando inclusive com disponibilidade física, mas não o fez pelas seguintes razões: o seminário situa-se num bairro de Presidente Prudente, sobejamente servido por duas escolas estaduais (Escola Professora Maria Luiza Bastos e Escola Professora Norma Clarinda Pereira Carvalhares) e uma creche (Creche Mei-mei), que oferecem educação maternal, pré-escola e ensino de primeiro grau.

O seminário oferecendo ensino de primeiro grau, frente à situação configurada, incorreria no tão condenado princípio de duplicidade de recursos e meios para fins idênticos. Recursos estes, que possibilitam à Mitra Diocesana desenvolver atividades assistenciais e culturais em outros setores carentes da comunidade, contribuindo para sua humanização.

Leve-se ainda em conta, que o seminário objetiva atender pré-adolescentes e adolescentes, e o atendimento a crianças de menor faixa etária (1ª a 4ª séries), poderia ocasionar em condicionamento vocacional dissimulado e emocional, o que não é o objetivo de formação, pois fere frontalmente os princípios filosófico-religiosos que direcionam a formação dos jovens para o sacerdócio.

³ Regime de Entrosagem: A escola não tinha condições de implantar o primeiro grau completo desde a 1ª série, o fez a partir da 5ª série. Para ser reconhecida usou o regime de entrosagem com outra unidade escolar garantindo assim a seriação completa do 1º grau conforme parecer CEE n. 1124/79 relatado pela conselheira Maria Aparecida Tamasso Garcia.

A manutenção do ensino de primeiro grau do seminário assume questões de relevância e interesse, não só para esta diocese de Presidente Prudente, mas também para as dioceses circunvizinhas que não possuem seminário menor, atendendo inclusive alunos vocacionados de dioceses distantes: Campo Grande – MS, Coxim – MS, Barra do Garça – MT e Sinop – MT.

O seminário ao elaborar o currículo do primeiro grau o fez à luz da Resolução SE 139, de 24/08/1977, e dos diplomas legais da Lei Federal 5692/71, Resolução SE CFE 8/71, indicação CEE 8/71 e 1/72, incluindo na formação especial o componente curricular “Latim”, ao invés da Educação para o Trabalho, na 7ª e 8ª séries. Diante do exposto oferece ensino de primeiro grau a partir da 5ª série.

Em 1982 a grade curricular foi adequada à Lei 7044/82. A seguir, está representado o quadro que compõe a grade curricular do primeiro grau de acordo com a lei acima citada:

Quadro 04: Grade Curricular do 1º Grau - 1982

Grade Curricular 1º Grau											
Fundamentação: Lei 5.692/71 – Lei 7044/82 – Parecer CFE 339/72 – Deliberação CEE 29/82 - Módulo: 34 semanas: 5ª a 8ª série - 36 semanas: 1ª a 4ª série.											
Séries											
		Componentes Curriculares	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	
PARTE COMUM	Núcleo comum – Art. 7 da Lei 5692/71, Parecer CFE 853/71 e Resolução CFE 8/71	Língua Portuguesa	7	7	7	7	6	5	5	5	
		Educação Artística	1	1	1	1	2	2	2	2	
		Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	
		Estudos Sociais	3	3	3	3	-	-	-	-	
		História	-	-	-	-	3	3	3	3	
		Geografia	-	-	-	-	3	3	3	2	
		Educação Moral e Cívica	-	-	-	-	-	2	-	-	
		Matemática	3	3	3	3	5	5	5	5	
		Ciências Físicas, Biológicas e Programa de Saúde	3	3	3	3	3	3	3	3	
		OSP	-	-	-	-	-	-	-	-	2
		PARTE DIVERSIFIC	Deliberação CEE 10/72 e Parecer CEE 656/80	Língua Estrangeira Moderna:							
Francês	-			-	-	-	-	2	2	2	
Latim	-			-	-	-	-	-	2	2	
Sub total de aulas semanais			20	20	20	20	25	28	28	29	
Ensino Religioso			1	1	1	1	2	2	2	2	
Total de aulas semanais			21	21	21	21	27	30	30	31	
Número de dias letivos: 180											
Carga horária: de 1ª a 4ª série: 720 horas											
Carga horária: 5ª série: 918 horas											
Carga horária: 6ª e 7ª séries: 980 horas											
Carga horária: 8ª série: 1054 horas											

Fonte: Instalação e Funcionamento de 1º e 2º - (Seminário – Presidente Prudente)

A suspensão gradativa das atividades do curso de primeiro grau ocorreu nos termos da deliberação CEE 15/80 tendo em vista o número reduzido de matrículas a partir de 1988. Diante dessa situação a Delegacia de Ensino assegurou a continuidade de estudos dos alunos em unidade estaduais próximas: EEPSPG

Professora Maria Luiza Bastos, EEPG Professora Norma Clarinda Carvalhares, e, outras unidades escolares de Presidente Prudente.

6.3.2 Currículo do Segundo Grau (Ensino Médio)

De 1966 a 1971 o seminário mantinha o curso colegial com três séries. Eram ministrados as seguintes disciplinas: Português, Latim, Grego, Francês, História, Matemática, Geografia.

De 1972 a 1978, já aparece a nomenclatura de 2º grau básico com as disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Francês, Latim, Grego, OSPB, Biologia, Química, Física e Psicologia. A exemplo do que dito acima (1º grau), também não foi encontrado a grade curricular homologada. As informações foram obtidas a partir dos registros nos livros de atas finais.

A justificativa para a implantação da habilitação de Técnico Tradutor e Intérprete era porque a legislação não previa nenhuma habilitação básica em Ciências Religiosas, então o seminário optou pela habilitação em pauta que parecia dar um bom suporte cultural aos seminaristas. Haja vista que ela facilitava a inclusão de componentes curriculares próprios da cultura clássica humanística, isto é, grego e latim.

A referida habilitação foi implantada a partir de 1979 conferindo ao concluinte o diploma de Técnico Tradutor e Intérprete, com pleno curso e regimento escolar adequado mantendo a denominação de Seminário Diocesano Nossa Senhora Mãe da Igreja, conforme deliberação 15/73.

Quadro 05: Grade Curricular do 2º Grau – 1979

Grade Curricular do 2º Grau – 1979						
Legislação	Matérias	Conteúdo Específico	Séries			Carga horária
			1ª	2ª	3ª	
Núcleo Comum Art. 7º da Lei 5692/71 . Res. CFE 8/71 58/76 EDUCAÇÃO GERAL	Comunicação e Expressão	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	3	-	238
		Língua Estrang. Moderna: Inglês	3	-	-	102
		Educação Artística	2	-	-	60
	Estudos Sociais	História	1	1	1	102
		Geografia	1	1	1	102
		OSP/B	-	-	2	68
		Educação Moral e Cívica	-	2	-	68
	Ciências	Matemática	2	2	-	136
		Ciências Físicas e Biológicas:				
		Física	2	-	-	68
Química		1	-	-	34	
Biologia		2	-	-	68	
	Programas de Saúde	-	2	-	68	
TOTAL			10	10	4	1122
Parte Diversificada da Del. CEE 18/72		Grego	2	2	2	204
		Francês	2	2	2	204
SUB TOTAL			4	4	4	408
Mínimo Profissionalizante Par. CFE 45/72 EDUCAÇÃO ESPECIAL		Sistema fonético	-	2	-	68
		Lingüística	-	2	2	136
		Morfologia, Sintaxe e Estilística	-	2	2	136
		Língua Estrang: Latim	4	4	4	408
		Literatura	-	-	4	136
SUB TOTAL			4	10	12	884
TOTAL			8	14	16	1292
Educação Física			2	2	2	204
TOTAL GERAL			28	26	22	2618
Ensino Religioso			2	2	2	204

Fonte: Instalação e Funcionamento de 1º e 2º - (Seminário – Presidente Prudente)

Para adequação deste seminário ao disposto na Lei 7.044/82 e a Deliberação CEE 29/82, providenciaram-se as necessárias alterações regimentais e outras relacionadas aos planos de curso, optando-se pela transformação gradual da habilitação de segundo grau acima mencionada, para a modalidade prevista no Inciso III do artigo 7º da Deliberação CEE n. 29/82, medida esta agasalhada na Portaria da Diretoria Técnica da Divisão Regional de ensino de Presidente Prudente, de 14/08/1984, publicada no Diário Oficial de 22/08/1984 – Proc. 6670/84 – DREPP.

Quadro 06: Grade Curricular do 2º Grau - 1982

Grade Curricular 2º Grau					
Artigo 7º, inciso III da Deliberação CEE 29/82 – Lei 5692/71 – 7044/82 – Módulo 34 semanas					
Parte Comum	Séries			Total	CHa.
	1ª	2ª	3ª		
I. <u>Comunicação e Expressão</u>					
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	4	4	12	408
Língua Estrangeira Moderna: Francês	2	2	2	6	204
Educação Artística	2	-	-	2	68
Educação Física	3	3	3	9	306
II. <u>Estudos Sociais</u>					
História	3	3	2	8	272
Geografia	2	2	2	6	204
Educação Moral e Cívica	-	2	-	2	68
OSP	-	-	2	2	68
III. <u>Ciências</u>					
Matemática	4	4	4	12	408
Ciências Físicas e Biológicas:					
- Física	4	4	4	12	408
- Química	4	4	4	12	408
- Biologia	4	4	4	12	408
- Programa de Saúde	-	2	2	4	136
Sub Total	32	34	33	99	3.366
Parte Diversificada					
Grego	2	2	2	6	204
Latim	3	3	3	9	306
Introdução à filosofia	-	2	2	4	136
Sub Total	5	7	7	19	646
Total	37	41	40	118	4.012

Fonte: Instalação e Funcionamento de 1º e 2º - (Seminário – Presidente Prudente)

A atual grade curricular foi elaborada conforme o disposto na Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. O currículo mínimo do curso apresenta uma base comum e uma parte diversificada.

Quadro 07: Grade Curricular do Ensino Médio – 1996.

Grade Curricular - Ensino Médio			
Elaborada conforme disposto na Lei n. 9394, de 20 de Dezembro de 1996.			
Módulo: 34 semanas (6 dias letivos semanais)			
Componentes Curriculares	Séries		
I. Base Comum	1ª série	2ª série	3ª série
Língua Portuguesa e Literatura	4	4	4
História	3	4	4
Geografia	2	3	3
Física	2	2	2
Química	2	2	2
Biologia e Programa de Saúde	2	4	2
Matemática	4	3	3
Educação Artística	2	-	-
Educação Física	2	2	2
Total da Base Comum	23	24	22
Total Anual da Base Comum	782	816	748
II. Parte Diversificada			
Língua Estrangeira Moderna: Francês	2	2	2
Língua Estrangeira Moderna: Inglês	2	2	2
Língua Estrangeira: Latim	4	3	3
Introdução à Filosofia	-	2	2
Total da Parte Diversificada	08	09	09
Total Anual da Parte Diversificada	272	306	306
Total Geral	31	33	31
Carga Horária Total	1120	1188	1120
Ensino Religioso	02	02	02

Fonte: Instalação e Funcionamento de 1º e 2º - (Seminário – Presidente Prudente)

Na base comum a distribuição dos conteúdos observa-se o seguinte: Educação Artística, figura apenas na primeira série. Os componentes curriculares Programas de Saúde está integrado em Ciências Físicas e Biológicas em todas as séries.

O Ensino Religioso, com duas aulas semanais, em todas as séries, é disciplina obrigatória para o aluno, considerando a formação do futuro sacerdote. Contrariando o que o art. 33 das Leis de Diretrizes Básicas que coloca o Ensino Religioso como obrigatório para a escola e facultativo para o aluno.

A parte diversificada tem como objetivo específico à sondagem de aptidões e preparação para o trabalho sacerdotal e integrará o currículo no seu todo, com predomínio das disciplinas de línguas como destaque para o Latim, essencial na formação sacerdotal. A disciplina Introdução à Filosofia aparece em duas séries como pré-requisito para a seqüência do processo formativo, ou seja, para o curso superior de Filosofia, obrigatório para o posterior ingresso no curso de Teologia.

Com exceção do estudo de línguas, não há outras disciplinas específicas incluídas para a formação do futuro sacerdote. Elas existem, mas não aparecem na grade. O Ensino Médio é em horário integral, portanto, apresentando uma carga horária muito maior do que apresentada na grade.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos dados colhidos durante a pesquisa, assim organizados: informações obtidas com os questionários aplicados aos alunos, ex-alunos e professores; informações advindas das entrevistas com alunos selecionados previamente e análise da estrutura curricular do curso do Ensino Médio.

Os dados são apresentados na mesma ordem em que se encontram no Questionário, divididos em quatro blocos principais. Os dados são fornecidos por meio de tabelas. Em alguns casos foi necessário agrupar dados numa mesma tabela para facilitar a visualização da mesma. Também se fez necessário aproximar dados obtidos no questionário dos alunos com os dados dos professores, com a mesma intenção de melhor visualização e compreensão.

Antes de cada tabela apresentada há pequenos comentários cujo objetivo é facilitar a compreensão estatística dos resultados. Evitam-se comentários interpretativos, sendo esta uma praxe em estudos de natureza positiva, para distinguir o que resulta da pesquisa como tal. O que se busca é escapar ao subjetivismo, tentando ser mais rigoroso no levantamento dos fatos para melhor distinguir o que é opinião e o que se alicerça em realidades constatáveis.

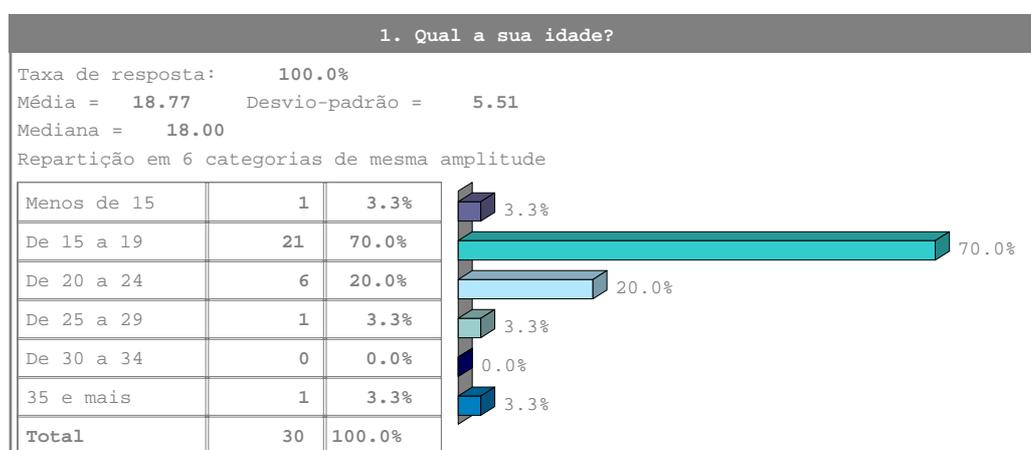
7.1 Dados Fornecidos pelo Questionário: Seminaristas:

7.1.1 Aspectos pessoais e familiares

No que se refere à distribuição etária, o levantamento aponta que a média de idade dos seminaristas neste período de formação está entre quinze a dezenove anos e idade, ou seja, estão em plena adolescência. Outro pormenor é que estão ingressando no seminário mais tarde do que se costumavam em épocas anteriores. Muitos estudiosos pedagogos e psicólogos, afirmam que a adolescência está atualmente na faixa entre onze e vinte anos. Ou seja, um período mais longo do

que convencionalmente se costumava caracterizar (treze e dezoito anos). Também se pode verificar que hoje os adolescentes ficam mais tempo na casa dos pais, devido à dificuldade de ingressarem no mercado de trabalho, sem qualificação para tal. A diversão e o entretenimento se resumem em músicas, TV, Videogames, computador, Internet, produzindo um grande vazio na vida dos adolescentes e jovens hoje. Entre os professores, por sua vez, a média de idade está acima de cinquenta anos; sendo um percentual de 68,4% com esta faixa etária. Trata-se de uma geração bem formada, madura e responsável.

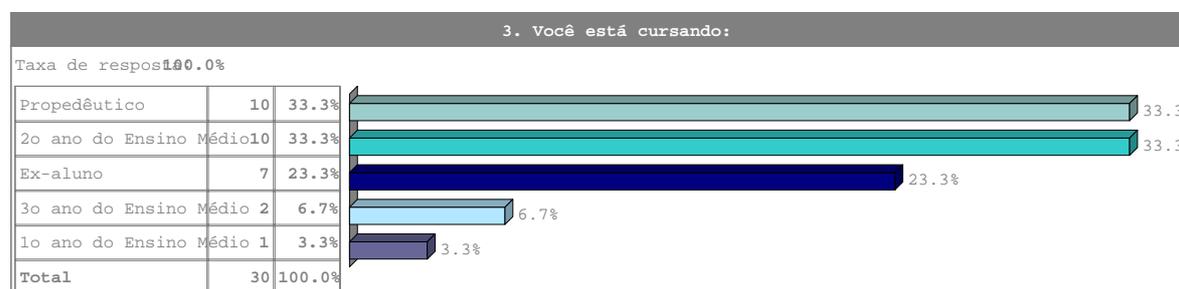
TABELA 01 - Idade dos alunos.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quanto ao número de alunos cursando o Ensino Médio e o Propedêutico quase se equivalem.

TABELA 02 - Série em que o aluno está cursando.



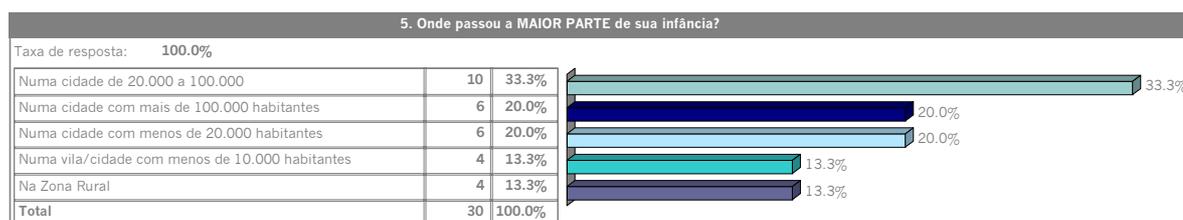
Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Percebe-se hoje que a maioria dos seminaristas procede mais da cidade do que da zona rural; apenas 13,3% ainda residem na zona rural. Historicamente o que atrai na cidade é uma vida melhor e a liberdade.

Segundo José Comblin,

Ainda é ilusão dos filhos das famílias rurais que são fascinados pela cidade vista de longe como o lugar da realização como pessoa. O que atrai na cidade é a esperança de um pouco de dinheiro para comer, de um meio de subsistência longe de uma vida rural que o sistema tornou inviável. O ideal da cidade, o deus que ela venera atualmente, é o dinheiro. Porém, esse dinheiro está somente ao alcance de uma minoria. (COMBLIN, 2002, p.7).

TABELA 03 - Onde o aluno passou a maior parte da infância.

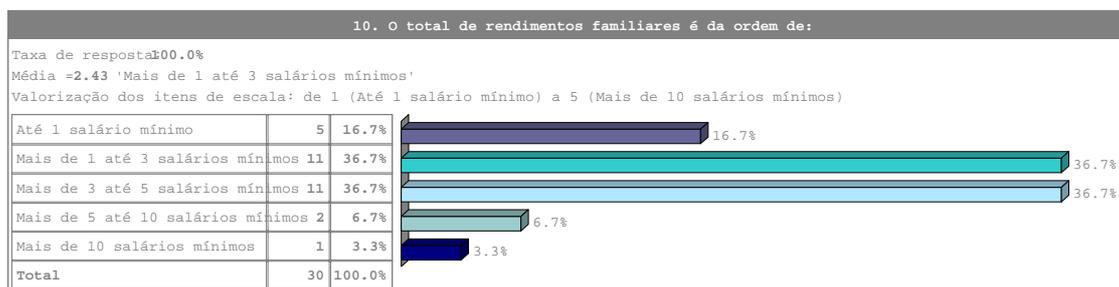


Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

A respeito da ocupação dos pais a maior concentração está em *outras atividades* apontadas além das apresentadas (comércio, indústria e agricultura). A maioria dos pais exerce profissões autônomas (pintor, pedreiro, motorista, eletricista, cabeleireiro); profissões procuradas por muitos daqueles que deixaram o campo e não têm outra formação. Em sua grande maioria, pode-se verificar que esses pais estão trabalhando em setores que exigem pouca ou nenhuma formação profissional. O mesmo ocorre com as mães. Pode-se verificar que estão trabalhando em setores que exigem pouca formação profissional, com raras exceções, professora, enfermeira, secretária. Constata-se que a grande maioria desenvolve tarefas domésticas na própria casa ou na casa de outrem. A ocupação que vem em segundo lugar, com grande distância da primeira, é de trabalhadora rural.

Sendo as ocupações dos pais/mães, profissões que não exigem qualificação profissional, conseqüentemente os rendimentos familiares são geralmente baixos, 90,1% estão abaixo de cinco salários mínimos.

TABELA 04 - Rendimento familiar.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quanto à religiosidade familiar os dados deixam claro que a grande maioria vem de família católica com alguma prática religiosa. Sendo que essa prática religiosa é mais presente nas mães.

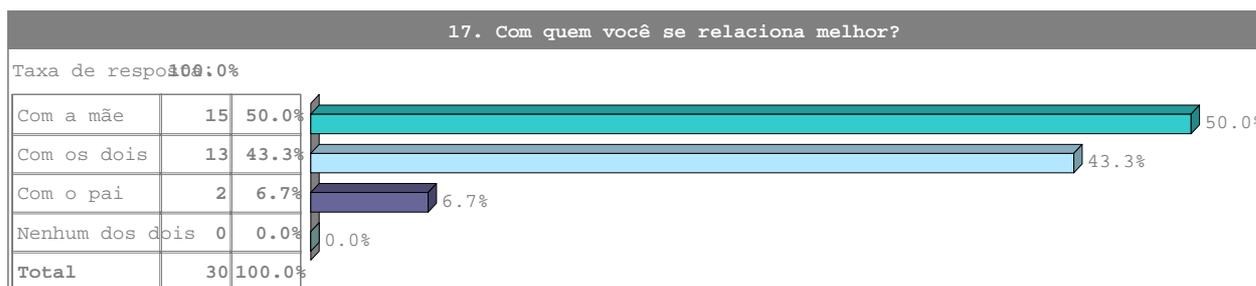
TABELA 05 - Atividade religiosa.

	Engajado na Pastoral	Engajado a algum Movimento ou Associação da igreja	Apenas católico praticante	Católico não-praticante	De outra religião	Sem religião	TOTAL
atividade religiosa do pai	20.0% (6)	3.3% (1)	26.7% (8)	43.3% (13)	0.0% (0)	6.7% (2)	100% (30)
atividade religiosa da mãe	23.3% (7)	3.3% (1)	46.7% (14)	20.0% (6)	3.3% (1)	3.3% (1)	100% (30)
Conjunto	21.7% (13)	3.3% (2)	36.7% (22)	31.7% (19)	1.7% (1)	5.0% (3)	100% (60)

Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

No item com que se relaciona melhor, a preferência materna recebe maior destaque 50%. Por sua vez, somente com o Pai o relacionamento é de apenas 6,7%. Compreende-se esta maior relação com a mãe, porque geralmente é ela quem fica a maior parte do tempo com o filho. Também é a mãe que se manifesta mais afetuosa.

TABELA 06 - Relacionamento.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

A vida profissional dos seminaristas anterior ao ingresso no seminário menor, contribui para clarear a situação econômica da família, já que o trabalho, até mesmo em idade precoce, significa mais uma pessoa para ajudar nas despesas da casa. Quando perguntados se trabalharam antes de ingressarem no seminário, 60% responderam que só estudavam. Portanto, não exerciam nenhuma atividade remunerada.

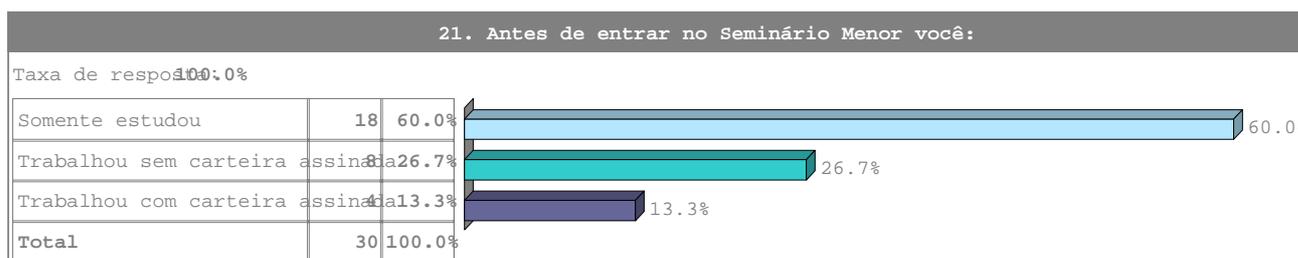


TABELA 07 - Atividade profissional.

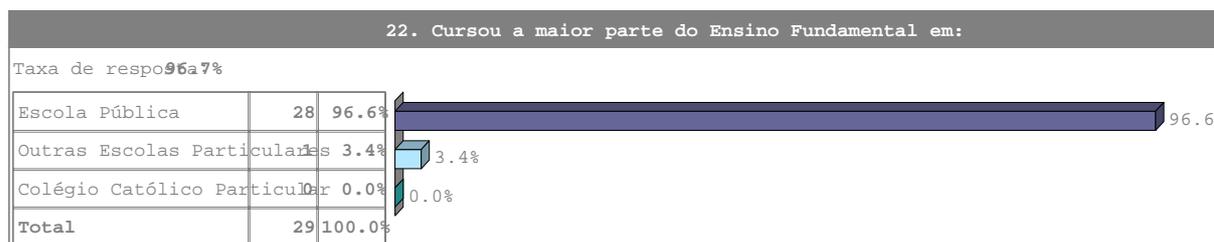
Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Esses dados parecem indicar uma configuração sócio-econômica característica de famílias pertencentes às classes mais empobrecidas da sociedade. Somando-se a isto, verifica-se que 96,6% dos seminaristas que cursam o Ensino Médio, fizeram a maior parte do Ensino Fundamental em escola pública. Dos que estão no Propedêutico nenhum cursou o Ensino Médio em escola particular.

7.1.2 Atividades anteriores ao ingresso no Seminário Menor

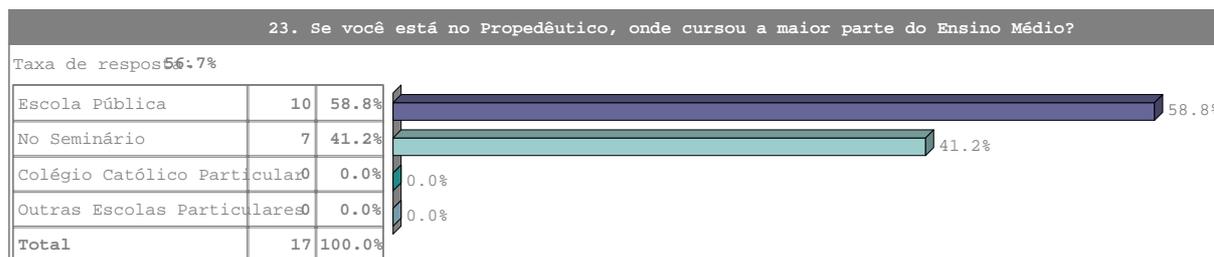
A presente tabela confirma a origem humilde dos atuais candidatos ao sacerdócio, sendo que 96,6% freqüentaram o ensino fundamental em escolas públicas. Há uma pequena alteração quando se trata do ensino médio. Um quantitativo um pouco maior passou a estudar no seminário conforme mostra a tabela abaixo. Isso se justifica porque atualmente o ingresso no seminário de Pres. Prudente ocorre a partir do 1º ano do Ensino Médio.

TABELA 08 - Onde o aluno cursou o ensino fundamental.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

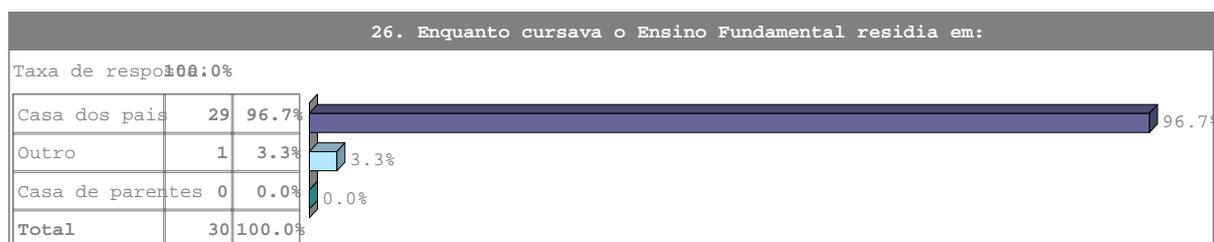
TABELA 09 - Onde o aluno cursou o ensino médio.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Enquanto cursava o ensino fundamental 96,7% ou praticamente a totalidade dos entrevistados residiam na casa dos pais.

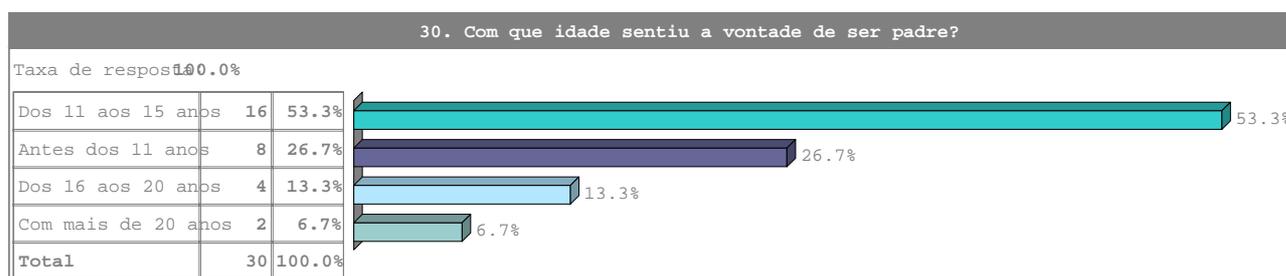
TABELA 10 - Residência



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Foi perguntado aos entrevistados com que idade sentiram a vontade de ser padre. Em outras palavras, quando “sentiram o chamado” para o sacerdócio. A opção vocacional é um ato eminentemente pessoal. Deste ponto de vista, existem os que vivem uma opção definida, os que não chegaram a poder optar por idade, ou seja, as crianças, ou ainda por imaturidade na fé. Existem aqueles que estão no processo de opção. Geralmente a juventude encontra-se neste processo, diante da necessidade de optar no campo da profissão, do amor, da afirmação social e também da fé. Porém, o que determina um estado é a opção assumida de uma maneira definida, livre e responsável.

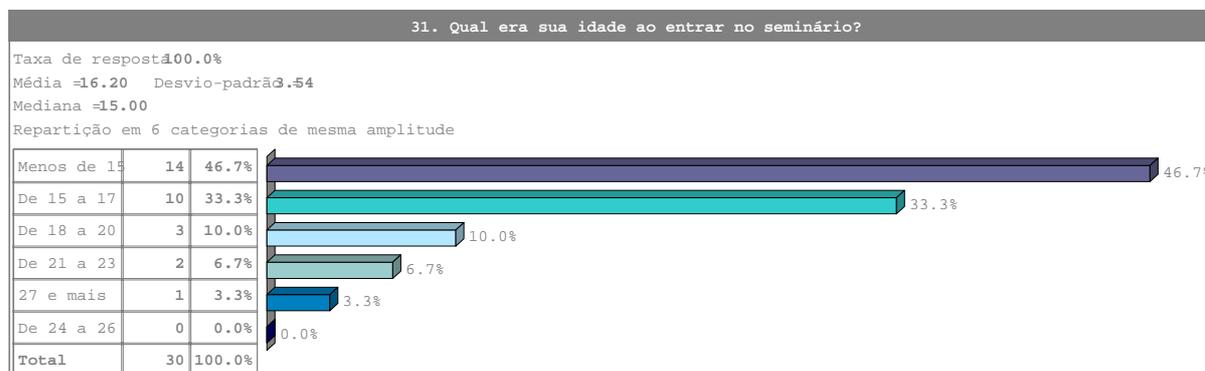
TABELA 11 - Idade vocacional.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

A idade em que os meninos ingressam no seminário está entre quatorze e dezessete anos. Idade que corresponde ao início do Ensino Médio. Hoje é norma que para ingressar no seminário o aluno já tenha concluído o ensino fundamental, mas na origem do seminário de Pres. Prudente (em 1966) eles ingressavam mais cedo, com dez e onze anos para iniciar o (ginasial) que hoje corresponde ao ensino fundamental. Naquele tempo prevalecia a idéia de que quanto mais cedo se ingressasse no seminário, melhor seria para o seu amadurecimento vocacional. Uma vocação, segundo a tradição da Igreja, progride no tempo, ela supõe que se cuide dela, portanto, quanto mais cedo ela despontar menos influência do meio ela sofreria. Hoje se busca uma maturidade pessoal na opção de vida que exige um acompanhamento pessoal e comunitário, não no sentido de uma influência sobre a opção que se deva fazer, mas no de uma educação que permita a cada pessoa descobrir, mais claramente, o dom e responder ao mesmo com maior liberdade. Tratando-se de jovens as opções vocacionais são deixadas para mais tarde não só no que diz respeito à fé, mas também ao amor e ao trabalho, por causa das condições complexas de nosso tempo.

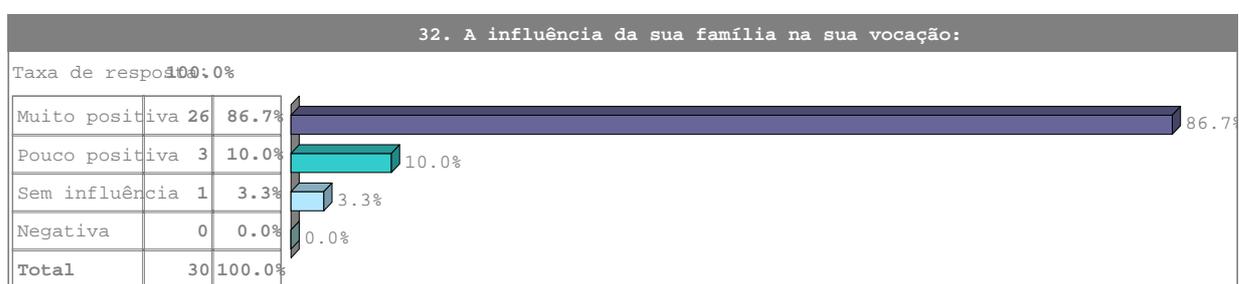
TABELA 12 - Idade ao ingressar no seminário.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

A influência da família na vocação do jovem é bastante forte, 86,7% afirmam positivamente este “apoio” familiar. Isto se deve também pela prática religiosa dos pais, que além do apoio ajudam os filhos a tomar consciência da própria vocação. Também a influência da família ocorre porque no seminário é oferecido um estudo de qualidade, praticamente sem custo algum para a família. Então, interessados em proporcionar aos filhos uma educação diferenciada, estes pais incentivam seus filhos a ingressarem no seminário.

TABELA 13 - Influência familiar

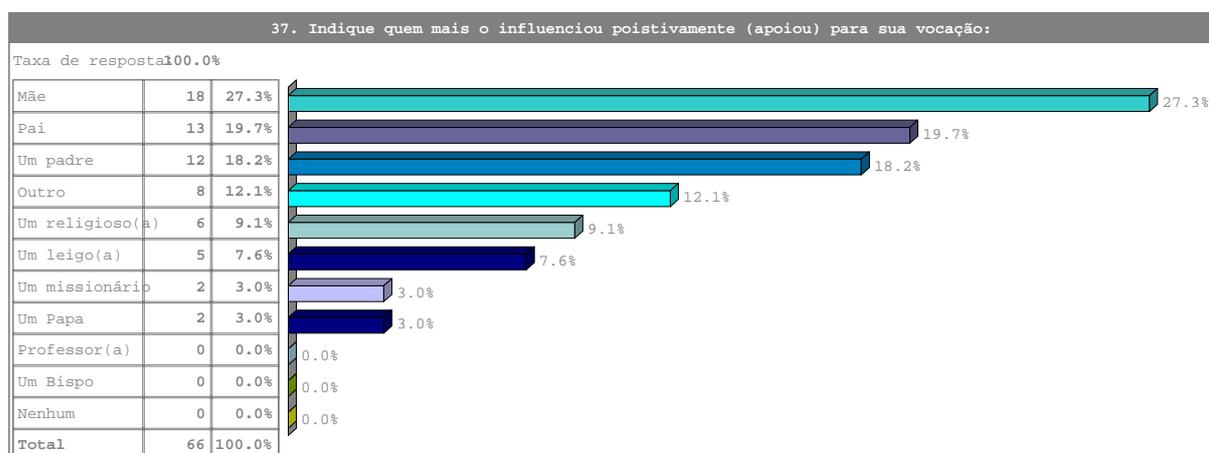


Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Antes de entrar para o seminário 90% dos entrevistados tinham alguma prática pastoral. Toda vida cristã necessita, para se expandir, de uma comunidade de fé, qualquer que seja ela. Para isso é necessário que o candidato ao sacerdócio encontre a comunidade que lhe convém. Os entrevistados vieram dos mais diversos movimentos e pastorais: Renovação Carismática Católica, Pastoral da Juventude, Pastoral dos Adolescentes, Catequese, Coroinhas, Infância Missionária e outros.

Quem mais influenciou na vocação além da família (pai e mãe), um padre também exerceu certa influência. Na adolescência há uma forte tendência à procura de um “ídolo” que possa ser imitado ou buscado como modelo.

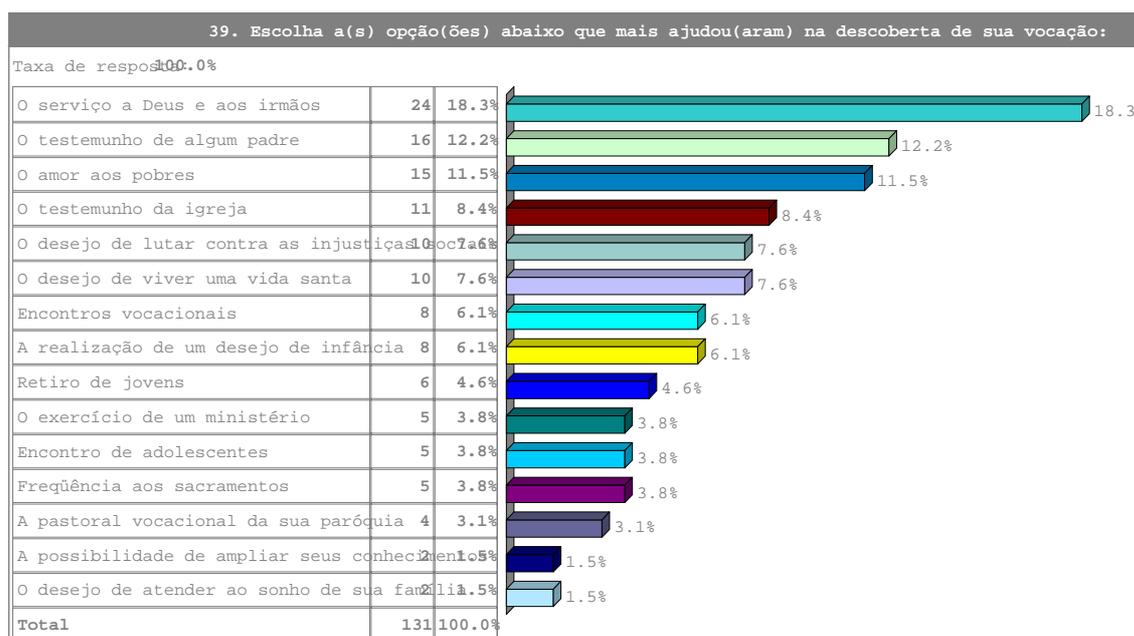
TABELA 14 - Influência positiva na vocação.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Os seminaristas foram solicitados a assinalar a principal motivação que os levou à opção sacerdotal, a partir de um rol de dezenove opções. A grande maioria assinalou a opção n.1 "o serviço a Deus e aos irmãos" (18,3%), seguidos por "o testemunho de algum padre" (12,2%) e "o amor aos pobres" (11,5%). Todas as demais opções tiveram índices abaixo de 10%. As opções "a possibilidade de ampliar seus conhecimentos" e o "desejo de atender ao sonho de sua família", tiveram índices baixos, iguais a 1,5%.

TABELA 15 - Descoberta da vocação.

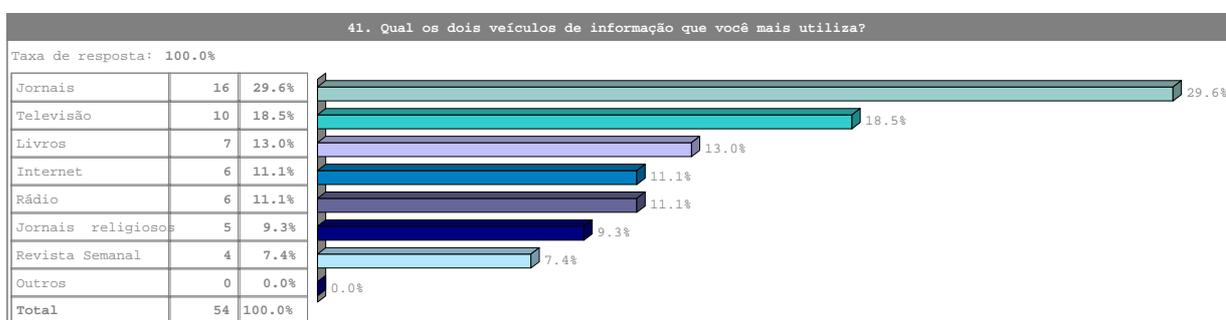


Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

7.1.3 Vida Acadêmica

No que se refere à vida acadêmica dos seminaristas pode-se verificar que o veículo de informação que mais utiliza está concentrado nos meios escritos (29,6% jornais; 13% livros; 9,3% jornais religiosos; 7,4% revista semanal); em detrimento à Televisão, que no seminário menor o uso é restrito a alguns programas educativos, sendo vedado o uso da TV para novelas, esportes e outros programas.

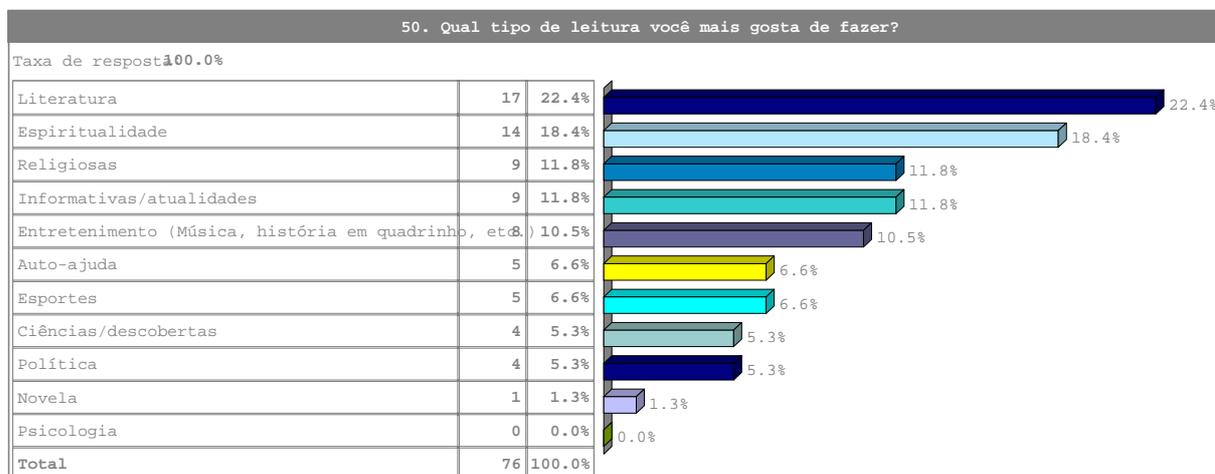
TABELA 16 - Veículos de informação.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quando perguntados sobre o tipo de leitura que mais gosta de fazer, a resposta, em primeiro lugar no total geral, está literatura, seguido por espiritualidade e assuntos religiosos. São tipos de leituras mais incentivados pelos formadores.

TABELA 17 - Tipo de leitura.



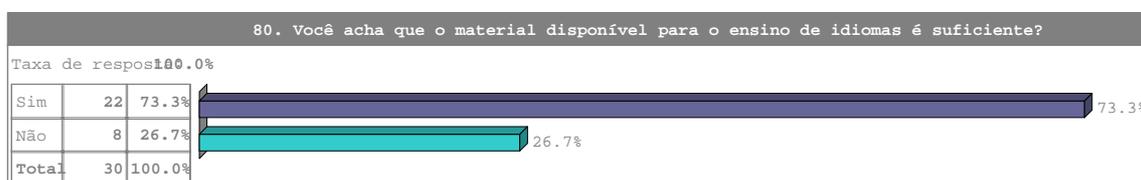
Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Há um grande incentivo dos professores para que os alunos freqüentem a biblioteca. Somando-se os que a freqüentam pelo menos uma vez por semana com os que vão duas ou mais vezes por semana, encontra-se uma porcentagem que se aproxima de 100%.

Quanto ao uso do laboratório de informática, este fica restrito aos alunos do propedêutico. Os alunos do Ensino Médio não podem utilizar, mas consideram importante o uso como meio de informação e para a execução de seus trabalhos escolares. A este respeito os seminaristas fizeram as seguintes considerações: *“para um bom desenvolvimento há uma necessidade de liberdade, nem sentido de comunicação. A rigidez de certos instrumentos atrapalham ou inibem um desenvolvimento de comunicação inter-humana”*; *“o uso do laboratório de informática nos aproxima da tecnologia que encontramos hoje em todo lugar”*; *“é um ótimo veículo que nos leva a pesquisas e nos faz participar, também da tecnologia”*; *“a utilização da sala de informática auxilia-nos em pesquisas, para saber o que se passa na atualidade, e é claro para acompanharmos o avanço da tecnologia”*.

Com relação ao ensino de idiomas 73,3% dos alunos consideram o material disponível para o ensino de idiomas é suficiente. Aqueles que responderam de forma negativa 26,7% fizeram as seguintes considerações: - faltam livros didáticos em maior número disponível, um laboratório específico que auxiliaria na conversação.

TABELA 18 - Ensino de idiomas.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Foi perguntado se os alunos fazem uso de algum material extra para o aprendizado de idiomas. Os mesmos responderam que além do material proposto pelo professor utilizam ainda, dicionários, fitas K7, fitas de vídeo e consulta na internet. Para melhorar o ensino de línguas sugerem: mais conversação, aumento do

número de aulas semanais, diversificar mais a aula com o ensino da gramática e conversação.

Foi pedido aos seminaristas que avaliassem os professores quanto à pontualidade (início e fim de aulas); conteúdo utilizado, metodologia de ensino, aplicação e resolução de exercícios em sala, critérios de avaliação, didática, disposição para esclarecer dúvidas durante as aulas, material didático utilizado, explicações práticas das teorias; encontram-se dentro dos padrões excelentes.

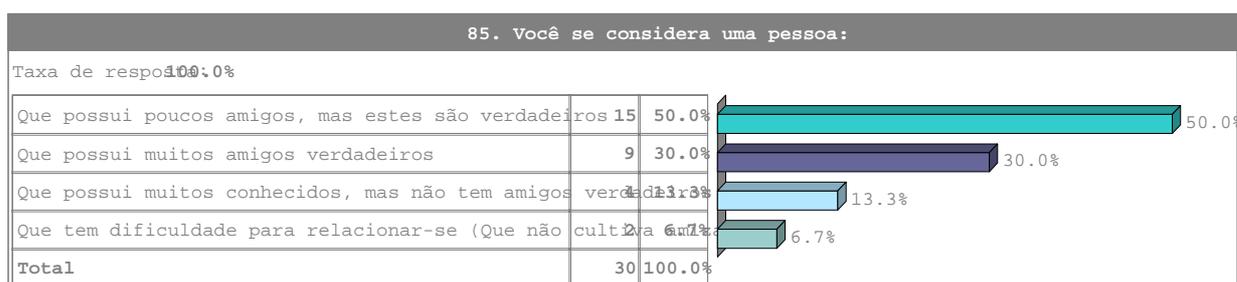
Quando se pede sugestão para melhorar o desempenho do professor e o ensino das disciplinas, os alunos apontam para a necessidade de elaboração de um material didático (apostilas). Outros afirmam que o desempenho do professor poderia melhorar se eles (alunos) assumissem o compromisso de prestar mais atenção, mais dedicação e responsabilidade, pois acreditam que o ensino não depende só do professor mais também do aluno.

7.1.4 Integração Psicoafetiva

Nesta quarta fase da entrevista procurou-se verificar a Integração Psicoafetiva do seminarista. A Integração Psicoafetiva não é algo dado à pessoa, mas é sempre uma busca cotidiana de manutenção do equilíbrio a fim de se obter a integridade da identidade. Por sua vez, a identidade é uma construção psicossocial, uma realidade em contínua formação.

A metade dos alunos (50%) afirma que possuem poucos amigos, mas verdadeiros; 30% avaliam que possuem muitos amigos verdadeiros; dados que evidenciam que os seminaristas percebem-se como pessoas que possuem amizades e as valorizam.

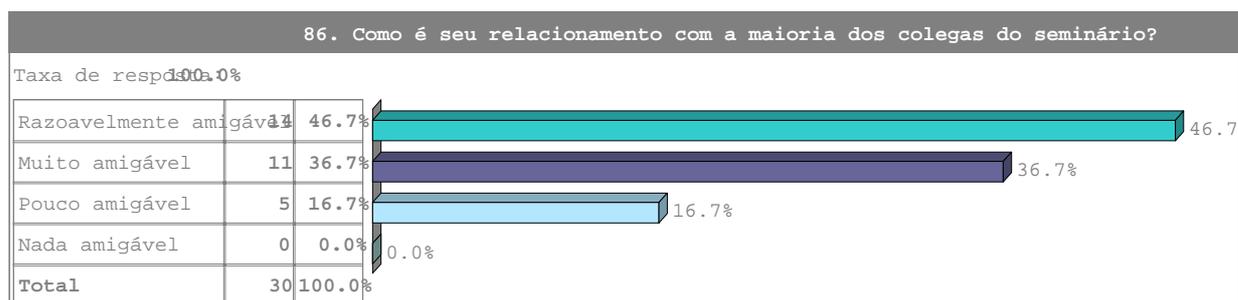
TABELA 19 - Tipos de amizades



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Questionados sobre o relacionamento com a maioria dos colegas do seminário, responderam 46,7% razoavelmente amigável e 36,7% muito amigável. Ou seja, estabelecem um clima muito próximo de amizade entre si, o que proporciona uma característica de vida comunitária sem problemas indisciplinares.

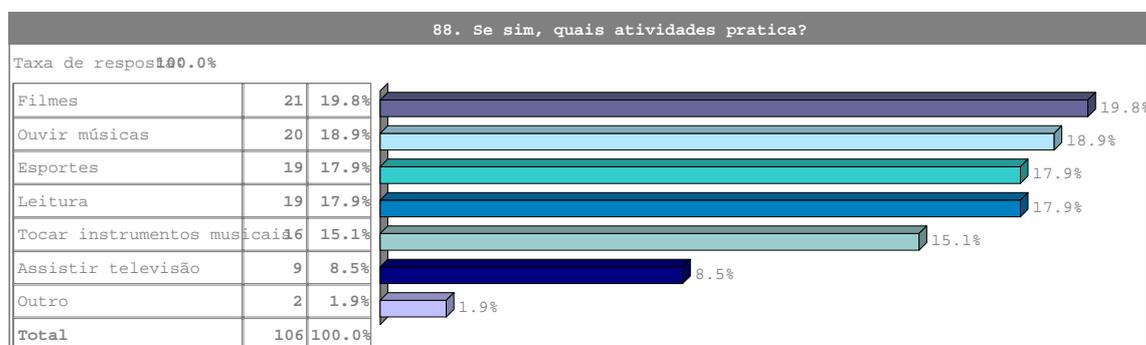
TABELA 20 - Avaliação do relacionamento interpessoal.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Todos os seminaristas têm o hábito de cultivar tempo para o lazer. Sendo as atividades preferidas: filmes (19,8%), ouvir músicas (18,9), esportes (17,9%), leitura (17,9%), tocar instrumentos musicais (15, 1%), assistir TV (8,5%) e outras atividades (1,9%). Como é restrito o uso de TV no seminário, este tipo de lazer é pouco praticado, do mesmo modo a Internet, cuja utilização é somente para uma parcela dos alunos.

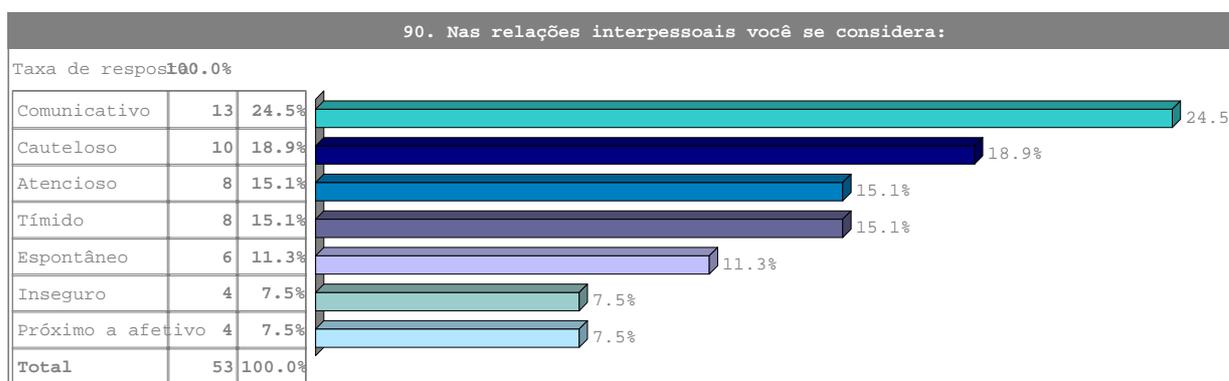
TABELA 21 - Tipo de lazer.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Na avaliação das relações interpessoais, os seminaristas ficam bem divididos entre aqueles que fazem uma avaliação positiva, aproximadamente 58,5% (comunicativo, atencioso, espontâneo, próximo afetivo). Cerca de 41,5% definem-se com sentimentos que caracterizam uma certa dificuldade no convívio (tímido, cauteloso e inseguro); aspectos que merecem atenção, já que a vivência do sacerdócio é eminentemente relacional.

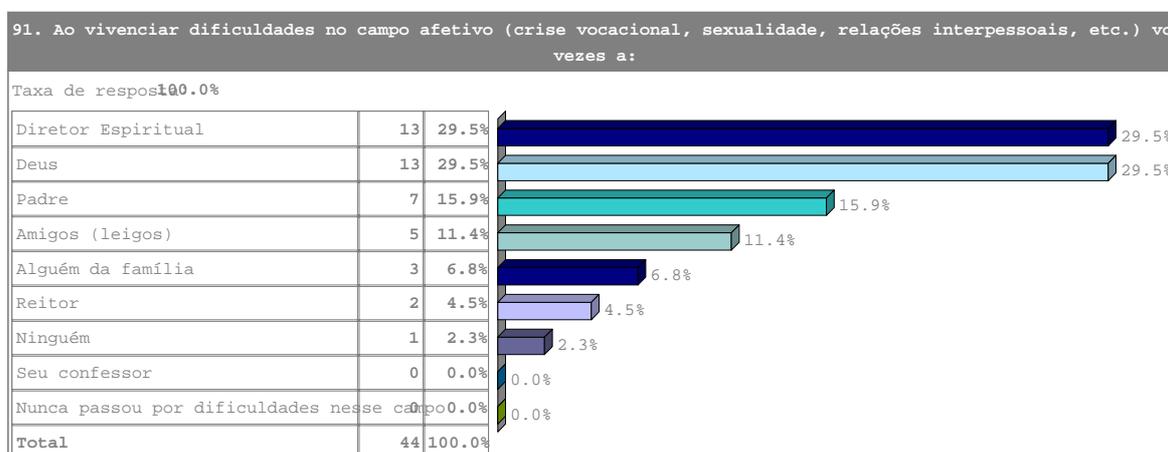
TABELA 22- Relações interpessoais.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quando os seminaristas passam por alguma dificuldade no campo afetivo (crise vocacional, sexualidade, relações interpessoais, etc.), recorrem geralmente ao diretor espiritual (29,5%) ou a Deus (29,5%). Há outros que recorrem ainda a um padre, amigo (leigo) ou alguém da família.

TABELA 23 - Dificuldades na vida afetiva.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Foi perguntado aos seminaristas o significado de ter vocação sacerdotal. De acordo com as respostas pode-se resumir que ter uma vocação sacerdotal significa responder ao chamado de Deus, estar a serviço da Igreja, atender os pobres em suas necessidades, realização pessoal, trabalhar na evangelização.

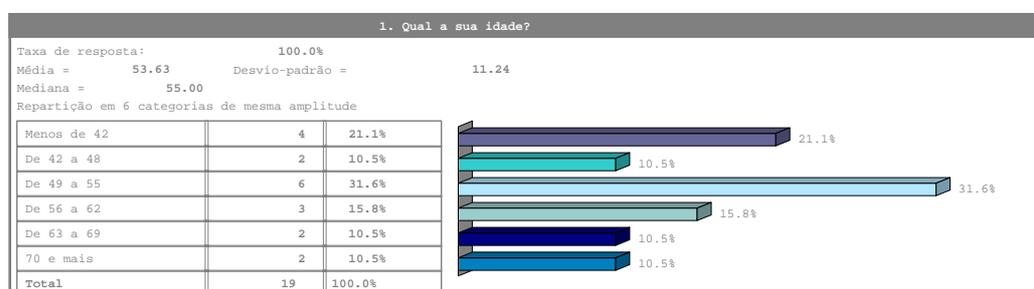
Finalizando o questionário foi pedido aos alunos para tecer algum comentário adicional além daquilo que já foi dito. Os que responderam esta pergunta falaram do aspecto positivo da pesquisa, do seminário como um excelente local de estudos; local que oferece bases humanas e espirituais para a formação sacerdotal e exaltaram a figura de Cristo.

7.2 Dados Fornecidos pelo Questionário: Docentes:

7.2.1 Dados Pessoais e Familiares

A grande maioria dos professores está na faixa etária acima de cinquenta anos de idade. Isto evidencia certa maturidade, condição para compreender os adolescentes e ajudá-los neste processo de formação. A grande maioria é casada, pais e mães de família (63,2%).

TABELA 24 - Idade dos docentes.



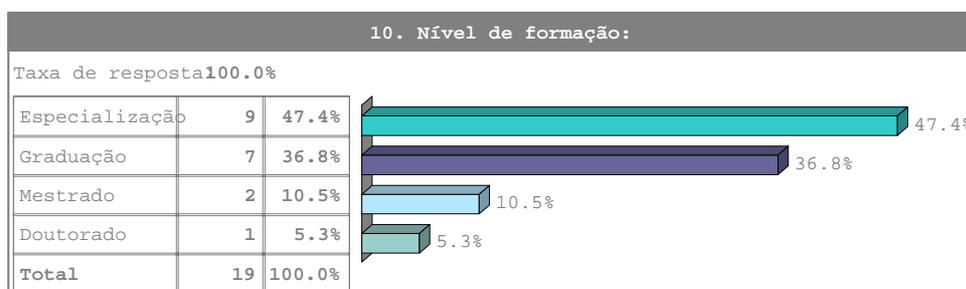
Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006.

Além da prática docente no seminário 84,2% dos entrevistados, exercem outra atividade em outras escolas. O que não exercem função fora é porque já se aposentaram.

Os professores informam onde trabalham: *“Professora efetiva da rede pública estadual E.E. Monsenhor Sarrion; professora do Colégio Anglo; professora de matemática no Anglo; professora de Inglês no CCBEU; professora de geografia E.E. Monsenhor Sarrion; professora particular/revisora de teses, artigos; professora na rede pública e particular; professora do ensino médio – Colégio Átomo; professor de educação física do município de Presidente Prudente; PE II – E.E. Francisco Pessoa; Estado, diretor de escola E.E. Francisco Pessoa; Escola Específica de Inglês; Colégio Cristo Rei e Colégio Átomo; aulas particulares para concurso e vestibular/ aulas particulares em casa; assistente técnico jurídico – Diretoria de Ensino de Presidente Prudente.”*

Quase 80% dos professores têm experiência de mais de vinte anos como docente. Na tabela abaixo, a respeito do nível de formação encontra-se com formação de pós-graduação 47,4% - especialistas, 10,5% - mestres 5,3% e graduados 36,8%.

TABELA 25 - Formação Acadêmica.

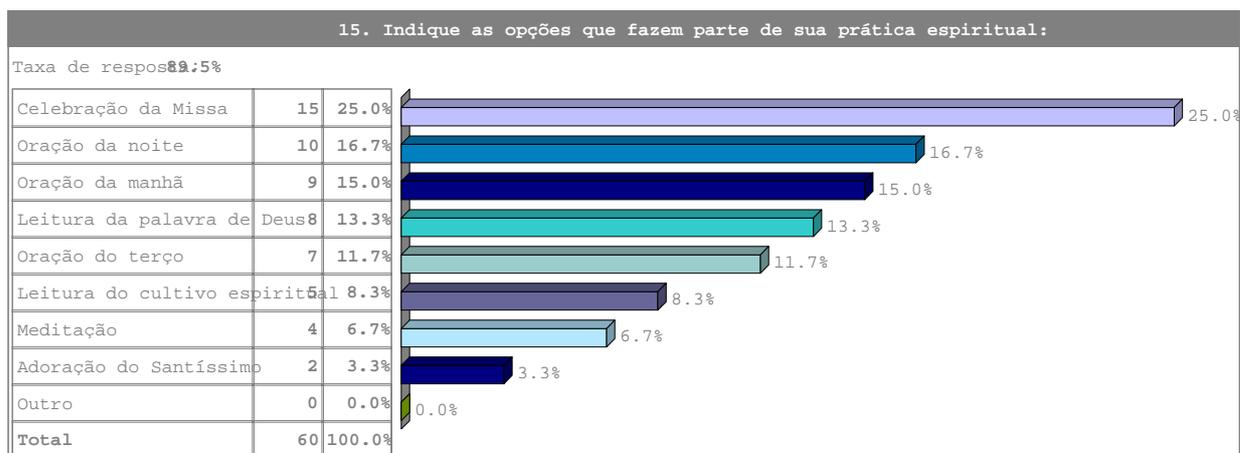


Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

7.2.2 Atividades no Seminário Menor

Nesta parte foi pedido somente que indiquem as opções que fazem parte da prática espiritual do professor. Quanto à opção religiosa dos professores, percebe-se que os mesmos têm alguma prática religiosa. Quando perguntado sobre as opções que compõem sua prática espiritual, responderam que além de participarem semanalmente das missas, fazem outro tipo de oração, tais como oração da manhã, oração da noite leitura bíblica, reza do terço, entre outras.

TABELA 26 - Vida espiritual.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

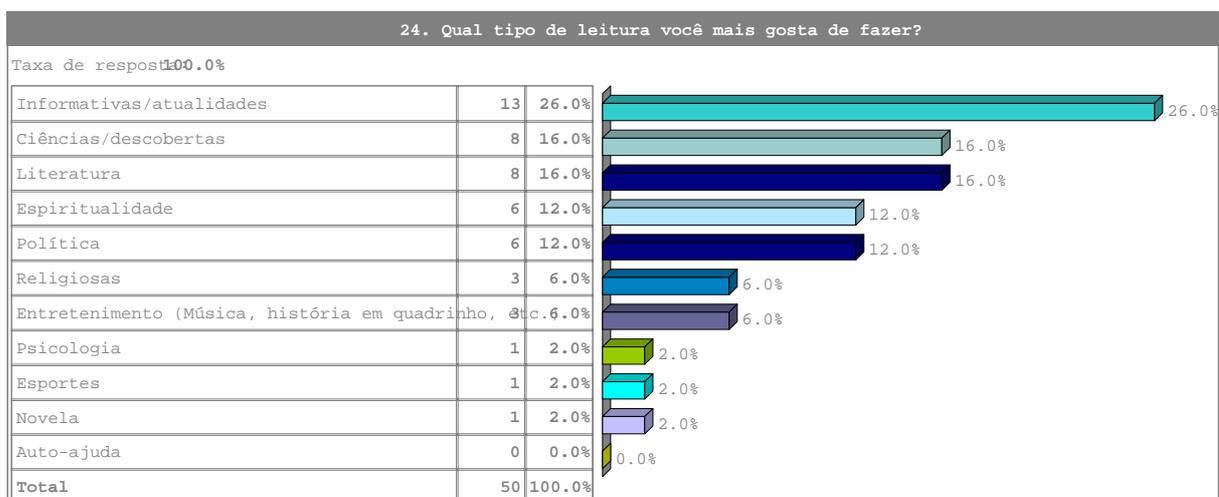
7.2.3 Vida Acadêmica

Uma primeira questão colocada refere-se aos dois veículos de informação que os professores mais utilizam. Percebe-se que utilizam tanto a TV como os meios escritos como meios mais apropriados.

Com relação ao uso de computador 89,5% dos professores sabem usar e aproveitam bem para desenvolver suas atividades acadêmicas.

A pergunta seguinte solicitou que os professores selecionassem o tipo de leitura que mais gosta de fazer. Em primeiro lugar, aparece leitura de cunho Informativas/atualidades 26%, seguida por ciências/descobertas e literatura 16%. Leitura de cunho religioso (espiritualidade e religião) aparece com 18%. Pela prática docente realizada no seminário com objetivo de formar padres este tipo de leitura favorece o processo formativo, com debates e discussões.

TABELA 27 - Tipo de leitura.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quanto à avaliação a respeito da formação oferecida no seminário, as respostas dos professores, como podem observar na tabela abaixo, bastante positiva ficando entre os critérios excelente e boa qualidade. Uma das condições para a avaliação positiva, é devido ao pequeno número de alunos por sala de aula. A sala mais numerosa no momento é do 2º ano do Ensino Médio com dez alunos. O terceiro ano do ensino médio tem dois alunos e o primeiro ano, apenas um aluno. Nestes casos o acompanhamento do professor é mais personalizado. Diferente de uma sala de escola da rede estadual, onde o número de alunos excede quarenta alunos por sala.

TABELA 28 - Qualidade da formação no seminário.

Como você avalia a formação oferecida no seminário, quanto a(o):

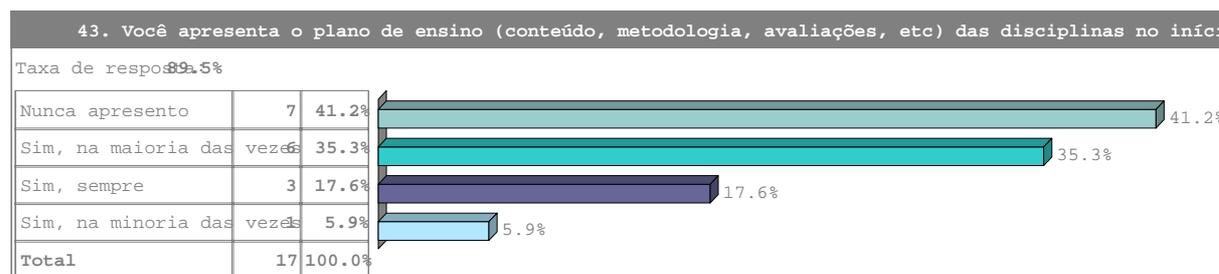
	Excelente		Boa		Regular		Insatisfatória		Sem condições de responder		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Humano afetiva	9	50.0%	8	44.4%	0	0.0%	0	0.0%	1	5.6%	18	100.0%
Espiritual	11	64.7%	3	17.6%	0	0.0%	0	0.0%	3	17.6%	17	100.0%
Comunitária	7	41.2%	7	41.2%	0	0.0%	0	0.0%	3	17.6%	17	100.0%
Intelectual	7	38.9%	7	38.9%	2	11.1%	0	0.0%	2	11.1%	18	100.0%
Pastoral	6	35.3%	3	17.6%	1	5.9%	0	0.0%	7	41.2%	17	100.0%
Total	40	46.0%	28	32.2%	3	3.4%	0	0.0%	16	18.4%	87	100.0%

p = 11.9%; chi2 = 17.91; ddl = 12 (PS)

Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Foi perguntado aos professores se apresentam o plano de ensino (conteúdo, metodologia, avaliação, etc.), das disciplinas no início do semestre. 41,2% nunca apresentam; 35,3% apresentam, na maioria das vezes e 17,6% apresentam sempre. Na minoria das vezes apresentam apenas 5,9%.

TABELA 29 - Plano de ensino e metodologia



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

A avaliação que os professores fazem de seus alunos do Ensino Médio, o que chama a atenção é com referência à formação com que chegam ao seminário. Como a origem dos alunos é quase na sua totalidade de escolas da rede pública 64,7% são considerados alunos de formação regular, 17,6% estão na faixa de formação ruim.

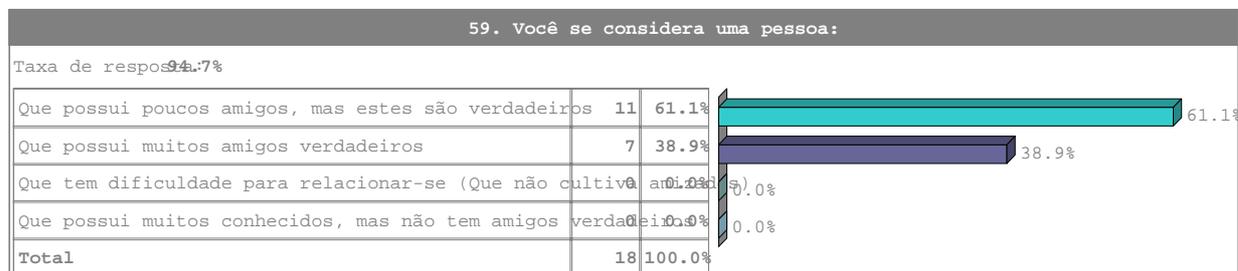
Para melhorar o desempenho dos alunos, tanto do Ensino Médio como do Propedêutico, os professores deram as seguintes sugestões: que houvesse um estágio para os alunos antes de seu ingresso no Ensino Médio, ou um estudo paralelo à série, de disciplinas que mais lhe possam causar dificuldades; que houvesse monitores da mesma série para apoiar os que se encontra em dificuldades; participação em palestras; maior uso da biblioteca, vídeos e sala de informática.

7.2.4 Integração Psicoafetiva

Com relação à avaliação de si os professores se consideram pessoas que cultivam amizades verdadeiras (94,7%). O modo como os professores vivem suas relações humanas afetivas é parte importante da pesquisa. Um educador, por

sua vocação, é uma pessoa que deve estar constantemente em relação com os outros, principalmente com seus educandos.

TABELA 30 - Avaliação do relacionamento interpessoal.



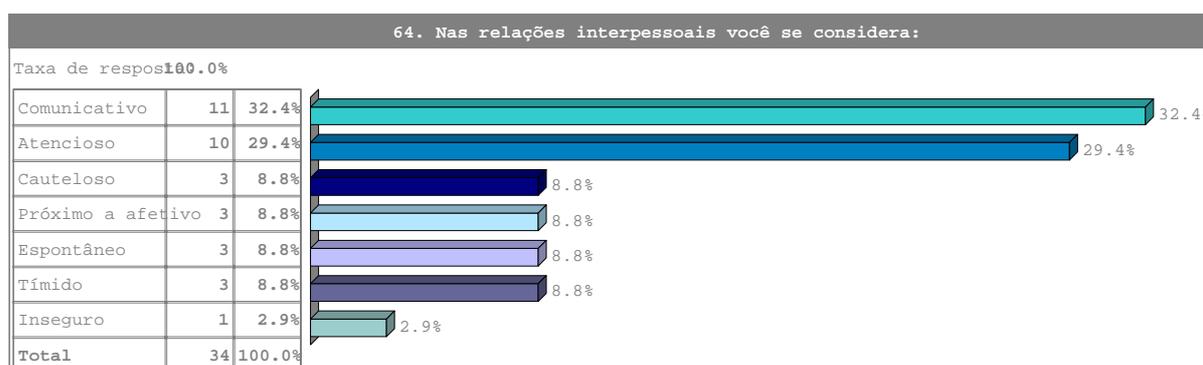
Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Isto fica bem evidente quando perguntados sobre o relacionamento com os seminaristas 89,5% têm um relacionamento muito amigável e 10,5% razoavelmente amigável.

Assim como os alunos, os professores também costumam cultivar tempo para o lazer. Sendo o tempo ocupado na sua maior parte com leituras, seguidos de assistir filmes e TV. Na verdade são atividades muito ligadas à informação e formação intelectual. Ou seja, ler obras literárias é mergulhar em mundos ricos de experiências que possibilita realizar.

Os professores fazem uma avaliação bem positiva de si. Quando questionados sobre suas relações interpessoais se consideram 32,4% comunicativos; 29,4% atenciosos; 8,8% próximos e afetivos e espontâneos. Em torno de 20,5% definem-se com tímidos, cautelosos e inseguros nas relações interpessoais, que revelam um grau de alguma dificuldade no convívio.

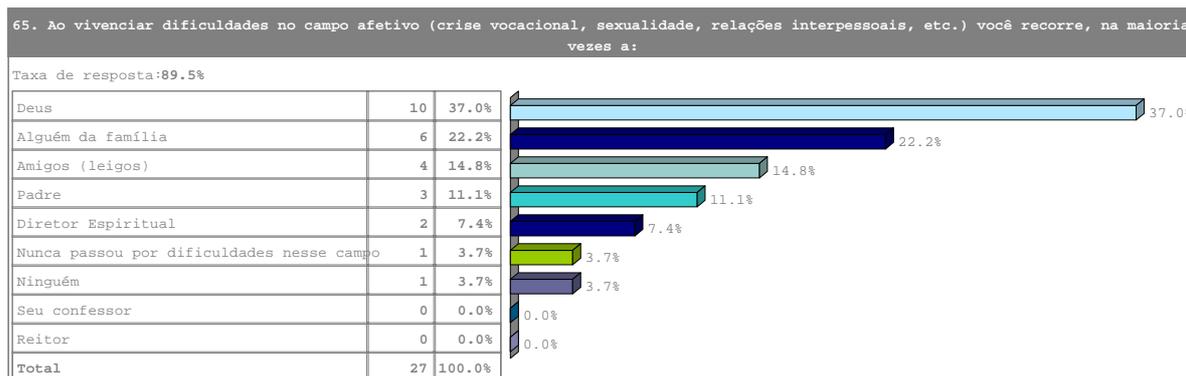
TABELA 31 - Relações interpessoais.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Quando perguntados sobre a vivência de dificuldades no campo afetivo (crise vocacional, sexualidade, relações interpessoais, etc.), 37% recorrem a Deus quando se vêem nestas situações difíceis. Outros procuram ajuda da própria família (22,2%). Mas há aqueles que procuram ajuda a um amigo ou religioso.

TABELA 32 - Dificuldades na vida afetiva.



Fonte: Dados coletados na pesquisa - Presidente Prudente, 2006

Um outro elemento importante nesta pesquisa foi buscar entre os professores a opinião sobre o significado de uma pessoa ter vocação sacerdotal. Aqui revela a opinião do professor a respeito daqueles que estão contribuindo para a formação. Também revela o tipo de padre que esperam formar. As respostas dadas pelos professores sobre vocação sacerdotal, em síntese, foram as seguintes: - serviço a Deus, serviço aos homens, opção de vida, trabalho missionário.

Foi pedido aos professores que comentassem sobre os principais motivos pelos quais ocorrem as desistências dos alunos no seminário. As respostas foram resumidas em cinco categorias:

1. Falta de vocação;
2. Dificuldades em viver longe da família;
3. Dificuldades em acompanhar as aulas;
4. Outras motivações: incertezas, inseguranças.
5. Os professores também puderam emitir um comentário geral sobre os seminaristas, ou seja, como os vê. Assim os definiram:
 - a. Como pessoas bem educadas e integradas;
 - b. Pessoas equivocadas quanto à vocação sacerdotal e sobre o futuro.

7.3 Análise das Entrevistas

Foram realizadas entrevistas com dez alunos do seminário em questão (43,5%) do total dos alunos. Não foi possível entrevistar os demais, em virtude da indisponibilidade de horário dos próprios alunos, pois os mesmos estavam em período de provas e outras atividades. Pois, quando se propôs a realização das entrevistas os alunos já estavam nos últimos dias do ano letivo. Alguns estavam ocupados na organização interna dos trabalhos da casa, outros na preparação para o vestibular (Filosofia), e outros ainda, se preparando para a mudança para outro seminário.

As entrevistas tiveram como finalidade a obtenção de informações sobre o cotidiano na sala de aula; como os seminaristas vêem sua formação acadêmica, sua relação com os professores e, enfim, com o processo formativo. (Anexo – 3)

Os entrevistados foram unânimes em afirmar que a formação oferecida no seminário é de excelente qualidade. Comparada com as escolas públicas e com as escolas particulares, eles destacaram a relação professor-aluno, o número pequeno de alunos por sala de aula, a qualificação dos docentes, o incentivo ao estudo e à leitura, o sistema de avaliação e outros pontos relevantes para a formação da pessoa para a vida cristã e cidadania.

Um seminarista assim se expressa:

“Coisas que aprendi aqui nunca aprenderia lá fora. Vim de outro seminário, mas aqui é bem melhor.”

Outro se expressa assim:

“Aqui no seminário é completamente diferente da escola pública. Na minha sala, por exemplo, são dez alunos. Dá pra pegar tudo aquilo que os professores passam. Os professores são altamente qualificados. Alguns são aposentados, têm uma bagagem imensa. Vieram das melhores escolas de Presidente Prudente.”

Mais adiante o mesmo aluno diz:

“Vim de uma escola pública e lá não havia nenhuma cobrança e muito menos incentivo à leitura. A leitura nos abre um horizonte, nos faz enxergar melhor o mundo. Nos faz entender bem o nosso papel de cidadão. Ajuda até a entender as disciplinas na área de exatas.”

Outro ainda diz:

“Quando cheguei ao seminário tive uma grande surpresa, eu era o único aluno do 1º ano do ensino médio. Num primeiro momento fiquei bastante preocupado, pois vim de uma escola pública com mais de quarenta alunos numa sala. De repente me vi só em uma sala com diversos professores ensinando só para mim. Me sentia mal no início, não estava acostumado a ter aulas particulares. Pensei até em sair.”

Mais um exemplo:

“Posso dizer que é a melhor escola que existe em Pres. Prudente, apesar de não conhecer as outras escolas. Digo isto pela qualidade de ensino, pelo corpo docente, pelo ambiente, tamanho das salas e pelo objetivo que os alunos estão aqui. Pois todos, ou quase todos, que estão aqui sabem que é para estudar mesmo.”

Com relação à metodologia de ensino utilizada pelos professores agrada muito aos alunos, pois estes mencionam como ponto alto na transmissão dos conteúdos e assimilação dos mesmos. É sabido que o ensino secundário é o lugar da verdadeira cultura geral, que estabelece o diálogo entre a cultura das humanidades e a cultura científica. Portanto, o educador é aquele que permite que o aluno se insira no processo de abertura ao mundo com toda sua complexidade e ali se veja como protagonista de sua história. Desse modo, será capaz de refletir criticamente sobre o seu saber e dirimir as dúvidas que eventualmente aparecem.

Algumas falas dos seminaristas apontam para a qualidade da relação professor-aluno, bem como sua maneira de transmitir conhecimento:

- *“Bom! Quanto à formação recebida aqui não há que se reclamar. A didática dos professores é excelente. Posso dizer que 99% são pessoas que ensinam aquilo que vivem. São amantes da educação.”*

- *“Eles nos proporcionam tanto um bom aprendizado como uma grande amizade. São dinâmicos em suas aulas, não brincam não. O professor, aqui dá uma aula que entrosa”.*

- *“O método das aulas é bem diversificado, nos ajuda muito até mesmo a lidar com nossas dificuldades.”*

- *“Quanto ao ensino, os professores conseguem trabalhar legal. Não são atrapalhados por bagunça, isso ajuda muito na transmissão dos conteúdos, bem como no nosso aprendizado. A didática é bem diversificada. Alguns professores gostam de aulas expositivas, outros gostam de encher a lousa, outros aulas práticas,*

métodos bem diversificados. Alguns exigem a nossa participação, querem que a gente fale para perder a timidez. Querem que aprendamos a nos comunicar.”

Os conteúdos curriculares são programados de acordo com o interesse dos alunos, sendo que muitas vezes sugeridos temas ou assuntos pelos próprios alunos. Não se reduz a uma mera lista de assuntos pré-determinados e que precisam ser rigorosamente passados. Há certa abertura para a participação responsável onde se articulam os saberes, com a didática, com as técnicas e os recursos utilizados no processo ensino-aprendizagem.

Os seminaristas entrevistados falam de sua participação e interesse:

- *“A gente consegue abrir uma visão para o mundo. A biologia, por exemplo, a gente consegue ver o outro lado da disciplina. Onde se apresenta uma supervalorização da vida e não apenas conteúdo curricular.”*

- *“É legal, porque a gente sugere para o professor alguns conteúdos de nosso interesse e eles trazem para a sala de aula. Algumas vezes são temas da atualidade. A aula fica bem mais dinâmica porque a gente participa da escolha dos assuntos.”*

- *“As disciplinas do propedêutico são mini-cursos. A gente vê sobre tudo: Família, História da Arte, História Geral, Informática, Ecologia, etc. É legal porque nós opinamos sobre os assuntos, ou seja, a gente escolhe o que quer estudar.”*

De acordo com a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional n. 9394/96, sobre a avaliação escolar, nota-se que se trata de um processo pelo qual se observa, se verifica, se analisa, se interpreta um determinado fenômeno (construção do conhecimento), situando-o concretamente quanto aos dados relevantes, objetivando uma tomada de decisão em busca da produção humana. Neste sentido, avaliar um aluno consiste basicamente conhecer o nível de desempenho em forma de constatação da realidade provocando o desenvolvimento do educando.

Com relação ao método de avaliação aplicado no seminário em questão, assim se expressam os alunos:

- *“A avaliação é de fato um processo legal de medir nossos conhecimentos. Não ficam com dó da gente não. Querem o nosso bem e a nota é sempre o jeito de nos avaliar e também eles.”*

- *“O sistema de avaliação é legal. Alguns professores exageram exigindo mesmo porque querem o máximo da gente. Alguns dão provas sem a gente*

conseguir entender tudo. Por isso, não dá para perder tempo. Há aqueles que não dão provas, avaliam a gente de muitas outras formas: participação na sala, trabalhos, etc. Eu não estava acostumado a isto não! Mais acho legal.”

- “Somos avaliados constantemente. Não tem moleza não. Somos avaliados de diversos modos. Alguns professores preferem a tradicional prova escrita. Outros, chamada oral, outros diversificam entre trabalhos escritos, orais, apresentação de seminário e discussão de temas. Outros avaliam o nosso desempenho a cada aula. Eu gosto, porque a gente aprende muito assim.”

- “O professor espera que a gente aprenda mesmo o conteúdo. O professor de Filosofia, por exemplo, percebeu que os alunos não foram bem na avaliação, e daí sua cara de decepção.”

- “Tem professor que fica triste quando os alunos não vão bem em sua disciplina. A avaliação é sempre uma prática daquilo que exercitamos em sala.”

Ser professor é ser amigo dos alunos. É percebê-los como pessoas que estão construindo identidade. Principalmente no ambiente de seminário, onde se processa diariamente o discernimento vocacional. É indispensável ter consciência de que o aluno vai ser aquilo que o docente ajudar a edificar. O sentimento não se sobrepõe à razão, mas complementa, torna-a eficaz, consistente.

Na presente pesquisa fica evidente a relação professor-aluno no campo afetivo que se estabelece na relação paterna-materna.

- “Há uma relação paterna e materna com os professores. Eles são compreensivos e carinhosos, se ligam muito com a nossa vida.”

- “Encontrei aqui verdadeiros pais. Os professores são atenciosos com a gente. Não são estressados e nem grosseiros, parecem que estão sempre de bem com a vida. Em casa, meus pais se separaram e eu nem sei muito bem o que é ter uma verdadeira família. Mas aqui encontrei nos professores um carinho, um diálogo, um conselheiro que em casa não tive.”

- “Na relação com a gente não é só trabalho, e nem professor e aluno, mais amigos mesmo.”

- “A relação com eles é tão bacana que não dá nem para chamá-los de professor. É mais fácil chamar de pai, mãe irmão...”

Um dos maiores incentivadores da formação do aluno-leitor é o professor. Seu papel, enquanto sujeito/agente de transformação social é o de contribuir, decisivamente, para que as práticas de leitura estejam voltadas para

temáticas de interesse do aluno. O caminho é através do seu testemunho vivo e pelos comentários em relação às leituras que fez e faz.

Alguns seminaristas destacaram a importância do hábito de leitura que adquiriram no seminário:

- *“Vim de uma escola pública e lá não havia nenhuma cobrança e muito menos incentivo à leitura. A leitura nos abre um horizonte, nos faz enxergar melhor o mundo. Nos faz entender bem o nosso papel de cidadão. Ajuda até a entender as disciplinas na área de exatas.”*

- *“Aqui eu aprendi a estudar. Antes não tinha hábito de leitura, passava longe de jornais e revistas, aliás, nem tinha condições de comprar. Aqui me delicio com as notícias dos jornais. Como a TV é restrita, não temos muito acesso, o jeito é partir para a leitura dos jornais e revistas para estar bem informado.”*

A escola promove o desenvolvimento humano quando garante a qualidade da aprendizagem não em nível quantitativo mas, sobretudo, na sua qualidade de formação de valores humanos.

Quanto à formação humana oferecida no seminário assim se expressam alguns alunos:

- *“A formação pessoal que engloba a vida comunitária, intelectual, espiritual, só aqui mesmo. Nos mini-cursos temos grandes lições de cidadania, de justiça, de ética, de muita coisa útil para a vida do ser humano. Tudo aquilo que proporciona uma relação madura e respeitosa com os outros.”*

- *“O que mais valorizo no seminário é a formação da pessoa. A reflexão sobre a vida, sobre o sacerdócio que pretendo para o meu futuro.”*

- *“A caminhada no seminário me proporcionou um amadurecimento em todos os sentidos. O fundamental aqui é a formação humana. Dá-se uma importância muito grande à vivência comunitária. Saber viver com as diferenças do outro e respeitá-lo.”*

As falhas apontadas pelos seminaristas entrevistados são referentes à vida comunitária. Como o seminário é, geralmente, um local de moradia e estudos, a vida comunitária torna-se às vezes um desafio para muitos.

Assim apontam as dificuldades:

“Eu pensava que no seminário todos fossem ‘anjinhos’. Mas vi que não é assim. No começo assustei, mas depois com o tempo e a convivência fui entendendo que as pessoas têm seus problemas e dificuldades iguais aos meus.”

Aqui a gente encontra pessoas humanas e alguns bem complicados, difícil de aceitar.”

- “Com relação à convivência não é tão fácil, pois, são vinte e três pessoas todo dia, toda hora. Mais no geral o clima é muito bom.”

- “Agora, com relação ao clima aqui da casa é um pouco complicado. Tem gente aqui que não tem vocação, só quer estudar e às vezes não colaboram muito com o bom andamento da formação. Muitos vivem mascarados, querem enganar os formadores.”

Outros apontam falhas na formação pastoral. O despertar vocacional geralmente acontece na vida comunitária, na relação com as pastorais e movimentos eclesiais. Depois de um período de entrosamento e participação pastoral, muitos adolescentes e jovens decidem fazer experiência vocacional ingressando no seminário. Como o objetivo do seminário menor é voltado para o aprofundamento da vocação e, especificamente, ao discernimento da vocação sacerdotal, a ênfase recai na formação espiritual e aos estudos preparatórios ao seminário maior (Filosofia e Teologia). O exercício pastoral é delegado aos seminaristas maiores.

Neste sentido alguns seminaristas expressam sua vontade de estar inserido na comunidade exercendo algum trabalho:

- “Só sinto falta de sair mais para a pastoral. Durante o ano letivo a gente não tem muito contato com a pastoral das paróquias, somente nas férias. Eu acho muito pouco.”

- “Saí de uma comunidade onde vivia em contato com a pastoral da comunidade. Foi a partir daí que surgiu a minha vocação. Aqui não podemos fazer pastoral”

- “Quando comecei a freqüentar a vida da minha paróquia, me envolvi com as pastorais. Ia às reuniões dos adolescentes, dos jovens, era muito bacana. Foi lá que comecei o meu discernimento vocacional. Estava apaixonado pela causa da Igreja. Mais esfriou um pouco aqui, acho que é pela falta de um trabalho pastoral. Sei lá? Mesmo agora, quando vou de férias eu ajudo na animação das missas, dos grupos de reflexão, faço um pouco do que posso e gosto.”

A apresentação dos dados acima foi feita de forma descritiva para uma visualização bem clara das informações consideradas relevantes.

8 CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou, através de uma experiência de formação sacerdotal num Seminário Menor Diocesano, detectar a importante influência do Concílio Vaticano II no processo formativo dos candidatos ao sacerdócio. Preocupou também em detectar as mudanças curriculares do curso em questão (Ensino Médio) e as suas repercussões na educação eclesial dos jovens seminaristas.

Através da análise realizada nos capítulos anteriores, bem como instrumentos utilizados: observação, roteiros das entrevistas e questionários, pode se concluir esta pesquisa com a indicação de algumas orientações para a ação formativa.

A primeira proposta se refere à Pastoral Vocacional, como serviço de recrutamento e seleção dos candidatos ao seminário.

Ressalta-se aquilo que os documentos eclesiais (CNBB) falam a respeito dos candidatos ao seminário. Só podem ser admitidos quem tiver disposição para ser sacerdote, para dedicar sua vida a essa missão, e para concentrar todas as suas energias na preparação pessoal ao sacerdócio. O jovem deve sentir claramente a sua firme motivação para chegar a ser padre. Não sendo isto observado a formação pode fracassar, pois, nenhum programa pode ter êxito, se o objetivo primeiro não for levado em consideração. Se o seminarista não estiver motivado a se formar para ser padre, e ficar sempre numa postura de dúvida, incerteza, indecisão, não está “maduro” para enfrentar a educação formal. Daí o papel da Pastoral Vocacional, em acompanhar, orientar e estimular iniciativas que valorizem a decisão vocacional como serviço à Igreja e não como ascensão social ou busca de uma posição privilegiada na sociedade e na Igreja.

O período de formação, sobretudo, no Seminário Menor é o momento do aprimoramento da vocação cristã e, especificamente, ao discernimento da vocação presbiteral. Por isso, é de fundamental importância que se propiciem no seminário, contatos regulares com a família e com a comunidade de origem, a fim de ajudá-los no processo de discernimento e decisão.

O Seminário não deve ser concebido como um ambiente fechado sobre si mesmo, mas como lugar que sustenta e orienta o processo pedagógico de discernimento e formação enraizado na comunidade eclesial mais ampla.

Este processo pedagógico compreende diversos componentes: formação humana, psicológica, espiritual, intelectual e pastoral. Portanto, os formadores devem cuidar de estabelecer critérios formativos que levem ao equilíbrio e a integração entre os diversos aspectos da formação.

Desde a Idade Média principalmente com as orientações do Concílio de Trento, os seminários estavam preparados para receber os vocacionados, o mais cedo possível, afim de “tirá-los” do mundo para melhor formá-los dentro dos critérios estabelecidos pela Igreja. Deve-se considerar que os jovens que entram hoje no seminário, já tem sua personalidade formada. Vêm de uma realidade fortemente influenciada pelos meios de comunicação, criam a partir daí modelos próprios de vida; alguns já tiveram experiência de trabalho; outros já tiveram experiências afetivas no namoro.

Para o jovem integrar-se a um ambiente de formação como o seminário, deve significar uma ruptura com sua vida anterior. Trata-se também de uma ruptura material: mudanças de lugar, modo de viver, de horário, de estilo de vida, de hábitos. Enfim, o seminarista, de certa forma abandona sua vida anterior. Imagina chegar ao seminário e encontrar “anjos” como seus amigos. Na realidade encontra outros jovens como ele, com suas limitações, pecados, imperfeições. Num primeiro momento ocorre o choque em deparar-se com o “novo”. O processo de adaptação vai depender de seu esforço pessoal e meta futura: ser padre.

O ser padre, muitas vezes, se constitui no imaginário do jovem como algo ilusório. O significado de uma vocação sacerdotal fica na imagem do sagrado: *“viver o dom do chamado de Deus”; “ter uma dívida de Deus”; “servir a Deus”; “Meu grande amor a Jesus Cristo que deu a vida por nós”*.

Destas considerações decorrem algumas conseqüências práticas que a experiência recomenda. Muitos que entram no seminário fazem questão de dizer que sua decisão foi consciente, fruto de uma experiência pastoral e vontade de mudar a realidade atual da Igreja e sociedade. Por isso, mesmo sujeitam-se a todas as

normas disciplinares impostas no período de formação e na vida futura, como por exemplo, o celibato sacerdotal.

Falando em determinação firme de chegar a ser sacerdote, exige do seminarista a capacidade de concentrar todas as suas energias para realizar tal objetivo. Muitas vezes, o candidato não consegue tal decisão por motivos já mencionados acima, a ruptura.

Além da ruptura com o espaço material, há também a ruptura com as atividades pastorais anteriores. A grande maioria dos seminaristas já tinha assumido tarefas pastorais em movimentos de adolescentes, juventude, Renovação Carismática Católica, e outros. Os mesmos imaginam o seminário como continuação destas tarefas, na realidade o Seminário Menor em questão não tem nenhuma iniciativa neste nível. A prioridade está na formação intelectual e cultural.

Em relação à vida acadêmica, o Concílio Vaticano II, recomenda alguns cuidados quanto à organização dos estudos no seminário. Sugere a reformulação dos métodos didáticos e a “unidade e solidez” da formação intelectual. Este objetivo não se alcança somente através de currículos e programas cuidadosamente elaborados. Mas elaborando um projeto pedagógico que tenha o perfil da Igreja atual e do padre desejado.

A Interdisciplinaridade e Contextualização formam o eixo organizador da doutrina curricular expressa na LDB. Para que a prática docente possa ser realizada com eficiência não pode estar num plano individual e fechada em si. Para que ocorra a Interdisciplinaridade e Contextualização é necessário que o corpo docente trabalhe de forma integrada, num processo coletivo e permanente de planejamento e revisão de ensino de avaliação de seus resultados, de atualização de métodos e programas. Para dinamizar este processo é indispensável um coordenador de estudos e reuniões periódicas do corpo docente.

Os professores tenham em conta que também são formadores. Para isso, não devem se fechar numa mera preocupação acadêmica com sua própria disciplina, mas viva em espírito eclesial, participando do processo formativo. Isto é, que estejam engajados nas pastorais e movimentos da Igreja católica.

Com relação à metodologia do trabalho docente no Seminário Menor pode-se notar que a maioria dos professores apresenta o plano de ensino (conteúdo,

metodologia das aulas, avaliação do conteúdo); bem como foi possível observar que os métodos didáticos utilizados prevêm uma oportuna e equilibrada alternância de aulas expositivas e de trabalhos dos alunos, em que estes são exercitados gradativamente no estudo, na pesquisa, no debate das questões intelectuais. Porém, faltam encontros pedagógicos para que o planejamento escolar contemple um maior entrosamento entre os conteúdos curriculares. Ou seja, que a Interdisciplinaridade e Contextualização norteiem toda organização dos conteúdos curriculares num constante diálogo entre os docentes.

Portanto, se propõem além dos encontros pedagógicos periódicos, capacitação e atualização do corpo docente que os leve a rever sua prática sobre o que e como ensinar seus alunos. Alguns eixos temáticos poderão auxiliar neste processo de capacitação do corpo docente, como por exemplo, Doutrina Social da Igreja, temas relacionados à Fé e Política, Cidadania, Bioética, entre outros.

Em atividades em outros ambientes educativos, a partir da formação doutrinária básica (catequese), os estudantes exercitam sua capacidade crítica na análise de situações e problemas concretos da atualidade, como por exemplo, questões políticas, econômicas e sociais. São levados à pesquisa e compreensão da cultura popular, através de celebrações afro-cristãs, por exemplo.

Outro resultado obtido nesta pesquisa se refere ao uso da biblioteca. Os professores são grandes incentivadores da leitura e a pesquisa. Eles propõem, em seus planos, diversas atividades que fazem com que os alunos em sua totalidade freqüentem a biblioteca com certa periodicidade. Neste período de formação o aluno deve ser educado ao uso da biblioteca e dos acervos de pesquisa científica adequados ao seu programa de estudos e ao seu futuro ministério.

Através da análise dos dados obtidos na pesquisa, foi possível detectar algumas falhas: uso do laboratório de Informática e a ausência de um laboratório para estudo das línguas estrangeiras. Quanto ao uso do laboratório de Informática é vedado aos alunos do Ensino Médio. Hoje é indispensável na formação acadêmica o manuseio deste veículo de informação que antes só se encontravam em livros e enciclopédias, quase sempre acessíveis a poucos, agora podem ser buscados de forma mais fácil e livre.

As tecnologias são boas, dependem apenas do uso que se fazem delas. Hoje é recomendado que os professores desenvolvam novas competências quanto ao uso das novas Tecnologias de Comunicação e Informação. Algumas considerações: O uso das novas tecnologias na escola pode melhorar a didática e variar as metodologias de ensino; colaborar com os alunos na busca, comparação e análise da informação disponível na internet e em outras fontes; planejar a inserção das novas tecnologias como parte do conteúdo programático, não apenas como um recurso didático, mas também em relação à própria matriz curricular, tendo em vista o caráter interdisciplinar que a tecnologia assume em relação aos demais campos do conhecimento; incentivar os alunos a usarem a nova tecnologia na gestão, crítica, síntese e apresentação dos resultados do processo de aprendizagem.

Diante disso, propõe-se uma reestruturação da parte diversificada da grade curricular do Ensino Médio do Seminário Diocesano em questão nesta pesquisa.

Atualmente são oferecidas aos alunos das três séries do Ensino Médio quatro aulas semanais de Língua Estrangeira Moderna: sendo duas aulas semanais de Francês e duas aulas semanais de Inglês. Podendo, ser substituído uma delas por Noções Básicas de Informática. Esta proposta se justifica porque os processos tecnológicos compõem os temas por excelência que permitem contextualizar os conhecimentos de todas as áreas e disciplinas no mundo do trabalho.

Com relação ao material disponível para o ensino de idiomas é deficitário faltando: laboratório de línguas, materiais didáticos como, por exemplo: uso de internet, tapes e gravador, livros didáticos, textos atuais, filmes, músicas, e outros. Nas entrevistas, aparecem sempre reclamações a respeito das dificuldades ao aprendizado, sobretudo da língua latina, língua oficial da Igreja.

Logicamente as falhas apontadas pela pesquisa deverão ser sanadas para aperfeiçoamento curricular, a fim de proporcionar uma educação para melhor agir na sociedade em contínua transformação.

Conteúdos curriculares não são fins, são apenas instrumentos para uma educação de qualidade.

A escola precisa organizar-se em torno de poucos, mas significativos eixos temáticos em torno dos quais giram as atenções na busca de conteúdos

necessários. Eixos que não podem estar alheios num projeto político-pedagógico da escola hoje: o cotidiano, educação para uma cidadania efetiva, a construção de uma prática dialógica e a afirmação incondicional da dignidade humana.

Dentro das propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, há um espaço para engendrar novas propostas pedagógicas levando em consideração às características dos alunos e de seu ambiente sócio-econômico recorrendo, entre outros recursos, à interdisciplinaridade e à contextualização como recursos para lograr esse objetivo. Porém, deve-se ter sempre em mente que a parte diversificada possibilitando a abertura para estas novas propostas pedagógicas não pode ser organizada criando divórcio ou dualidade com a base nacional comum.

A parte diversificada poderá ser desenvolvida por meio de projetos e estudos focalizados em problemas selecionados pela equipe escolar, de forma que os mesmos sejam organicamente integrados ao currículo, superando definitivamente a concepção do projeto como atividade “extra” curricular.

Considerando que as atividades desenvolvidas no ambiente educacional no Seminário funcionam em período integral e excedem o previsto pela legislação vigente, cabe ainda incorporar à grade curricular Noções de Sociologia, pois a função do Seminário é formar sacerdotes e homens que irão atuar na realidade social.

Portanto, se justificam esta proposta de estudos de sociologia, *necessários ao exercício da cidadania*, para cumprimento do que manda a letra da lei. No entanto, é indispensável lembrar que o espírito da LDB é muito mais generoso com a constituição da cidadania e não a confina a nenhuma disciplina específica, como poderia dar a entender uma interpretação literal da recomendação do inciso III do parágrafo primeiro do Artigo 36. Neste sentido, todos os conteúdos curriculares desta área, embora não exclusivamente dela, deverão contribuir para a constituição da identidade dos alunos e para o desenvolvimento de um protagonismo social solidário, responsável e pautado na igualdade política.

Outra proposta de inclusão de disciplinas na parte diversificada da grade curricular do Seminário é a organização de um Laboratório de Relações Interpessoais, possibilitando a utilização dos códigos que dão suporte à linguagem.

Esta proposta se justifica porque uma das funções do sacerdote é a pregação, ou seja, a comunicação da doutrina da Igreja e principalmente a proclamação da Palavra de Deus. Portanto, o uso da linguagem não visa apenas o domínio técnico, mas principalmente a competência de desempenho. Ou seja, o saber usar a linguagem em diferentes situações ou contextos, considerando inclusive os interlocutores ou públicos.

O seminário é uma escola, espaço de conflitos existenciais, onde vidas humanas se constroem, onde convivem inteligências múltiplas, onde as buscas de realizações de vidas não podem circunscrever-se em torno de alguns conteúdos pré-programados.

Além da preocupação com a formação dos seminaristas para o futuro exercício do sacerdócio, o Concílio Vaticano II, aponta a necessidade de uma coerente formação dos formadores.

A preparação dos educadores (reitor, diretor espiritual, professores), exige um investimento, humano e financeiro. Neste sentido, é de fundamental importância, que se evite a improvisação na escolha de formadores e professores. Além da capacidade intelectual e domínio do conteúdo a ser ensinado, deve-se levar em consideração a disposição para trabalhar em equipe; maturidade humana e equilíbrio psíquico; disponibilidade para ouvir e dialogar; atitude positiva e crítica diante da cultura atual; espírito de comunhão, etc. (Diretrizes sobre a Preparação dos Educadores nos Seminários, 1994).

Uma última contribuição que a presente pesquisa pretende oferecer, quando se pretendeu investigar a influência do Concílio Vaticano II como proposta de renovação do método formativo dos seminaristas, candidatos ao sacerdócio, refere-se à formação pastoral.

O Concílio Vaticano II apresentou um modelo de Igreja utilizando os termos “Povo de Deus” e “Corpo de Cristo”, para fortalecer a concepção de igreja como comunidade lugar de comunhão. Portanto, trata-se de uma visão de igreja aberta, voltada para os problemas atuais da pessoa.

Todos os documentos da Igreja que surgiram após o Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal, têm como horizonte de fundo um projeto de formação pastoral. Isto é, trazem implícito o perfil de padre que se quer formar iniciando no

seminário menor, chegando ao término de um processo formativo, que acontece nos anos de Seminário Maior. Uma formação contínua, visando à unidade de formação.

Desse modo a vida do Seminário como uma longa caminhada formativa, deve levar o futuro sacerdote a encontrar as bases sólidas para a vivência humana, psicológica, espiritual, intelectual e pastoral.

Todo seminarista deve ser incentivado e encorajado a engajar-se num trabalho pastoral fora do seminário. Para isto, a formação pastoral deve levar à identificação com as opções da igreja local, bem como transcender os limites da própria diocese, nação e rito, realizando o diálogo religioso ou ecumenismo a fim de ajudar as necessidades próprias da Igreja.

Considerando que a parte diversificada de uma organização curricular visa à construção da identidade da escola, ou seja, pode ser aquilo que identifica a “vocação” da escola e a diferenciá-la entre si, na busca de organizações curriculares que efetivamente respondam à heterogeneidade dos alunos e às necessidades do meio social e econômico, é de suma importância que o seminário ofereça aos seus alunos uma prática pastoral. Neste sentido propõem-se atividades de extensão relacionadas à Pastoral da Igreja. Estas atividades poderão ser desenvolvidas principalmente no tempo em que se celebram as festas litúrgicas: Natal, Páscoa, Pentecostes, Festa dos Santos Padroeiros e outras.

Trata-se de formar homens que sejam pastores. Homens disponíveis a viver a comunhão, isto é, serem capazes de viver em comunhão de vida, de bens, de ação pastoral, de ação evangelizadora, com o bispo, com os demais sacerdotes e também com os agentes de pastoral.

Enfim, o seminarista, durante os anos de formação no seminário precisa sair apto para assumir a realidade humana com toda sua complexidade. A Igreja deve estar presente em todos os dramas humanos e tornar-se ativa na vida dos sem terra, dos sem teto, dos desempregados, dos presidiários, dos hospitais, e outros, na vida da cidade e do campo, educando o homem para a luz do Evangelho e avaliar criticamente a sociedade onde está inserida, como sujeito, ator e cidadão e fiel à Igreja de Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. D. (Org.). UFRN. **Currículo como artefato social**. Natal: Editora da UFRN, 2000.

ALVES, R. **Conversa com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1989.

AZEVEDO, F. **A Cultura brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

BENEDETTI, L. R. O Novo Clero: Arcaico ou Moderno? **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, n. 233, p.88-126, mar. 1999.

BEOZZO, J. O. et al. **História da teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1981.

_____. O Concílio Vaticano II: Etapa Preparatória. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 46, n. 243, p. 3-12, jul./ago. 2005.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, São Paulo: Paulinas, 1990.

BOGDAN, R.; BICKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília: Ed. do Brasil, 1996.

CAPRILE, G. **Il Síno do dei vescovi, seconda assemblea generale (30/09-6/11/1971)**, Roma: Edizioni La Civiltà Católica, 1972.

CARRATO, J. F. **As Minas Gerais e os primórdios do caraça**. São Paulo: [s.n.]. 1963.

CAVALHEIRA, M. P. Seminários e formação sacerdotal após o Vaticano II. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 26, n. 231, p. 802-803, 1966.

CIPRIANI, G. Missionariedade e profetismo do presbítero, na igreja e no mundo, à luz do Vaticano II. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS. 11., 2006, **Anais...** Indaiatuba-SP: Comissão Nacional de Presbíteros, 2006.

CNBB. **Formação dos presbíteros da igreja no Brasil: diretrizes básicas**. São Paulo: Paulinas, 1995. (Documentos da CNBB, n. 55).

_____. **Plano de pastoral de conjunto (1966-1970)**. São Paulo: Paulinas, 1966.

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil – 2003 – 2006**. São Paulo: Paulinas, 2003. (Documentos da CNBB, n. 71)

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil – 1999 – 2002.** São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, n. 61).

_____. **Diretrizes sobre a preparação dos educadores no seminário.** São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. **Formação dos presbíteros na igreja do Brasil: diretrizes básicas.** São Paulo: Paulinas, 1984. (Documentos da CNBB, n. 30).

_____. **Formação dos presbíteros da igreja no Brasil: diretrizes básicas.** São Paulo: Paulinas, 1995. (Documentos da CNBB, n. 55).

_____. **Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades.** São Paulo: Paulinas, 2005. (Subsídios doutrinários da CNBB n. 3).

_____. **Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1984. (Estudos da CNBB).

_____. **Vida e ministério dos presbíteros: pastoral vocacional.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. (Documentos da CNBB, n.20).

_____. **Vida e ministério dos presbíteros: pastoral vocacional.** São Paulo: Paulus, 2004. (Estudos da CNBB, n.88).

CÓDIGO de Derecho Canônico y legislación complementaria, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978.

CÓDIGO de Direito Canônico. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1983.

COMBLIN, J. **Os Desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 41, n. 162, p. 320-345, jun. 1981.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. 3., Puebla, a evangelização no presente e no futuro da América Latina, texto oficial da CNBB, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. 4., Santo Domingo, Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã, “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”. Petrópolis: Vozes, 1980.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituições, Decretos e Declarações. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

COZZENS, D. B. **A face mutante do sacerdócio:** reflexão sobre a crise de alma do sacerdote. São Paulo: Loyola, 2001.

CNP - Comissão Nacional de Presbíteros. **Presbíteros do Brasil construindo história**: instrumento preparatório aos encontros nacionais de presbíteros. São Paulo: Paulus, 2001.

DOOL JR, W. E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

DUÉ, A. **Atlas histórico do cristianismo**. Aparecida: Santuário, 1999.

GUALDRINI, F., **Aspetti della teologia del sacerdozio dopo il concilio**. Roma: Città Nuova Editrice, 1974.

GILDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMANN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HAUCK, J. F. et al. **História da igreja no Brasil**: segunda época. Petrópolis: Vozes, 1980.

JEDIN, H. **Geschichte des Konzils von Trient**, Band 4/2, Verlag Herder. Freiburg Basel: Wien, 1975.

LEITE, S. **História da companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.] 1949, v. 7.

LIBANIO, J. B. O Concílio Vaticano II: os anos que seguiram. **Revista Vida Pastoral**. São Paulo: v.46, n.243, p.1-64, jul./ago. 2005.

LOCKS, J. A Crise dos Seminários. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 32, n. 128, p. 935-942, dez. 1972.

LORSCHIEDER, A. Linhas Mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. **Vida Pastoral**,. São Paulo, v. 46, n. 243, p. 13-16, jul./ago. 2005.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A pesquisa em educação**: abordagens educativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASSERONI, E. **Optatum totius, decreto sulla formazione sacerdotale introduzione e commento**. Casale Monferrato: Edizioni Piemme, 1987.

MORO, C. **A formação presbiteral**. Aparecida: Santuário, 1997.

OLIVEIRA, P. Religião e Dominação de Classe: o caso da romanização. **Religião e Sociedade**, Petrópolis: n. 6. p. 167-187, 1980.

PAULINAS. Manuel Franco Falcão. **Enciclopédia Católica**. 08 set. 2004. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=1644>. Acesso em: 29 mar. 2007.

PAULO VI, Papa. Autodemolição da igreja: da alocução ao Seminário Lombardo de Roma – **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 29 n.1, p.175-176, mar. 1969.

_____. Possíveis desvios depois do Concílio: da alocução na audiência geral de 07.01.1970. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 30, n.117, p. 158, mar. 1970.

PEPE, E. La formazione dei presbiteri nella storia della chiesa. In: **Gen's 19**. p. 89-98, Roma: 1989.

POSTMAN, N. **O Fim da educação**: redefinindo o valor da escola. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**: Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1961.

REILY ROCHA, C. L. **Muitos são chamados, mas poucos escolhidos**: um estudo sobre a vocação sacerdotal. 1991. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SERGIOVANNI, T. J.; STARRATT, R. J. **Novos padrões de supervisão escolar**. São Paulo: EPU, 1978.

SMHMIDT, J.B.; COLLING O. J. (Coord.). **A Formação presbiteral na opção pelos pobres, curso para formadores de seminários maiores**. Petrópolis: Vozes, 1986.

TEPE, V. **Presbítero hoje**. Petrópolis: Vozes, 1994.

UCHÔA, V. L. Concílio Vaticano II e presença da igreja católica na realidade brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS, 11., 2006, **Anais ...** Indaiatuba –SP: Comissão Nacional de Presbíteros, 2006.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ALBERIGO, G. O. sentido do concílio de Trento na História dos concílios, **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**. Petrópolis: v. 58, n. 231, p. 543-564, set.1998.

ANTONIAZZI, A. Notas para a história dos presbíteros no Brasil (1969-1998), **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**. Petrópolis: v. 58, n. 231, p. 597-617, set.1998.

_____. As novas diretrizes para a formação dos presbíteros na Igreja do Brasil, **Atualização, Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje**, Belo Horizonte: v. 15, n. 179/180, p. 557-570, nov./dez., 1984.

APPLE, M. W.; CARVALHO, C. E. F. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BARBOSA, W. A. **Os concílios ecumênicos e a questão religiosa no Brasil**. Dorcas do Idaiá: Ed. Luzes, 1970.

CNBB, Brasil – 500 anos diálogo e esperança: carta à sociedade brasileira e às nossas comunidades. São Paulo: Paulinas, 2000. (Documentos da CNBB, n. 65).

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil – 1999 – 2002**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, n. 61).

_____. **Evangelização e missão profética da igreja: novos desafios**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da CNBB, n. 80).

_____. **Guia pedagógico de pastoral vocacional**. São Paulo: Paulinas, 1983. (Estudos da CNBB, n. 36).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO 2, Conclusões de Medellín. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GULA, R. M. **Ética no ministério pastoral**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HOORNAERT, E. et al. **História da igreja no Brasil: primeira época**. Petrópolis: Vozes, 1983.

LIBANIO, J. B. **A arte de formar-se**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINEZ, J. L. **Sexualidade e crescimento na vida sacerdotal e religiosa**. São Paulo: Paulus, 2000.

MOREIRA, A. F. B. **Currículos e programas no Brasil**, Campinas: Papirus, 1990.

PEREIRA, L. C. B. WILHEIM, J.; SOLA, L. (Org). **Sociedade e estado em transformação**, São Paulo: Editora: UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

PEREIRA, W. C. C. **A formação religiosa em questão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RUBERT, A. **A igreja no Brasil**. Santa Maria: Palloti, 1988. Tomo III

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

SERBIN, K. Os Seminários: crise, experiências e síntese. In: SANCHIS, Pierre (Org.). **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SOARES, L. T. R. **Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VAT, O. **Princípios da igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1952.

ANEXOS

ENSINO - SEM INÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES**1. Qual a sua idade?****2. Naturalidade:***Escreva a cidade e o estado.***3. Você está cursando:** 1o ano do Ensino Médio 2o ano do Ensino Médio 3o ano do Ensino Médio Propedêutico Ex-aluno**4. Se você é um ex-aluno do sem inário, comente sobre os principais motivos que o levaram a desistir:***A questão só é pertinente se cursando = "Ex-aluno"***5. Onde passou a MAIOR PARTE de sua infância?** Na Zona Rural Numa vila/cidade com menos de 10.000 habitantes Numa cidade com menos de 20.000 habitantes Numa cidade de 20.000 a 100.000 habitantes Numa cidade com mais de 100.000 habitantes**6. Seu pai trabalha (Caso seja falecido ou aposentado, indique onde trabalhava):** Na agricultura No comércio Na indústria Outros**7. Se Outros, defina:****8. Sua mãe trabalha (Caso seja falecida ou aposentada, indique onde trabalhava):** Na agricultura No comércio Na indústria Outros**9. Se Outros, defina:**

ENSINO - SEM NÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

10. O total de rendimentos familiares é da ordem de:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Até 1 salário mínimo | <input type="checkbox"/> Mais de 1 até 3 salários mínimos |
| <input type="checkbox"/> Mais de 3 até 5 salários mínimos | <input type="checkbox"/> Mais de 5 até 10 salários mínimos |
| <input type="checkbox"/> Mais de 10 salários mínimos | |

Considere as rendas de toda a família.

11. Seu pai é (Caso seja falecido, indique qualera sua atividade religiosa):

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Engajado na Pastoral | <input type="checkbox"/> Engajado a algum Movimento ou Associação da igreja |
| <input type="checkbox"/> Apenas católico praticante | <input type="checkbox"/> Católico não-praticante |
| <input type="checkbox"/> De outra religião | <input type="checkbox"/> Sem religião |

12. Nos casos de Engajado na Pastoral, Movimento ou Associação, diga qual:

13. Sua mãe é (Caso seja falecida, indique qualera sua atividade religiosa):

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Engajada na Pastoral | <input type="checkbox"/> Engajada a algum Movimento ou Associação da igreja |
| <input type="checkbox"/> Apenas católica praticante | <input type="checkbox"/> Católica não-praticante |
| <input type="checkbox"/> De outra religião | <input type="checkbox"/> Sem religião |

14. Nos casos de Engajada na Pastoral, Movimento ou Associação, diga qual:

15. Quais os sentimentos de infância que mais lhe marcaram ?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Relacionamentos conflituosos com os pais | <input type="checkbox"/> Problemas financeiros da família |
| <input type="checkbox"/> Carência afetiva | <input type="checkbox"/> Falta de educação sexual |
| <input type="checkbox"/> Conflituosa por causa de doenças | <input type="checkbox"/> Alcoolismo na família |
| <input type="checkbox"/> Problemas com drogas na família | <input type="checkbox"/> Conflito por perda (morte do pai/mãe) |
| <input type="checkbox"/> Brigas na família/pais/irmãos | <input type="checkbox"/> Pai autoritário |
| <input type="checkbox"/> Ausência paterna | <input type="checkbox"/> Trabalho durante a infância |
| <input type="checkbox"/> Outros | |

Por favor, escolha no máximo 3 opções.

16. Se 'Outros', defina:

17. Com quem você se relaciona melhor?

- | | |
|--------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Com o pai | <input type="checkbox"/> Com a mãe |
| <input type="checkbox"/> Com os dois | <input type="checkbox"/> Nenhum dos dois |

Quantidade de irmãos

18. Masculino	<input style="width: 30px; height: 15px;" type="text"/>
19. Feminino	<input style="width: 30px; height: 15px;" type="text"/>

20. Você é o filho:

- | | |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Mais novo | <input type="checkbox"/> Do meio |
| <input type="checkbox"/> Mais velho | <input type="checkbox"/> Único |
| <input type="checkbox"/> Adotivo | |

ENSINO - SEM INÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

ATIVIDADES ANTERIORES AO INGRESSO NO SEM INÁRIO MENOR**21. Antes de entrar no Sem inário Menor você:** Trabalhou com carteira assinada Trabalhou sem carteira assinada Somente estudou**22. Cursou a maior parte do Ensino Fundamental em :** Escola Pública Colégio Católico Particular Outras Escolas Particulares**23. Se você está no Propedêutico, onde cursou a maior parte do Ensino Médio?** Escola Pública Colégio Católico Particular Outras Escolas Particulares No Sem inário**24. Já passou por outro sem inário antes desse?** Sim Não**25. Se sim, qual?****26. Enquanto cursava o Ensino Fundamental residia em :** Casa dos pais Casa de parentes Outro**27. Se Outro!, defina:****28. Tem algum parente próximo que frequentou o sem inário?** Sim Não**29. Se sim, qual o grau parentesco?****30. Com que idade sentiu a vontade de ser padre?** Antes dos 11 anos Dos 11 aos 15 anos Dos 16 aos 20 anos Com mais de 20 anos**31. Qual era sua idade ao entrar no sem inário?****32. A influência da sua família na sua vocação:** Muito positiva Pouco positiva Sem influência Negativa**33. Antes de entrar para o sem inário, participou de algum tipo de pastoral ou movimento?** Sim Não**34. Se sim, diga qual:****35. Tem alguma simpatia por algum Movimento ou Associação da igreja hoje?** Sim Não**36. Se sim, qual?**

ENSINO - SEMINÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

37. Indique quem mais o influenciou positivamente (apoiou) para sua vocação:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Pai | <input type="checkbox"/> Mãe |
| <input type="checkbox"/> Professor(a) | <input type="checkbox"/> Um religioso(a) |
| <input type="checkbox"/> Um amigo(a) | <input type="checkbox"/> Um padre |
| <input type="checkbox"/> Um missionário | <input type="checkbox"/> Um Papa |
| <input type="checkbox"/> Um Bispo | <input type="checkbox"/> Nenhum |
| <input type="checkbox"/> Outro | |

*Por favor, escolha até 3 opções.***38. Se Outro', defina:**

39. Escolha a(s) opção(ões) abaixo que mais ajudou(aram) na descoberta de sua vocação:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> A pastoral vocacional da sua paróquia | <input type="checkbox"/> O serviço a Deus e aos irmãos |
| <input type="checkbox"/> O desejo de atender ao sonho de sua família | <input type="checkbox"/> O desejo de lutar contra as injustiças sociais |
| <input type="checkbox"/> Dificuldades para conseguir emprego | <input type="checkbox"/> O amor aos pobres |
| <input type="checkbox"/> O desejo de viver uma vida santa | <input type="checkbox"/> A possibilidade de ampliar seus conhecimentos |
| <input type="checkbox"/> A desordem ou falta de estrutura familiar | <input type="checkbox"/> A realização de um desejo de infância |
| <input type="checkbox"/> Encontros vocacionais | <input type="checkbox"/> Frequência aos sacramentos |
| <input type="checkbox"/> O testemunho da igreja | <input type="checkbox"/> O exercício de um ministério |
| <input type="checkbox"/> Retiro de jovens | <input type="checkbox"/> Encontro de adolescentes |
| <input type="checkbox"/> Leituras de cunho vocacional | <input type="checkbox"/> O testemunho de algum padre |
| <input type="checkbox"/> Outro | |

*Você pode escolher mais de uma opção...***40. Se Outro', defina:**

VIDA ACADÊMICA**41. Quais os dois veículos de informação que você mais utiliza?**

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Rádio | <input type="checkbox"/> Televisão |
| <input type="checkbox"/> Revista Semanal | <input type="checkbox"/> Jornais |
| <input type="checkbox"/> Jornais religiosos | <input type="checkbox"/> Internet |
| <input type="checkbox"/> Livros | <input type="checkbox"/> Outros |

42. Se Outros', defina:

43. Sabe usar o computador?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

44. Se sim, utiliza para fazer seus trabalhos escolares?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

45. Sabe usar a Internet?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

46. Se sim, para que utiliza a internet?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Trabalhos escolares | <input type="checkbox"/> Comunicar-se por e-mail |
| <input type="checkbox"/> Leitura de notícias/atualidades | <input type="checkbox"/> Entretenimento/Jogos |
| <input type="checkbox"/> Esportes | <input type="checkbox"/> Material Adulto |
| <input type="checkbox"/> Outro | |

Você pode escolher mais de uma opção.

ENSINO - SEM INÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

47. Se Outro', defina:

48. Com relação aos estudos, onde você encontra a maior DIFICULDADE?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Ortografia | <input type="checkbox"/> Gramática |
| <input type="checkbox"/> Memorização | <input type="checkbox"/> Línguas estrangeiras |
| <input type="checkbox"/> Interpretação/Análise de textos | <input type="checkbox"/> Falta de base (conhecimento anterior) |
| <input type="checkbox"/> Organização do tempo | <input type="checkbox"/> Concentração |
| <input type="checkbox"/> Falta de interesse | <input type="checkbox"/> Ciências Exatas (Matemática, Física e Química) |
| <input type="checkbox"/> Trabalho em grupo | <input type="checkbox"/> Muito sono |
| <input type="checkbox"/> Falta o hábito de leitura | <input type="checkbox"/> Outro |
| <input type="checkbox"/> Nenhum | |

Você pode escolher até 3 opções.

49. Se Nenhum', defina:

50. Qual tipo de leitura você mais gosta de fazer?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Entretenimento (Música, história em quadrinho, etc.) | <input type="checkbox"/> Informativas/atualidades |
| <input type="checkbox"/> Espiritualidade | <input type="checkbox"/> Ciências/descobertas |
| <input type="checkbox"/> Literatura | <input type="checkbox"/> Religiosas |
| <input type="checkbox"/> Novela | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Psicologia | <input type="checkbox"/> Auto-ajuda |
| <input type="checkbox"/> Esportes | |

Você pode escolher até 3 opções.

Com o que você avalia a forma de ensino recebida no sem inário, quanto a(o):

	Excelente	Boa	Regular	Insatisfatória	Sem condições de responder
51. Humano afetiva	<input type="checkbox"/>				
52. Espiritual	<input type="checkbox"/>				
53. Comunitária	<input type="checkbox"/>				
54. Intelectual	<input type="checkbox"/>				
55. Pastoral	<input type="checkbox"/>				

56. Com que frequência você utiliza a biblioteca do sem inário?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Todos os dias | <input type="checkbox"/> Duas ou mais vezes por semana |
| <input type="checkbox"/> Uma vez por semana | <input type="checkbox"/> Duas vezes por mês |
| <input type="checkbox"/> Uma vez por mês | <input type="checkbox"/> Dificilmente vou à biblioteca |

Avalie a biblioteca do sem inário quanto a:

	Excelente	Bom	Regular	Insatisfatório
57. Estrutura física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
58. Organização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
59. Acessibilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
60. Acervo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

61. Você utiliza ou já utilizou o laboratório de informática do sem inário?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

ENSINO - SEM NÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

62. Você acha que a utilização deste laboratório pode lhe auxiliar nos estudos do semestre?

 Sim
 Não

63. Caso deseje, comente sobre a utilização do laboratório de informática:

Avalie as salas de aula quanto a(o):

	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
64. Assentos/Carteiras	<input type="checkbox"/>				
65. Lousa	<input type="checkbox"/>				
66. Iluminação	<input type="checkbox"/>				
67. Climatização	<input type="checkbox"/>				

68. Caso deseje, comente sobre as salas de aula:

69. Os professores apresentam o plano de ensino (conteúdo, metodologia, avaliações, etc) das disciplinas no início de cada semestre?

 Sim, todos
 Sim, a maioria
 Sim, a minoria
 Nenhum apresenta
 Não se responder

Avalie seus professores quanto a:

	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
70. Pontualidade (início e fim das aulas)	<input type="checkbox"/>				
71. Conteúdo utilizado	<input type="checkbox"/>				
72. Metodologia de ensino	<input type="checkbox"/>				
73. Aplicação e resolução de exercícios em sala	<input type="checkbox"/>				
74. Critérios de avaliação	<input type="checkbox"/>				
75. Didática	<input type="checkbox"/>				
76. Disposição para esclarecer dúvidas durante as aulas	<input type="checkbox"/>				
77. Material didático utilizado	<input type="checkbox"/>				
78. Explicações práticas das teorias	<input type="checkbox"/>				

ENSINO - SEMINÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

79. Na sua opinião, o que melhoraria o desempenho dos professores e o ensino das disciplinas?

80. Você acha que o material disponível para o ensino de idiomas é suficiente?

 Sim Não

81. Se não, comente:

82. Você utiliza algum material extra para o aprendizado de idiomas?

 Sim Não

83. Se sim, qual?

84. Faça comentários sobre aquilo que você acha que melhoraria o ensino de idiomas:

INTEGRAÇÃO PSICOAFETIVA

85. Você se considera um a pessoa:

 Que possui muitos amigos verdadeiros Que possui poucos amigos, mas estes são verdadeiros Que possui muitos conhecidos, mas não tem amigos verdadeiros Que tem dificuldade para relacionar-se (Que não cultiva amizades)*Por favor, escolha apenas uma opção.*

86. Com o é seu relacionamento com a maioria dos colegas do seminário?

 Muito amigável Razoavelmente amigável Pouco amigável Nada amigável

ENSINO - SEMINÁRIO - ALUNOS

Nº : _____

87. Costuma cultivar tempo para o lazer?

- Sim Não

88. Se sim, quais atividades pratica?

- Filmes Esportes
 Ouvir músicas Tocar instrumentos musicais
 Assistir televisão Leitura
 Outro

*Você pode escolher mais de uma opção.***89. Se Outro, defina:**

90. Nas relações interpessoais você se considera:

- Tímido Comunicativo
 Próximo a afetivo Inseguro
 Cauteloso Atencioso
 Espontâneo

*Você pode assinalar mais de uma opção.***91. Ao vivenciar dificuldades no campo afetivo (crise vocacional, sexualidade, relações interpessoais, etc.) você recorre, na maioria das vezes a:**

- Ninguém Padre
 Deus Amigos (leigos)
 Diretor Espiritual Seu confessor
 Reitor Alguém da família
 Nunca passou por dificuldades nesse campo

92. Para você o que significa ter uma vocação sacerdotal?

93. Você gostaria de inserir algum comentário adicional?

ENSINO - SEM INÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

1. Qual a sua idade?

2. Naturalidade:

Por favor, escreva a cidade e o estado.

3. Estado Civil

 Solteiro (a) Casado (a) Separado (a) Divorciado (a) Viúvo (a) Outros

4. Você atua com o professor do:

 Ensino Médio Propedêutico Ambos

5. Ano em que iniciou com o professor no sem inário:

6. Exerce outra atividade ligada à área educacional, além do sem inário?

 Sim Não

7. Se sim, qual/onde?

por favor, escreva qual atividade e onde é exercida.

8. Tem po de experiência com o docente:

9. Qual é sua área de formação profissional?

10. Nível de formação:

 Graduação Especialização Mestrado Doutorado

11. Antes de lecionar no sem inário, participou de algum tipo de pastoral ou movimento?

 Sim Não

12. Se sim, qual?

13. Tem algum a simpatia por algum movimento ou associação da Igreja hoje?

 Sim Não

14. Se sim, qual?

ENSINO - SEMINÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

ATIVIDADES NO SEMINÁRIO MENOR**15. Indique as opções que fazem parte de sua prática espiritual:**

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Leitura do cultivo espiritual | <input type="checkbox"/> Leitura da palavra de Deus |
| <input type="checkbox"/> Meditação | <input type="checkbox"/> Oração do terço |
| <input type="checkbox"/> Oração da manhã | <input type="checkbox"/> Oração da noite |
| <input type="checkbox"/> Celebração da Missa | <input type="checkbox"/> Adoração do Santíssimo |
| <input type="checkbox"/> Outro | |

*Por favor, escolha até 3 opções.***16. Se 'Outro', defina:**

VIDA ACADÊMICA**17. Quais os dois veículos de informação que você mais utiliza?**

- | | |
|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Rádio | <input type="checkbox"/> Televisão |
| <input type="checkbox"/> Revista Semanal | <input type="checkbox"/> Jornais |
| <input type="checkbox"/> Jornais religiosos | <input type="checkbox"/> Internet |
| <input type="checkbox"/> Livros | <input type="checkbox"/> Outros |

18. Se 'Outros', defina:

19. Sabe usar o computador?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

20. Se sim, utiliza para fazer suas atividades acadêmicas?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

21. Sabe usar a Internet?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

22. Se sim, para que utiliza a internet?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Trabalhos escolares | <input type="checkbox"/> Comunicar-se por e-mail |
| <input type="checkbox"/> Leitura de notícias/atualidades | <input type="checkbox"/> Entretenimento/Jogos |
| <input type="checkbox"/> Esportes | <input type="checkbox"/> Material Adulto |
| <input type="checkbox"/> Outro | |

*Você pode escolher mais de uma opção.***23. Se 'Outro', defina:**

24. Qual tipo de leitura você mais gosta de fazer?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Entretenimento (Música, história em quadrinho, etc.) | <input type="checkbox"/> Informativas/atualidades |
| <input type="checkbox"/> Espiritualidade | <input type="checkbox"/> Ciências/descobertas |
| <input type="checkbox"/> Literatura | <input type="checkbox"/> Religiosas |
| <input type="checkbox"/> Novela | <input type="checkbox"/> Política |
| <input type="checkbox"/> Psicologia | <input type="checkbox"/> Auto-ajuda |
| <input type="checkbox"/> Esportes | |

Você pode escolher até 3 opções.

ENSINO - SEMINÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

43. Você apresenta o plano de ensino (conteúdo, metodologia, avaliações, etc) das disciplinas no início de cada semestre?

 Sim, sempre

 Sim, na maioria das vezes

 Sim, na maioria das vezes

 Nunca apresento

APENAS RESPONDA AOS QUADROS ABAIXO SE VOCÊ É PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO.

Avalie seus alunos (ENSINO MÉDIO) quanto a:

	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
44. Pontualidade (início e fim das aulas)	<input type="checkbox"/>				
45. Formação com que chegam ao seminário	<input type="checkbox"/>				
46. Realização das atividades propostas	<input type="checkbox"/>				
47. Interesse, motivação e participação	<input type="checkbox"/>				

48. Na sua opinião, o que melhoraria o desempenho dos seus alunos (ENSINO MÉDIO) e o ensino das disciplinas?

APENAS RESPONDA AOS QUADROS ABAIXO SE VOCÊ É PROFESSOR DO PROPEDEÚTICO.

Avalie seus alunos (PROPEDEÚTICO) quanto a:

	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
49. Pontualidade (início e fim das aulas)	<input type="checkbox"/>				
50. Formação com que chegam ao seminário	<input type="checkbox"/>				
51. Realização das atividades propostas	<input type="checkbox"/>				
52. Interesse, motivação e participação	<input type="checkbox"/>				

53. Na sua opinião, o que melhoraria o desempenho dos seus alunos (PROPEDEÚTICO) e o ensino das disciplinas?

ENSINO - SEM INÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

54. Você acha que o material disponível para o ensino de idiomas é suficiente?

 Sim Não

55. Se não, comente:

56. Você utiliza algum material extra para o ensino de idiomas?

 Sim Não

57. Se sim, qual?

58. Faça comentários sobre aquilo que você acha que melhoraria o ensino de idiomas:

INTEGRAÇÃO PSICOAFETIVA

59. Você se considera uma pessoa:

 Que possui muitos amigos verdadeiros Que possui poucos amigos, mas estes são verdadeiros Que possui muitos conhecidos, mas não tem amigos verdadeiros Que tem dificuldade para relacionar-se (que não cultiva amizades)*Por favor, escolha apenas uma opção.*

60. Como é seu relacionamento com a maioria dos alunos do sem inário?

 Muito amigável Razoavelmente amigável Pouco amigável Nada amigável

61. Costuma cultivar tempo para o lazer?

 Sim Não

62. Se sim, quais atividades pratica?

 Filmes Esportes Ouvir músicas Tocar instrumentos musicais Assistir televisão Leitura Outro*Você pode escolher mais de uma opção.*

63. Se 'Outro', defina:

ENSINO - SEMINÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

64. Nas relações interpessoais você se considera:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Tímido | <input type="checkbox"/> Comunicativo |
| <input type="checkbox"/> Próximo a afetivo | <input type="checkbox"/> Inseguro |
| <input type="checkbox"/> Cauteloso | <input type="checkbox"/> Atencioso |
| <input type="checkbox"/> Espontâneo | |

*Você pode assinalar mais de uma opção.***65. Ao vivenciar dificuldades no campo afetivo (crise vocacional, sexualidade, relações interpessoais, etc.) você recorre, na maioria das vezes a:**

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ninguém | <input type="checkbox"/> Padre |
| <input type="checkbox"/> Deus | <input type="checkbox"/> Amigos (leigos) |
| <input type="checkbox"/> Diretor Espiritual | <input type="checkbox"/> Seu confessor |
| <input type="checkbox"/> Reitor | <input type="checkbox"/> Alguém da família |
| <input type="checkbox"/> Nunca passou por dificuldades nesse campo | |

66. Para você o que significa ter uma vocação sacerdotal?**67. Por favor, comente sobre os principais motivos pelos quais ocorrem as desistências dos alunos:**

ENSINO - SEM INÁRIO - PROFESSORES

Nº : _____

68. Faça um comentário sobre as aulas ministradas no sem inário:

69. Faça um comentário geral sobre os sem inaristas:

70. Você gostaria de inserir algum comentário adicional?

Anexo 2 – Convênio de Entrosagem

CONVÊNIO DE ENTROSAGEM

Termo de Convênio de Entrosagem que entre si fazem a MITRA DIOCESANA DE PRESIDENTE PRUDENTE, C.G.C 44.859.254/0029-36, pelo Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, localizado à Rua Álvares Machado, 2100, em Presidente Prudente, autorizado a funcionar pela Portaria CEI, de 19/05/80, publicada no D.O. de 20/05/80 e o Colégio Joaquim Murtinho – Sociedade Civil, - C.G.C 55.350/623.0001-86, pela EPSG “Joaquim Murtinho”, localizada à Rua XV de Novembro, n. 1146, em Presidente Prudente, autorizada a funcionar pela Portaria Ministerial 413, de 12/08/48 e reconhecida pela Portaria CEI, de 09/05/79, objetivando a integração vertical do curso de 1º Grau do Seminário diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja.”

A EPSG “Joaquim Murtinho” e o Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, ambos em Presidente Prudente e jurisdicionados à Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, Divisão Regional de Ensino de Presidente Prudente, apresentados respectivamente pelos professores João Camarini e Áurea Rodrigues da Costa Camarini, Diretores Técnicos da Mantenedora colégio Joaquim Murtinho e sua Excelência Reverendíssima Dom Antonio Agostinho Marochi, Bispo Diocesano e Pe. Johann Raphael Maria Goetz, Reitor do Seminário Diocesano, visando a conjugação de esforços e recursos humanos, para fazerem, através do sistema de entrosagem, a integração vertical do Ensino de 1º Grau do Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, consoante parceria a Lei Federal n. 5692/71 e de conformidade com as condições e as seguintes cláusulas, firmam o presente Convênio:

CLAUSULA PRIMEIRA

O presente Convênio celebrado entre Mitra Diocesana de Presidente Prudente e o Colégio Joaquim Murtinho, ambos de Presidente Prudente, visa verticalização do ensino de 1º Grau, junto ao Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, em Presidente Prudente, em regime de entrosagem, na Forma das condições estabelecidas nas suas cláusulas.

CLÁUSULA SEGUNDA

O presente Convênio terá duração de 5 (cinco) anos, conforme disposição e o Parecer CEE n. 291/83 – CEPG, com vigência a partir de 01/01/86 e a findar em 31/12/1990, podendo, entretanto, a critério dos partícipes, ser denunciado por uma das partes, com antecedência mínima de 1 (um) ano, para efeito de providências, visando assegurar a conclusão ou continuidade de estudos dos alunos matriculados.

CLÁUSULA TERCEIRA

A EPSG “Joaquim Murtinho” receberá alunos da 1ª à 4ª séries, encaminhados pelo Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, e ou pelas Paróquias da Igreja Particular de Presidente Prudente.

CLÁUSULA QUARTA

O Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, reservará vagas gratuitas aos alunos do Colégio Joaquim Murtinho, da 5ª à 8ª séries e de todo curso de 2º Grau, que se manifestarem interessados na vida eclesial.

CLÁUSULA QUINTA

Caberá ao Seminário Diocesano oferecer gratuitamente, atividades extra-curriculares aos alunos da EPSG “Joaquim Murtinho”, interessados em adquirir e ou ampliar conhecimentos nos seguintes aspectos: Latim, Grego, Alemão, Francês e Catequese Sistemática.

CLÁUSULA SEXTA

O Seminário Diocesano “Nossa Senhora Mãe da Igreja”, compromete-se ainda em permitir o uso das instalações de seu prédio escolar pela outra parte convenete para atividades de caráter esportivo – cultural e religioso.

CLÁUSULA SÉTIMA

As partes convenetes elaborarão anualmente, e em conjunto, Plano Escolar, com Calendário unificando a organização das reuniões técnico-pedagógicas e administrativas.

CLÁUSULA OITAVA

As dúvidas que surgirem na execução do presente Convênio e os casos omissos poderão ser resolvidos de comum acordo entre as partes signatários e na hipótese de não serem dirimidos, fica eleito o Sr. Delegado de Ensino da Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, para solução de quaisquer questões oriundas deste ajuste.

E, por estarem concordes, lavra-se este convênio de entrosagem que vai assinado pelos convenetes, em 5 (cinco) vias de igual teor, e pelas testemunhas, após a leitura e conformidade.

Presidente Prudente, 03 de dezembro de 1985.

Áurea Rodrigues da C. Camarini
RG 1.442.768

Dom Antonio Agostinho Marochi
Bispo Diocesano

João Camarini
Diretor - RG 4.840.185

Pe. João R. Maria Goetz
Reitor do Seminário - RG 7.541.712

TESTEMUNHAS:

Carlos Perucci
Supervisor de Ensino – RG 2.979.397

José Maria Pereira Alves
Supervisor de Ensino – RG 3.208.975

Anexo 3

Conteúdo das entrevistas realizadas com os alunos

Entrevista – Nº 1

Já vim para cá sabendo que ia bater um pouco com minhas idéias. A vida lá fora é completamente diferente daqui. A gente vem com uma idéia de Igreja e aqui aprendemos outra.

Bom! Quanto à formação recebida aqui não há que se reclamar. A didática dos professores é excelente. Posso dizer que 99% são pessoas que ensinam aquilo que vivem. São amantes da educação. É uma realidade completamente diferente de todas as escolas que já passei. A relação com eles é tão bacana que não dá nem para chamá-los de professor. É mais fácil chamar de pai, mãe irmão...

A gente consegue abrir uma visão para o mundo. A biologia, por exemplo, a gente consegue ver o outro lado da disciplina. Onde se apresenta uma supervalorização da vida e não apenas conteúdo curricular.

O sistema de avaliação é legal. Alguns professores exageram exigindo mesmo porque querem o máximo da gente. Alguns dão provas sem a gente conseguir entender tudo. Por isso, não dá para perder tempo. Há aqueles que não dão provas, avaliam a gente de muitas outras formas: participação na sala, trabalhos, etc. Eu não estava acostumado a isto não! Mais acho legal.

O professor espera que a gente aprenda mesmo o conteúdo. O professor de Filosofia, por exemplo, percebeu que os alunos não foram bem na avaliação, e daí sua cara de decepção.

Entrevista – Nº 2

Quando cheguei aqui há quatro anos atrás, vem praticamente sem nada: não tinha uma espiritualidade, não tinha uma bagagem intelectual, meu conhecimento era muito limitado. Hoje percebo que fiz uma caminhada que proporcionou o meu crescimento. Aprendi a fazer reflexões sérias, a minha espiritualidade mudou muito, agora sei o que é rezar. Acho que estou preparado para enfrentar a vida.

Eu pensava que no seminário todos fossem “anjinhos”. Mas vi que não é assim. No começo assustei, mas depois com o tempo e a convivência fui entendendo

que as pessoas tem seus problemas e dificuldades iguais aos meus. Aqui a gente encontra pessoas humanas e alguns bem complicados, difícil de aceitar.

Quanto aos professores, estes são ótimos. Eles nos proporcionam tanto um bom aprendizado como uma grande amizade. São dinâmicos em suas aulas, não brincam não. O professor, aqui dá uma aula que entrosa. Na relação com a gente não é só trabalho, e nem professor e aluno, mais amigos mesmo.

Eu acho que alguns professores têm dó da gente, não sei! Porque vejo que às vezes eles exigem pouco. Mais tudo é muito sério, trabalham com amor.

É legal, porque a gente sugere para o professor alguns conteúdos de nosso interesse e eles trazem para a sala de aula. Algumas vezes são temas da atualidade. A aula fica bem mais dinâmica porque a gente participa da escolha dos assuntos.

Só sinto falta de sair mais para a pastoral. Durante o ano letivo a gente não tem muito contato com a pastoral das paróquias, somente nas férias. Eu acho muito pouco.

Entrevista – Nº 3 -

Quando cheguei ao seminário tive uma grande surpresa, eu era o único aluno do 1º ano do ensino médio. Num primeiro momento fiquei bastante preocupado, pois vim de uma escola pública com mais de quarenta alunos numa sala. De repente me vi só em uma sala com diversos professores ensinando só para mim. Me sentia mal no início, não estava acostumado a ter aulas particulares. Pensei até em sair.

Hoje já me acostumei, mas ainda sinto a falta de um amigo para compartilhar as tarefas, as dificuldades e até mesmo alguém para dialogar na sala.

Isso, porém, me exigiu uma responsabilidade bem maior. Procurei ao máximo corresponder à dedicação dos professores. Me esforço muito para tirar boas notas.

Tenho aprendido muito. Porém, ressalto ao estudo da língua portuguesa. Estou aprendendo a falar correto.

Aqui sinto falta de um trabalho pastoral. Na minha comunidade desde muito cedo acompanhava a catequese, a pastoral dos adolescentes, a infância missionária, e aqui a gente não sai para a pastoral.

Entrevista Nº4 –

Estou no seminário há quatro anos. Fia aqui todo ensino médio e agora estou no 2º ano propedêutico.

Quando cheguei enfrentei muitas dificuldades. As aulas de língua portuguesa era um terror para mim. Quanta dificuldade! Fazer interpretação de texto, análise sintática, era coisa de outro mundo. Demorei mas aprendi a ter um método de estudos. Aqui a gente aprende ou aprende.

A caminhada no seminário me proporcionou um amadurecimento em todos os sentidos. O fundamental aqui é a formação humana. Dá-se uma importância muito grande à vivência comunitária. Saber viver com as diferenças do outro e respeitá-lo.

Os professores que tive aqui ficarão marcados pelo resto da minha vida. Foram verdadeiros mestres na arte de ensinar. O importante é que além dos conteúdos eles nos passam uma grande experiência de vida.

Entrevista – Nº 5 -

Para fazer um comentário sobre a formação oferecida no Seminário, eu começo comparando o Seminário com uma escola particular. Posso dizer que é a melhor escola que existe em Pres. Prudente, apesar de não conhecer as outras escolas. Digo isto pela qualidade de ensino, pelo corpo docente, pelo ambiente, tamanho das salas e pelo objetivo que os alunos estão aqui. Pois todos, ou quase todos, que estão aqui sabem que é para estudar mesmo. Quanto aos professores não tem enrolação na sala de aula. Desde o primeiro dia de aula ao último a coisa é muito séria. Tudo muito rígido e correto ao mesmo tempo. Não há o que reclamar. Se alguém reclama é porque está no lugar errado.

Quanto aos formadores são muito bem preparados, mas percebe-se que falta às vezes, uma tomada de decisão mais séria, principalmente com relação à disciplina.

Com relação à convivência não é tão fácil, pois, são vinte e três pessoas todo dia, toda hora. Mais no geral o clima é muito bom.

Quanto ao ensino, os professores conseguem trabalhar legal. Não são atrapalhados por bagunça, isso ajuda muito na transmissão dos conteúdos, bem como no nosso aprendizado.

A didática é bem diversificada. Alguns professores gostam de aulas expositivas, outros gostam de encher a lousa, outros aulas práticas, métodos bem diversificados. Alguns exigem a nossa participação, querem que a gente fale para perder a timidez. Querem que aprendamos a nos comunicar.

A avaliação é de fato um processo legal de medir nossos conhecimentos. Não ficam com dó da gente não. Querem o nosso bem e a nota é sempre o jeito de nos avaliar e também eles. Tem professor que fica triste quando os alunos não vão bem em sua disciplina. A avaliação é sempre uma prática daquilo que exercitamos em sala.

Entrevista – Nº 6 -

Estou no seminário há dois anos, fiz o 1º e o 2º propedêutico. Coisas que aprendi aqui nunca aprenderia lá fora. Vim de outro seminário, mas aqui é bem melhor.

O método das aulas é bem diversificado, nos ajuda muito até mesmo a lidar com nossas dificuldades. As disciplinas do propedêutico são mini-cursos. A gente vê sobre tudo: Família, História da Arte, História Geral, Informática, Ecologia, etc. É legal porque nós opinamos sobre os assuntos, ou seja, a gente escolhe o que quer estudar.

Encontrei aqui verdadeiros pais. Os professores são atenciosos com a gente. Não são estressados e nem grosseiros, parecem que estão sempre de bem com a vida. Em casa, meus pais se separam e eu nem sei muito bem o que é ter uma verdadeira família. Mas aqui encontrei nos professores um carinho, um diálogo, um conselheiro que em não casa não tive.

Agora, com relação ao clima aqui da casa é um pouco complicado. Tem gente aqui que não tem vocação, só quer estudar e às vezes não colaboram muito com o bom andamento da formação. Muitos vivem mascarados, querem enganar os formadores.

Os padres formadores não nos chamam para conversar periodicamente. Não há propostas de ajuda nos nossos problemas. Temos uma formação intelectual e espiritual excelente, mas falta uma ajuda maior na vida comunitária. O meu sonho de formação é diferente.

Saí de uma comunidade onde vivia em contato com a pastoral da comunidade. Foi a partir daí que surgiu a minha vocação. Aqui não podemos fazer pastoral.

Entrevista – Nº 7 -

Avalio a experiência recebida no seminário como uma experiência completamente nova em minha vida. Tudo positivo. Os professores não são perfeitos, mas pela generosidade que vêm dar as aulas, provam que são pessoas que tem muito amor a oferecer. Há uma grande dedicação por parte deles.

Eu vim de uma escola pública onde a relação professor-aluno era completamente diferente. Aqui eles confiam na gente, não há barreiras, há muita liberdade.

A maior falha da formação é minha mesmo. Por não levar a serio quando deveria, por não me dedicar mais à leitura e outras atividades propostas pelos professores.

Os professores não se preocupam só com o conteúdo. Há uma relação paterna e materna com os professores. Eles são compreensivos e carinhosos, se ligam muito com a nossa vida.

Maior incentivo é a credibilidade dos professores. Eles confiam muito no trabalho que fazem e na gente também. Somos avaliados constantemente e de diversos modos.

Somos avaliados constantemente. Não tem moleza não. Somos avaliados de diversos modos. Alguns professores preferem a tradicional prova escrita. Outros, chamada oral, outros diversificam entre trabalhos escritos, orais, apresentação de seminário e discussão de temas. Outros avaliam o nosso desempenho a cada aula. Eu gosto, porque a gente aprende muito assim.

Entrevista – Nº 8

Aqui no seminário é completamente diferente da escola pública. Na minha sala, por exemplo, são dez alunos. Dá pra pegar tudo aquilo que os professores passam. Os professores são altamente qualificados. Alguns são aposentados, têm uma bagagem imensa. Vieram das melhores escolas de Presidente Prudente.

Depois em casa a gente não tem nenhum incentivo para estudar. A gente não vê ninguém estudando e daí também não tem vontade de ler nada. Aqui ao ver os outros sempre lendo, fazendo tarefas, também nos animamos a fazer o mesmo. Sempre tem alguém que nos ajuda em nossas dificuldades. Os padres também estão sempre nos incentivando à leitura e aos estudos.

Vim de uma escola pública e lá não havia nenhuma cobrança e muito menos incentivo à leitura. A leitura nos abre um horizonte, nos faz enxergar melhor o mundo. Nos faz entender bem o nosso papel de cidadão. Ajuda até a entender as disciplinas na área de exatas.

Muitos seminaristas que já saíram daqui, hoje são bem sucedidos, porque a gente sai daqui com uma boa bagagem.

A maior dificuldade sentida aqui é na área de convivência. Conviver com vinte e três pessoas na mesma casa não é fácil, mas aprendi isso muito bem. Acho que depende de cada um fazer sua parte. Somos adolescentes e o comportamento de cada um é diferente, a gente tem que entender. É preciso saber partilhar tudo com os outros, até mesmo o nosso pensamento.

A metodologia das aulas que os professores propõem vão além de ser profissionais, são pais também. Não dão só matemática, português, biologia, dão lição de vida também. Ajudam-nos muito nos nossos erros.

Entrevista – Nº 9

Estou chegando ao final deste ano muito contente. Estou terminando o Ensino Médio, vou iniciar uma nova etapa. Espero poder aproveitar da formação do Propedêutico tanto quanto do Ensino Médio.

No meio ano passado, quando cursava o 2º ano do Ensino Médio, saí do seminário. Foi um momento de bobeira, queria ficar mais tempo em casa. Assim que percebi o erro que estava cometendo, pedi logo para voltar.

Para mim tudo aqui é muito bom. A formação que recebo aqui não seria possível lá fora. Não se trata somente da qualidade das aulas, dos professores, mas do ambiente de formação muito rico. Aqui a gente aprende de tudo: trabalho na horta, na limpeza da casa, na cozinha, o esporte, a espiritualidade, lições de cidadania, enfim todas as atividades nos levam a um crescimento.

Aqui eu aprendi a estudar. Antes não tinha hábito de leitura, passava longe de jornais e revistas, aliás, nem tinha condições de comprar. Aqui me delicio com as notícias dos jornais. Como a TV é restrita, não temos muito acesso, o jeito é partir para a leitura dos jornais e revistas para estar bem informado.

Poderia ter aproveitado bem mais, de vez em quando bate um certo desânimo, cansaço, mais no geral tenho aprendido muito. Estou tirando uma grande lição ara a minha vida.

No começo, eu era sozinho na sala de aula. Não tinha nenhum colega para partilhar as coisas. Era um tanto chato, mas devagar me acostumei. Só que sofri muito para aprender, principalmente, as línguas estrangeiras. O latim, por exemplo, foi por um bom tempo um terror. Agora tiro de letra. Latim é muito difícil, mais o básico eu aprendi.

O que mais valorizo no seminário é a formação da pessoa. A reflexão sobre a vida, sobre o sacerdócio que pretendo para o meu futuro.

Entrevista – Nº 10

Você me pergunta sobre a formação oferecida no seminário, como avaliar este processo. Bom, vou relatar um pouco da experiência que estou vivendo no momento, daí dá pra entender tudo.

A minha intenção aqui não é ir adiante na formação sacerdotal. Não quero ir para o seminário de Filosofia. Depois de muita reflexão cheguei à conclusão que não quero ser padre. Tem sido um processo lento de discernimento vocacional. Já há alguns meses descobri isto, mas nem por isso, deixei o seminário. Tentei de tudo: procurei viver minha vocação, procurei fazer todos os trabalhos, me dediquei à vida comunitária, procurei melhorar minha espiritualidade, mais percebi que não quero ser padre. A minha intenção no momento é terminar o terceiro ano do Ensino Médio e daí tomar outro rumo na vida.

Eu sei que se eu falar para os formadores, eles não vão entender porque quero ficar ainda mais um ano e meio aqui. Se já cheguei a conclusão de não quero ser padre, deveria sair, não é mesmo? Mas se eu sair vou perder a oportunidade que tenho estudando aqui. É uma escola de excelente qualidade, com professores altamente qualificados. Sou sincero em dizer que o que me prende aqui é a qualidade do ensino oferecido.

Se sair agora, tenho que voltar para minha cidade e enfrentar a escola pública, seria um enorme choque. Falta pouco, um ano e meio passa logo e não será nenhum sacrifício para mim, pelo contrário, será uma oportunidade que não posso deixar passar adiante na minha vida.

O objetivo desta casa é formar padres, mas não é o meu objetivo. Faço um curso de música numa escola particular patrocinado pelo seminário, pois gosto muito de violão. Se eu sair tudo isso será perdido, não posso sair agora. Esse curso de violão é fundamental para mim, o seminário me abriu esta porta e eu não posso em

hipótese alguma fechá-la. Pois minha família não tem condições de pagar este curso para mim. Se eu voltar para casa, com certeza devo trabalhar e daí tudo fica muito mais difícil. Acaba o meu projeto de escola de música que tanto gosto.

Bom! Para mim o mais importante é a formação pessoal. Algo totalmente diferente que já vi. Acho o seminário uma ótima escola, professores ótimos. Por isso, a formação pessoal que engloba a vida comunitária, intelectual, espiritual, só aqui mesmo. Nos mini-cursos temos grandes lições de cidadania, de justiça, de ética, de muita coisa útil para a vida do ser humano. Tudo aquilo que proporciona uma relação madura e respeitosa com os outros.

Na minha opinião, a escola pública não é tão ruim assim. São as pessoas que não levam a sério. O professor chega à sala e encontra bagunça, passa a matéria e segue adiante, não tem muito que fazer mesmo. Quem se interessa aprende. Lembro que vi alguns conteúdos lá na escola e aqui eles são passados com mais profundidade. É uma cobrança maior, principalmente nas avaliações.

Quando comecei a freqüentar a vida da minha paróquia, me envolvi com as pastorais. Ia às reuniões dos adolescentes, dos jovens, era muito bacana. Foi lá que comecei o meu discernimento vocacional. Estava apaixonado pela causa da Igreja. Mais esfriou um pouco aqui, acho que é pela falta de um trabalho pastoral. Sei lá? Mesmo agora, quando vou de férias eu ajudo na animação das missas, dos grupos de reflexão, faço um pouco do que posso e gosto.

APÊNDICE

GLOSSÁRIO

Ad gentes (AG): Decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja (7.12.1965). Em cinco capítulos apresenta os fundamentos doutrinários da ação missionária, descreve esta ação e a parte que nela têm as Igrejas particulares e os missionários, concluindo com orientações sobre a organização da atividade missionária e a cooperação do povo de Deus e em particular dos bispos e dos institutos de perfeição.

Ad limina: Abreviatura de ad sacra limina Apostolorum (= “aos sagrados túmulos dos Apóstolos”). Expressão usada para a visita que o bispo diocesano, em espírito de catolicidade (= de unidade com toda a Igreja), deve fazer de cinco em cinco anos a Roma, para venerar os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo, estar com o Santo Padre e apresentar-lhe o relatório do estado da sua diocese. No seu impedimento, deve fazer-se representar por um seu delegado (Código de Direito Canônico 400; cf. 395,2). Normalmente, a visita é feita em grupo de bispos do mesmo país ou região. O Papa recebe cada um individualmente. Na oportunidade, os bispos são convidados a visitar os dicastérios romanos.

Aggiornamento: (= “estar em dia”). Termo italiano que João XXIII popularizou como expressão do desejo de que a Igreja saísse atualizada do Vaticano II.

Alter Christus: (= “Outro Cristo”). São Cipriano disse que cada cristão, é «outro Cristo». É este também o significado mais profundo da vocação ao sacerdócio e da alegria para todo o novo sacerdote que é ordenado.

Bula Cum Venerabilis: - (Com veneração) Carta patente com decreto Pontifício, elaborado por ocasião da criação de novas Dioceses.

CEBs: as Comunidades Eclesiais de Base são grupos de cristãos que procuram viver o cristianismo à imitação das comunidades da Igreja primitiva. Foram promovidas após o Concílio Vaticano II, principalmente na América Latina.

Côngrua: Nome substantivado para designar, sobretudo no passado, o necessário à digna (ou “côngrua”) sustentação dos clérigos, por meio do benefício ligado ao respectivo ofício. Com a supressão do regime beneficencial, a sustentação do clero tem sido assegurada por contribuições do povo de Deus e por outros meios consoantes às circunstâncias de lugar e tempo.

Collegium: Nome para indicar um colégio destinado à formação do clero. Experiência que havia no tempo em que se realizou o Concílio de Trento (1545-1563). A criação do seminário aconteceu no dia 15 de julho de 1563, na sessão 23 deste concílio, e está descrita no cânon 18.

De Reformatione: (Do latim = Sobre a Reforma). Trata-se dos códigos de lei com 42 artigos, que pode ser considerado como a essência da reforma tridentina.

Diaconia: (Do gr. = serviço). Função ou instituição de assistência espiritual e sociocaritativa. O termo aplica-se também a outras formas de serviço na Igreja. Depois das invasões dos povos bárbaros, o aumento da miséria em Roma levou à instituição, junto dos mosteiros, de diaconias (séc. VII-IX). Estavam em geral confiadas a monges e não a diáconos. Evoluíram mais tarde até aos atuais centros paroquiais.

Escolástica:[Do latim scholastica.] Doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos sécs. IX ao XVII, caracterizadas sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã.

Desenvolveram-se na escolástica inúmeros sistemas que se definem, do ponto de vista estritamente filosófico, pela posição adotada quanto ao problema dos universais, e dos quais se destacam os sistemas de Santo Anselmo (anselmiano), de São Tomás (tomismo) e de Guilherme de Ockham (ockhamismo).

Eclesiologia: Como parte da Teologia (entenda-se aqui católica) que estuda a Igreja, é disciplina que se desenvolveu sobretudo a partir da Reforma protestante (séc. XVI), com acentuado aspecto apologético, apresentando a Igreja como sociedade perfeita, quase identificada com a hierarquia, detentora de toda a verdade e via única e necessária de salvação. Desta visão reducionista, predominante até ao séc. XIX, já o Concílio Vaticano I (1869-1870) deu sinais de libertação, mas estava reservado ao Concílio Vaticano II (1962-1965), reunido para repensar a Igreja, a visão renovada que é costume designar por eclesiologia do Vaticano II. Nela se completa a dimensão institucional, humana, visível da Igreja com a dimensão de mistério, divina e invisível; nela se apresenta a Igreja como povo de Deus e corpo místico de Cristo, de membros configurados com Cristo pelo Batismo e templos do Espírito Santo, todos responsáveis pela própria santificação e pela salvação do mundo, entre eles se diferenciando os chamados aos ministérios ordenados ou ao exercício de especiais carismas; nela a dupla dimensão humana e divina da Igreja, à semelhança de Jesus Cristo, Deus-feito-Homem, faz da Igreja sacramento, isto é, sinal e instrumento eficaz da íntima união com Deus, da unidade do gênero humano (LG 1) e da presença e atuação de Jesus Cristo ressuscitado e subido ao Céu, cumprindo a derradeira promessa dele continuar conosco até ao fim dos tempos (cf. Mt 28,20).

Gaudium et spes (GS): Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre “a Igreja no mundo atual” (7.12.1965). A primeira parte é predominantemente doutrinal sobre a condição do homem no mundo de hoje, e a segunda é de feição mais pastoral sobre questões e problemas especialmente candentes: matrimônio e família, progresso cultural, vida econômica e social, comunidade política, e paz na comunidade internacional. Numa nota ao próprio título de Constituição “pastoral”, diz-se que, sobretudo na segunda parte, além dos princípios imutáveis, há referências a elementos transitórios, o que deve ser tido em conta na interpretação do texto.

Inculturação: O Concílio Vaticano II, reunindo em reflexão conjunta, durante quatro anos, bispos de todo o mundo, mostrou-se naturalmente muito sensível à necessidade de enraizar a mensagem evangélica e a celebração da fé (liturgia) nas diversas culturas dos povos que acederam ou venham a aceder à fé católica (cf. SC 37-40).

Jansenismo: Surgido no contexto das controvérsias protestantes (sobretudo de Calvino) sobre a graça e a liberdade, o Jansenismo foi teologicamente proposto no Augustinus (1640), obra póstuma de Jansênio (1585-1638), que interpretou erroneamente certas afirmações de Santo Agostinho sobre o Pelagianismo. Segundo o Jansenismo, a graça de Deus determina irresistivelmente a liberdade humana, a qual, sem ela, não pode guardar os mandamentos (negando-se a moral natural). Apesar deste fatalismo, o Jansenismo foi a expressão mais viva do rigorismo moral nos sécs. XVII-XVIII, sobretudo na vida sacramental (adiando a absolvição aos penitentes e reduzindo o acesso à Comunhão). Condenado pelo Santo Ofício (1665-1669), foi combatido pelos Jesuítas e especialmente por São Vicente de Paulo (França) e Santo Afonso Maria de Ligório (Itália). Grande antídoto contra o Jansenismo foi a devoção ao Coração de Jesus, que experimentou grande incremento nos sécs. XVII-XVIII.

Lazaristas: Nome dado aos membros da Congregação da Missão (ou Vicentinos), pelo fato da sua primeira casa ter sido o priorado de S. Lázaro, em Paris. É uma

sociedade de vida apostólica fundada por São Vicente de Paulo, tendo como finalidades principais as missões populares e a formação de seminaristas.

Lumen gentium (LG): Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja (21.11.1964). Considerado o mais importante documento conciliar, foi longamente discutido nas 2.^a e 3.^a sessões, acabando por ser aprovado quase por unanimidade. Os seus oito capítulos estão associados dois a dois: O mistério da Igreja e a Igreja povo de Deus; Constituição hierárquica da Igreja (especialmente o Episcopado) e o Laicato; A vocação universal à santidade e A vida religiosa; O caráter escatológico da Igreja e A Bem-aventurada Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. Segundo comunicação do Secretário, esta Constituição não produziu definições dogmáticas, pelo que a sua doutrina se deve interpretar de acordo com a mente do Concílio e as regras da interpretação teológica.

Menti Nostrae – Exortação Apostólica do Papa Pio XII ao Clero do mundo católico sobre a Santidade da vida Sacerdotal . 23/09/1950.

Optatum Totius: Decreto do Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal (28. 10.1965). Partindo da convicção de que a desejada renovação da Igreja depende em grande parte de um clero bem formado, o Concílio dedicou um dos seus documentos a este assunto. Depois de apelar ao fomento das vocações sacerdotais, da responsabilidade de todo o povo de Deus, incide a atenção na formação que lhes devem assegurar os Seminários maiores, nos seus diversos aspectos, concluindo pela necessidade de posterior formação permanente.

Pastores Dabo Vobis: (=“Dar-vos-ei pastores segundo o Meu coração” - Jer 3, 15). – Exortação Apostólica Pós Sinodal de João Paulo II, ao Episcopado ao Clero e aos Fiéis sobre a Formação dos Sacerdotes nas circunstâncias atuais. – 25/03/1992.

Romanização do catolicismo: A partir do início do segundo reinado, em 1840, surgiu um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica que visava a desvincular a igreja da coroa luso-brasileira e colocá-la sob as ordens diretas da Santa Sé. Esse movimento foi incentivado pelos núncios apostólicos, estabelecidos no Brasil a partir de 1808, como representantes da Cúria Romana. Três fases caracterizam esse novo período da história da igreja no Brasil, conhecido como romanização do catolicismo: a reforma católica, a reorganização eclesiástica e a restauração católica.

Sé Apostólica ou Santa Sé: É a sé (sede) do Bispo de Roma que, na sua qualidade de sucessor do Príncipe dos Apóstolos, é também o Papa ou Chefe da Igreja Católica. No Código de Direito Canônico (361), por Santa Sé entende-se, não só o Romano Pontífice, mas ainda a Cúria Romana, por meio da qual o Papa costuma dar andamento aos assuntos da Igreja Universal (360), regendo-se pela Constituição Apostólica Pastor Bonus (28.6.1988).

Teologia da libertação: é uma escola importante e controversa na teologia da Igreja Católica desenvolvida depois do concílio Vaticano II. Ela dá grande ênfase à situação social humana. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos mais influentes proponentes desse movimento. Também o teólogo americano Cornell West e o brasileiro Leonardo Boff se destacam. O movimento foi forte durante as décadas de 60 e 70, quando se espalhou de forma especial na América Latina e entre os Jesuítas, sendo uma das orientações para o movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Sua influência tem diminuído desde que partes importantes de seu ensinamento foram rejeitadas pelo Vaticano, e a partir do crescimento do movimento da Renovação Carismática Católica.